UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

ALDO-DE-CONTOS---K

PARTIAL TITLE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.S568
S3

a 00000 79694 5

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

CARLOS SIMÕES

Saldo... de contos

50 ilustrações de
FRANCISCO VALENÇA

F. Valença

Saldo... de contos

OBRAS DO MESMO AUTOR

Com FRANCISCO VALENÇA:

CATALOGOS COMICOS: 1909 (*Tiro e Sport*), 1911 (*A Satira*), 1914-1915-1916-1917-1918-1919 (Em folhetos), 1920 (*Ilustração Portuguesa*), 1921 (*Diario de Noticias*), 1921, Aguarela — (*Diario de Noticias*, edição da noite), 1922 (*O Mundo*), 1923 (Em folheto).

FIGURAS DE BRONZE & FIGURÕES DE GESSO: (75 biografias humoristicas).

VARÕES ASSINALADOS: Album de Valença que obteve o «Grande Premio» na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922 (21 biografias humoristicas).

VOLTA (A) AO «MUNDO» EM QUINZE DIAS. (Cronicas).

Com ANDRÉ BRUN. (Teatro):

A LENDA DOS TARLATANAS: (Farça em 3 actos musicada por Pedro Blanch) 1922.

O TABELIÃO DO POTE DAS ALMAS: (Comedia em 3 actos) 1901.

A COMICA DO «PATEO DAS ARCAS»: (Opereta em 3 actos) Em preparação.

Colaboração em revistas e jornais:

Aguia, *Chinelo* (O), *Chronica* (A), *Comedia Portugueza*, *Diario de Noticias*, *Diario de Noticias* (edição da noite), *Heraldo*, *Ilustração* (A) *Portugueza*, *Jornal* (O), *Moscardo* (O), *Mundo* (O), *Satira* (A), *Tiro e Sport*, etc., etc.

C

CARLOS SIMÕES

PQ9261
.S568
S3

BMH

Saldo... de contos

(Prosa humoristica)

50 ilustrações de FRANCISCO VALENÇA

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

PRO GREGIS GLORIA
PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1924

Desta obra tiraram-se trinta exemplares, em papel especial, numerados e rubricados pelos autôres.

N.º.....

Propriedade literaria e artistica garantida em todos os paizes que aderiram á Convenção de Berne—Registado para efeitos legais nas Bibliotecas Nacionais de Lisboa e Rio de Janeiro—Direitos de tradução, reprodução e filmagem reservados.

ÁS

pessoas palidas, mal
humoradas, tristes e
neurastenicas
oferece estas
páginas alegres

O AUTOR

PROEMIO

ulgando-me suficientemente crescido e assáz nutrido para, a sós, dar um arsinho da minha graça, venho pelo meu pé mostrar-me aos olhos de V. Ex.as.

E assim não solicitei para êste livro, como é de uso e mau costume, um prefácio a nenhum eminente consagrado. Para companhia, e bôa, basta-me a do meu velho e jovem amigo Francisco Valença, que ilustrou estas prosas com cincoenta primorosos desenhos saídos do seu lapis espiritual e espirituoso.

*Este "Saldo... de contos", que vão agora em volume correr mundo, já foram publicados anteriormente n'*O Mundo, *numa secção intitulada* A semana comica. *Baptizei-os de* Saldo *por serem de um sortido de*

verão de que me quero vêr livre, impingindo-os a V. Ex.as. Sendo de tecido leve, são todavia obra. . . literaria *para lavar e durar. Não foram escritos em cima do joelho porque as joelheiras das calças algo poídas abririam bocas e ficariam a* rir-se *a bandeiras despregadas com a minha engraçada prosa.*

Foram pois alinhavados, cerzidos e passados. . . a ferro *e a limpo numa modesta secretária de casquinha, a que dois dedos de fungão emprestam um ar nobre e austero de* vieux-chêne.

Sendo um moço por indole pacato, não pretendo com esta obra fazer uma revolução em Arte. Sempre fugi a revoluções por não me sentir revolucionario. . . *civil e muito menos* incivil. *E partindo destes solidos principios básicos, direi que êste livro é moldado e fundido nas fórmas habituais dos contos humoristicos. E demáis, nada ha de novo á* luz. . . do sol *e da publicidade. Na Historia, como nos contos, os factos repetem-se. Atendendo a estas* razões. . . de peso, *escuso-me, na medida das minhas* fôrças. . . herculeas, *a meterem-me em cavalarias altas, galardoando-me, como autor*

desta obra, com o grau de cavaleiro. . . tauromaquico de qualquer. . . Ordem. *Recuso-me também, em vida, a aparecer em "Lugares Selectos",* lugares. . . comuns *ou reservados para uso de leituras escolares. E depois de morto ainda protestarei se tentarem guardar os meus restos imortais em qualquer dos varios* pantheons *nacionais em projecto.*

* *

Dedicando estas páginas de bom humor aos mal humorados, tristes, palidos e neurastenicos, faço-o na melhor das intenções humanitarias. Aos desesperados das hidroterapias, electroterapias e radioterapias, que das pias *várias já não possam piar, aconselho o uso das piadas e das pilhas. . . de graça dos meus contos para rehaverem as côres rosadas, as boas disposições e sãos risos. E se com o uso d'elas não córarem, não ficarem bem dispostos e não rirem, só lhes resta, em meu entender, experimentarem a eficácia das cocegas.*

Rir é desopilar o figado e o unico meio de afugentar tristesas. Corroborando este

douto dito, aqui transcrevo os versos do poeta comico francês, do seculo XVII, Jean François Regnard:

> *«Les moments que l'on passe à rire*
> *Sont les mieux employés de tous»*

Acêrca da moral. . . dos contos *direi que a presente obra é livro para se pôr nas mãos de todos os homens e* aos pés. . . de algumas senhoras.

XII-1923

C. SIMÕES

Uma vítima dos "carteiristas"

Em todas as semanas a crónica do roubo é o pão nosso de cada dia. São os arrombamentos com *pé de cabra*, são os assaltos á mão armada, são os contos do vigario sem conto e sem pés nem cabeça, são, emfim, os múltiplos e variados processos de fazer mão baixa. O objectivo é sempre o mesmo: empregar o mínimo esfôrço e *tirar . . . dos outros* o máximo proveito. A técnica é que varía segundo os temperamentos e circunstancias. Os processos violentos de roubar, como os de forçar portas e as costelas ao cliente, são sistemas que nem sempre caem bem nos espiritos e estomagos delicados. Os processos de imaginação e subtileza, sim; êsses são dignos da nossa admiração, quando não nos tocam pela porta e pelas algibeiras.

Ha casos de furto que valem poemas. E' sem dúvida para admirar aquele que, num segundo, num momento, se apodera, por meio de *palavras . . . mági-*

cas ou agilidade digital, do peculio de um outro que levou anos e meses de trabalhos e canceiras a ameaçá-lo. Por muito que nos pese e pise a nossa consciencia de pessoas de bem, temos de confessar que o ladrão é um esperto e o roubado um tôlo. Em materia de *Arte... de furtar* somos pelo roubo de carteiras. Entrar pela plataforma F. de um electrico e sair pela D. A. do mesmo, tendo, sómente com o *auxílio... mutuo* do indicador e do polegar, subtilizado a carteira a um cavalheiro, sem o anestesiar, sem lhe causar o mínimo incómodo físico, é ser ou não um admiravel *operador?*

Ora, a propósito destas *operações... de carteira e bôlsa,* vamos contar um caso verídico sucedido com o nosso amigo Jacinto Mota.

*

* *

O Jacinto Mota é um rapaz, não diremos novo em fôlha, mas em muito bom uso. Está na casa dos quarenta, que é uma casa de muito bons cómodos. Como um grande número de pessoas de ambos os sexos, é funcionário público. Tendo feito uma brilhante carreira burocrática, fazendo o menos possivel, está hoje colocado como *1.º oficial... de bôa vida*, na 3.ª Secção da Direcção dos «Braços Inactivos» do *Ministerio do Trabalho... é para preto.* O Mota, tambem como um grande número de pessoas vacinadas e não vacinadas, é casado, com a D. Bárbara, uma senhora sêca de carnes e pala-

vras. A esposa, possuindo algumas acções de assentamento, possue tambem fartos bens de *raiz... de cabelo.* E assim, tendo cabelo na venta, um buço respeitavel e farta barba, ainda lhe sobejam pêlos no coração. D. Bárbara é despótica e tirani-

Ele, esquecendo a D. Barbara, fez lhe de pronto uma declaração amorosa.

za o marido, não o deixando pôr pé em ramo verde nem sêco. Ela é que põe e dispõe, ela é que fala e êle escuta *atento... e venerador.* O dinheiro do vencimento do Mota é entregue integralmente á es-

posa, e é ela que o administra. A não ser para a repartição, não vão a parte nenhuma que êle não a leve atrelada. Nos sitios da Graça, onde moram, quando os vêem passar, exclamam:

— Ahi vai a Mota... e o *side-car!*

*

* *

O Mota só encontra na repartição um refúgio contra as barbaridades da D. Bárbara. E' o seu Paraiso e mais Paraiso ficou, quando lhe colocaram lá uma Eva por conveniencia de serviço. A Eva é uma dactilógrafa de primeira com atractivos tambem de primeira. O Mota, que até á data tinha sido pautado como uma folha de almaço de trinta e cinco linhas, ficou prêso pelo beiço aos atractivos da dactilógrafa, a Clarinha. Esta, tendo larga experiencia dos homens e das coisas, percebeu que tinha dado no gôto ao Mota. E pondo ao seu serviço todas as suas seduções, um dia em que a repartição estava um deserto do Sahará, sem camelos, á hora do lanche dos empregados, Clarinha, a Eva do Paraiso, não tendo ali a maçã tentadora, ofereceu ao Mota *bonbons*. Estava a tentação feita. Ele, esquecendo a D. Bárbara, fez-lhe de pronto uma declaração amorosa, cheia de *fogo... de vista*. A Clarinha respondeu-lhe que simpatisava muito com êle, mas que não concedia o seu amor de graça, já porque os tempos não iam para graças, já porque era uma senhora séria. E não estando com meias

medidas, pediu-lhe uns quatrocentos escudos para meias de seda. O Mota tinha acabado de receber o ordenado e estando-lhe nos hábitos adquiridos a obediencia passiva, entregou-lhe o dinheiro exigido, acrescentando que se lhe entregava nos braços como criança que era. A Clarinha pôz o chapeu, dizendo:

— Anda, Motazinho, meu tótózinho! Vamos ao «Restaurante Lateral», lanchar em gabinete reservado...

Aqui pomos tres asteriscos e um véu sôbre os gabinetes do «Lateral».

*

* *

Quando o Mota se despediu da Clarinha, eram horas de ir para casa. Foi então que caiu em si, e a queda foi tão alta que o deixou magoado no coração de esposo fiel. Levou a mão ao lado esquerdo e encontrou a carteira vazia. O lanche no «Lateral» e as meias da Clarinha tinham-lhe levado o ordenado. Que fazer agora? Que contas apresentar a Bárbara? Com que cara e com que dinheiro se apresentaria em casa? O pobre Mota, conjecturando, tremia como varas *verdes... e azues*. Era preciso, era absolutamente necessario arranjar uma desculpa para justificar o gasto do dinheiro. Pensou, tornou a pensar, até que uma ideia luminosa lhe atravessou a cabeça á razão de *juros... a vinte por cento ao mês*.

— *Eureka!* Achei! exclamou com os seus bo-

tões. Deito a carteira fóra e digo á Bárbara que fui roubado num electrico.

Cheio de temores e tremores, tomou uma resolução e cara de caso, batendo á porta de casa. Foi a propria D. Bárbara a abrir. O Mota enfiou, enfiado como um defunto.

— Que tens, homem? Que cara trazes!

O Mota, sem pinga de sangue, balbuciou:

— Ai... minha Barbarazinha! Que desgraça me acaba de ferir! Que nos acaba de ferir!

O tom lamentoso do Mota chocou a D. Bárbara.

— Explica-te, Mota! Que desgraça nos feriu?

Ele, vendo o interesse, continuou:

— Que perda para mim! Que perda para nós!

— Jesus! Morreu-nos alguma pessoa de familia? exclamou D. Bárbara, devéras assustada.

— Pior! Muito pior!...

— Céus! Que foi então que nos aconteceu?

— Roubaram-me no electrico a carteira com o ordenado!

E o Mota, não podendo mais, julgando que ia dar-se a explosão, deixou-se cair sem fôrças nos braços de uma cadeira sem braços.

— Coragem, Motazinho! Vamos, meu amôr! Foi uma grande perda, mas que fazer?...

Ele, mais animado por dentro, fez-se mais desanimado por fóra, fingindo que ia desmaiar. D. Bárbara, alarmada, bradou á criada:

— O' Joaquina, traga um copo de agua com açucar ao senhor, que está agoniado!

O nosso Mota, em imaginação, pulava de con-

tente. A esposa chegou-lhe aos lábios o copo. O Mota, bebendo alguns góles, arrotou á lagôsta saboreada no «Lateral», na companhia da Clarinha.

— Arrota, filho, que te faz bem. Isso é nervoso! Agora, conta-me como foste roubado.

Fingindo-se mais reanimado, começou:

— Imagina que, não havendo nenhum lugar sentado no carro, tive de ficar na plataforma que estava á cunha. Vinhamos como sardinha em tijela, quando entrou um sujeito, que, roçando-se por mim, saiu logo pela plataforma da frente. O carro não tinha dado *vinte passos* quando tive um pressentimento. Levei a mão ao bôlso e não acho a carteira: «Estou roubado!» exclamei. Foi um alvoroço entre os passageiros. Saí precipitadamente no encalço do ladrão. O condutor começou a apitar...

— Pedindo o auxílio da polícia? interrompeu D. Bárbara, muito interessada.

— Não, filhinha... Apitou para o carro andar. E eu fiquei sem dinheiro e sem carro e o gatuno tinha desaparecido. E agora que faremos, meu amôr?

— Não te rales mais, maridinho... Tenho algumas economias que devem chegar para as despesas do mês.

Escusado é acrescentar que o Mota continuou a rejubilar por dentro e a mostrar-se pesaroso por fóra. Nessa noite, no leito conjugal, dormiu esplendidamente, sonhando ora com a lagosta ora com a Clarinha.

*
* *

No fim do mês passado o Mota recebeu, como de costume, os seus vencimentos. Fugindo ás tentações, fugiu de olhar para a Clarinha, que não ti-

—Mentes, tratante! Vá! O dinheiro, senão perco-me!

rava os olhos dele. A' hora da saída, não lhe pesando o pé uma *onça... de tabaco*, tomou o carro da Graça. Estava escrito no livro do Destino,—um livro de grande formato,—que o Mota fôsse

desta vez efectivamente roubado no electrico. A scena passou-se exactamente como ele, no mês anterior, a tinha descrito á esposa. Entrou pela plataforma do carro o tal sujeito, que saiu pela frente. O Mota exclamou, o condutor apitou, o carro andou e ele ficou... roubado. Estava todavia esperançado que, perante a verdade dos factos, a esposa abrandasse as suas iras. Quando enfiou para casa ia contudo enfiado. A esposa veio abrir e ele abriu-se logo em lamentações:

— Ai! minha Barbarazinha! Que desgraça me acaba de ferir!... Que... que...

A D. Bárbara não o deixou acabar:

— Que é lá isso?! Temos outra vez a *fita* do mês passado? Venha o dinheiro, já... já!

— Mas, ó pombinha, juro-te que fui roubado!

— O' seu patife! Com quem julga você que está falando? No mês passado conheci-lhe na cara a verdade, mas hoje vejo que está mentindo descaradamente. Venha o dinheiro!...

— Não o tenho! juro-te pelo nosso amôr que fui roubado no electrico...

O Mota, com olhos tristes, a pingar como o Chafariz da Alegria, lançava olhares imploradores á esposa.

— Mentes, tratante! Vá! O dinheiro, senão perco-me!

— Não o tenho... não o tenho!

— Insistes na tua? O' Joaquina, traga a vassoura de cabo para ajustar umas contas com o senhor!

Um homem fadado para as letras...

E' de uso e mau costume atribuirmos tudo o que é mau á nossa terra, e o que é bom á terra dos outros. Isto é uma fórma de maledicencia e um *sistema... metrico* de ter a *lingua... comprida* e a *vista... curta*. Ha factos e coisas que tanto podem ser aplicados a este *jardim... zoologico* á beira-mar plantado, como ás ilhas *Sandwich... de fiambre*, como ainda a todo o *mundo... e possessões ultramarinas*. A humanidade em geral é fraca, com excepção muito honrosa para as classes dos descarregadores da alfandega e moços de fretes. Em todo o orbe terrestre ha criaturas que erraram as suas posições sociais, empregos e oficios. Uma vocação errada é um beco sem saída. Esta *maxima... da Conceição* encerra muita filosofia. Ora vejamos quantos ha que nasceram para *cavalarias altas* e que á falta de montadas e de lugares nos electricos têm de andar a

pé toda a vida! E tambem ha o contrário: peões que, dispondo de cordel comprido, dansam e cavalgam nas altas esferas. Quantos ha ainda que julgando-se com *bossa... da Veiga* para sabios, dispõem apenas de bossa para camelos? E partindo deste princípio sem fim, vemos a cada passo ministros que, pelas suas *medidas... de fazenda*, dariam optimos alfaiates, juizes a pedirem banco dos reus, gatunos que seriam excelentes banqueiros, musicos guardados para passadores de *notas... falsas*, medicos que nasceram para doentes, senhoras honestas com estofo para *cocotes*, barbeiros com dotes de oradores, escritores dispondo de pulso para escrivães da pena grande, emfím humoristas que são mais tristes que um acompanhamento de enterro. E que infinidade de sapateiros criticos, que vão além da chinela, e que multidão incomensuravel de sapateiros a tocar rabecão!

*
* *

Vamos exemplificar no heroi dêste *episodio... dramatico,* um caso como tantos de predestinação mal compreendida pelo predestinado. V. Ex.as, no decorrer da *fita... de nastro* que se vai correr, terão ocasião de apreciar como falâmos verdade no longo aranzel que nos serviu de sinfonia de abertura. Ambrosio Seda é um rapaz de falas macias como veludo. Caixeiro de modas e modos afaveis, é o enlevo das freguesas do *Combate Comercial,* da rua dos Fanqueiros. O *Combate*, que tem em

exposição á porta uma *bataria* de *peças... de panos* patentes, *lavados... e engomados,* fica no setimo quarteirão da referida rua. Minerva talhou o Ambrosio para a Arte, dando-lhe um lindo talhe

Caixeiro de modas e modos afaveis, é o enlevo das freguezas do *Combate Comercial*, da rua dos Fanqueiros

de letra e uma *virtuosidade* especial para talhar vestidos genero *tailleur*. No *Combate Comercial*, aproveitando-lhe o bastardo e o bastardinho, é ele que escreve em artisticos caracteres de fantasia aqueles preços de réclame que são um encanto pa-

ra as damas que compram, e um terror para os cavalheiros que pagam. Os letreiros são verdadeiras obras primas; é vê-los e lê-los:

ETAMINES, rede de pardais, para liquidar, metro 95$00 escudos ! ! ! STOCK colossal de CACHEMIRAS . . . BOLETOS, metro 250$00 escudos ! ! ! Saldo de zéfires em todos os «padrões . . . da Grande Guerra», metro 99$95 escudos ! ! ! AMAZONAS . . . EM SELIM RAZO, sortido completo, metro, 500$00 escudos ! ! ! Nas côres da moda, meias abertas e meias fechadas, par 140$00 escudos ! ! !

Nas exposições de branco são ouro, ao cambio 0, sôbre azul os letreiros de Ambrosio Seda. Ha sempre em frente das portas do *Combate* uma multidão parada a admirar os arabescos e floreados das vogais e consoantes do inspirado caixeiro. E' ainda a *letra* de Ambrosio que cativa as damas ao balcão, não lhes dando as clientes tempo nem *mãos... a medir voile* Ninon e outros tecidos leves.

* * *

Não pára aqui e vai mais longe a inclinação do Ambrosio para as letras. Cedo o Seda se sentiu atraído para outro genero de escrita: os trabalhos literarios, cultivando-os pelo lado do verso. Sem ser nenhum gigante, é todavia um homem á altura de dois metros: o metro linear e o metro poetico. A's vezes, no *Combate Comercial*, quando uma fregueza gentil lhe pede dois metros de renda, o

Ambrosio, confundindo as medidas e passando a mão pela grenha, entrega o embrulhinho dizendo:

— Aqui tem vocelencia dois *décasilabos*, ou sejam vinte decimetros de renda finissima e alva como a espuma, que irá tão bem nas camisas de vocelencia como iria a Venus se usasse camisa...

O forte do poeta é o teatro e sobretudo a tragedia em verso. Que sóis de gloria tem ele tido em noites de triunfo, no grupo dramatico da Costa do Castelo «Os filhos dilectos de Garrett», com a tragedia *Ester ou as judiarias praticadas na matança dos cristãos novos!* E então o sucesso que obteve o seu drama em alexandrinos, *A vingança de Pedro Cru ou D. Inês cosida... a facadas*, representado nos «Filhos predilectos de Gil Vicente», em Palma, numa récita em beneficio de um côxo que havia partido uma *perna... de pau!* Os moradores em Palma de Baixo ofereceram-lhe uma palma em cima do tablado, sublimando o valor do dramaturgo. Durante a representação cairam tantas lagrimas que, inundando um estabulo por debaixo da sala, iam pondo em risco de morrer afogados uma vaca e dois vitelos gemeos. O talento de Ambrosio tem dado no gôto e ferido os corações de muitas meninas bonitas, freqüentadoras dos grupos para onde escreve. Uma costureira de roupas brancas, que fazia a D. Inêz, perdida de amores por ele, perdeu a cabeça e tentou suicidar-se tomando uma infusão de meia grosa de fosforos de cêra. O que valeu foi os fosforos terem tambem perdido a cabeça, e como o que não mata engorda, a

pequena está hoje mais gorda e anafada do que antes.

*

* *

De sucesso em sucesso, Ambrosio Seda concebeu uma peça de maior folego, destinada a um teatro público. O dramaturgo, indo buscar, como o sr. Jaime Cortesão, ao Egas Moniz o seu assunto, encontrou mais uma faceta e um novo filão a explorar. A tragedia foi intitulada *Egas Moniz... ou dar corda para se enforcar*. Lida a um grupo de amigos e admiradores, todos foram de opinião que a levasse ao A. Cunha, empresario das *Delicias Dramaticas*. O Ambrosio, aceitando a indicação, passou a obra a limpo no seu melhor cursivo e foi levá-la ás *Delicias*. Dirigindo-se ao porteiro da *caixa*, preguntou pelo emprezario, declinando-lhe o nome e a qualidade de autor. O porteiro correu pressuroso á procura do procurado. Foi encontrá-lo no telhado, de telescopio, procurando no firmamento uma *estrela... de rabo* e outras faculdades fisicas e artisticas que o salvasse da má epoca. O A. Cunha, que tinha o teatro ás moscas, deixou o telescopio, esperançado em que a obra do recemvindo lhe trouxesse a salvação dos prejuizos. Cumprimentos trocados, entraram no escritorio da empreza. O empresario, ao vêr tirar o caderno de papel da pasta, preguntou sorrindo:

— Que temos?

— Uma peça historica em verso...

— Bravo! Venha ela! E o assunto escolhido?

— Egas Moniz!

— Perdão! Mas isso já está escrito e representado...

O empresario: — Porque não se faz V. Ex.ª professor de caligrafia?

— O meu *Egas Moniz* é outro...

— Talvez o D.or?

— Não, senhor, é o guerreiro...

— Dentista de S. Paulo?

— Perdão! E' o mesmo Egas Moniz, companheiro de *armas... e bagagens* de D. Afonso

Henriques, mas tratado mais amplamente em sete actos.

— Elucidado. Que tal, bons versos, boas scenas?

— Principalmente a do final do último acto, quando Egas, cumprindo o seu juramento, vai perante o rei de *Leão... Azedo*, de pau e corda...

— De pau e corda...?!

— Certamente. Esta escapou ao Cortesão... Egas Moniz, levando a corda para ser enforcado, é natural que levasse tambem a madeira para a forca.

— Muito bem! Muito bem!

— Quanto á familia, a filha mais velha levará ao pescoço um cordão de ouro, o que sem dúvida lhe irá bem ao parecer, e a esposa de Egas, essa trará nos braços um filho recemnascido, tendo em volta do pescocinho o *cordão... umbilical.*

— Bem achado! Temos um novo Marcelino Mesquita. Vou lêr a peça. E V. Ex.ª apareça na quinta-feira.

Foram para o Ambrosio Seda dias de fagueiras esperanças, os que faltavam para a data marcada. No *Combate Comercial* e fóra do *Combate* via-se no dia da *premiére* chamado, *palmeado... e palmilhado.*

Chegou alfim o dia ansiado. Pontual, Ambrosio deu ingresso no escritorio da empresa.

— V. Ex.ª leu a minha peça? Qual a impressão, achou a bem escrita?

— Deliciosa! Que lindo talhe de letra! Porque não se faz V. Ex.ª professor de caligrafia?

ERA FORÇOSO...

DESDE a mais tenra infancia que me habituei a ser homem metodico. E, assim, aprendi a ler pelo metodo de João de Deus, a falar chinês pelo metodo do chinês sem mestre e a tocar *rabeca... dos outros* pelo metodo universal. Ora, como homem metodico que sou, levo uma vida regrada e pautada. Fiel a êsse são princípio, tenho os dias da semana divididos para os meus afazeres e divertimentos. Nos domingos não falho ao *Baile das Sopeiras*; ás segundas sou achado no *Piramidal Club;* ás terças posso ser procurado entre as dez e as onze na *Ginjinha;* ás quartas nos corpos administrativos dos *Ascensores pelo ar comprimido*, onde os dividendos foi um ar que lhes deu; ás quintas não falto ao Conselho da Ordem de *Santo Antonio... Cabreira*; ás sextas vou ao Instituto de Sciencias Ocultas, na travessa das Bruxas, e aos sabados não ha quem me tire das reuniões

da Condessa do Vale do Rio. O palacio da condessa fica nas Laranjeiras, a dois passos do apeadeiro dos Caminhos de Ferro das mesmas auranciaceas de Setubal. No sabado passado, por hábito e costume, lá estive em cavaqueira amena com as pessoas distintas que freqüentam a reunião. Acabado de tomar o café em fino Limoges, Limoges ou Lamego, ainda não reparei bem no serviço; acendemos os charutos e repoltreámo-nos em fofos e comodos *maples*. Durante algum tempo estivemos absortos, seguindo com o olhar as espirais de fumo. Foi a Isabelinha Rosais a primeira a quebrar o silencio, batendo no ombro do Serafim, pintor modernista e preguntando-lhe:

— Em que trabalha agora o ilustre artista?

— Numa impressão estupenda... Um aspecto de Lisboa, tirado do alto da Penha, em noite escura. Imagine, Isabelinha, que só em pós de sapato já gastei cincoenta quilogramas e ainda não atingi o tom desejado... Com mais vinte e cinco quilogramas estou certo que deve dar...

Este Serafim é aquele modernista que fez um sucesso no *Salão Bobone*, com as suas telas a *Ripolin*.

A Isabelinha, voltando-se para o Silvares, romancista psicólogo, indagou tambem:

— E o mestre, que está escrevendo?

— Burilo o último capítulo do meu romance...

— Obra profunda?

— Profundissima... *O abismo dos corações* é o titulo.

A conversação esmoreceu. O silvo agudo de uma locomotiva, vindo do apeadeiro das Laranjeiras fez soltar á morena Baronesa da Fonte dos Passarinhos um grito abafado de susto. O gordo e

...viu então, com surpresa, a dama encher um cachimbo, acendê-lo e deliciar-se com boas fumaças.

calvo africanista Sampaio, que arranjou uma fortuna criando chimpanzés para o fabríco de *sabão macaco*, animou a conversação:

— A proposito do susto da baronesa, leram aquela horrivel catastrofe no caminho de ferro da Pensilvania? Um comboio de tanques de petroleo que chocou com outro onde viajavam perto de duas

mil vacas leiteiras... Foi um espectaculo pavoroso: depois do choque seguiu-se o incendio. A mais de cinco leguas de distancia o ar estava saturado do cheiro a *vacum... oil Company* e a carne assada.

A carnificina e o incendio das vacas foram o rastilho que ateou a conversação. Discutiu-se a catastrofe das vacas estufadas e depois vieram as peripecias e as aventuras em caminho de ferro, acontecidas a cada qual. A Isabelinha, com muito espirito, descreveu tambem outro choque, entre Pero Negro e Dois Portos, que a lançou nos braços de um sacerdote, com grave escandalo da respectiva ama, que se indignára, dizendo ter a Isabelinha exagerado o *sinistro*. Silvares, viajado, contou, analisando-a como psicólogo que é, uma tragedia na linha de cintura de Moscou. Fôra um guarda-freio que deixára um comboio de mercadorias tomar o *freio... nos dentes*, para se vingar do maquinista, que lhe roubára o coração da galante filha de um agulheiro. A baronesa pintou ao vivo o *flirt* com um insinuante estrangeiro, que acompanhára de Madrid a Lisboa, e que, ao chegarem á estação do Rossio, o cavalheiro fôra prêso como *rat d'hôtel*. O coronel Guerra recordou, com bom humor, uma peripecia acontecida na Andaluzia, quando andava em serviço de remonta. Fumador incorrigivel, entrára num vagão onde viajava uma senhora, tipo de creoula de Cuba que, vendo o Guerra acender um *puro*, patenteára no rosto o seu desagrado. Amavel, lançára o charuto

á linha. Passado algum tempo viu então com surpresa a dama encher um cachimbo, acendê-lo e deliciar-se com boas fumaças. Não podendo o Guerra ocultar a sua admiração, traduziu a em palavras e em português:

— Julgava que o fumo incomodava V. Ex.ª.

— E' verdade! Não tolero o fumo do charuto, mas adoro o do cachimbo.

Parecia esgotado o assunto ferroviario, quando a dona da casa, loira e formosa, apesar dos seus quarenta anos, parando de balouçar o minusculo pé, destraçou a perna e passando um olhar pelo auditorio, entreabriu a pequenina bôca, contando:

—Eu tenho tambem na minha vida, que já va longa, uma aventura em caminho de ferro. . .

Presos pelo timbre da sua voz, apertámos o círculo, dispostos a não perder uma só palavra. A condessa prosseguiu:

— Foi ha cêrca de três anos. Voltava de Coimbra, onde visitára uma velha amiga, e tomára o *rapido* do norte. Instalára-me num compartimento que não levava passageiros. O caso não era para admirar: estavamos em pleno inverno. Muito aconchegada nos meus abafos, sentara-me a um canto da carruagem. No Entroncamento já o comboio ia a retomar andamento quando do lado oposto, onde estava sentada, a portinhola foi aberta, e na precipitação, sem me vêr, um cavalheiro, voltando-se para uma senhora, lhe disse:

— Entrâmos para esta, que vem vazia. . .

Lestamente, porque o comboio começára a mo-

ver-se, entraram na carruagem. Foi ao sentarem-se que repararam em mim. Pelas caras que fizeram vi logo tê-los a minha presença desgostado. Ele, um belo tipo de rapaz, não podendo reprimir o descontentamento, batia impaciente o pé. Ela, uma interessante figurinha de morena, patenteava a sua contrariedade, amarfanhando um lenço. Ele nervoso, exclamou:

— E esta! Correu tudo tão bem e agora este desfecho . . .

A joven redarguiu:

— Que infelicidade!

Calaram-se durante algum tempo. Eu fazia mil conjecturas, sem atinar por que motivo a minha presença os contrariava. Depois trocaram algumas palavras em voz baixa; ele disse-lhe qualquer coisa, com que ela, pelos gestos, me pareceu não estar de acôrdo. Ele voltou a insistir, até que a convenceu. Então, levantou-se, e, vindo ao pé de mim, dirigiu-me a palavra sem cerimonia:

— Certamente que vai parecer extraordinario a V. Ex.ª o que lhe vou dizer . . .

Eu estava perplexa, mas sorri-me, dizendo-lhe:

— Queira explicar-se . . .

Nervosamente acendeu um cigarro. Depois continuou:

— Vou ser breve. Amo apaixonadamente a menina que me acompanha, mas o pai opõe-se ao nosso casamento. Acabo de raptá-la na vila de X... e como V. Ex.ª viu, tomámos o comboio no Entroncamento. A esta hora já o pai deve ter telegrafado ás autori-

dades e á mãe, que se encontra em Santarem. Ora... Ora, a senhora que me acompanha tem de ser minha esposa antes que o Registo Civil o confirme e um sacerdote nos abençôe. Isto é forçoso... E

...a minha vista foi atraída por um robusto *bébé*, que uma rubicunda e anafada ama levava ao cóto.

assim peço a V. Ex.ª o obsequio de abrir uma janela e de contemplar a paisagem...

E, como era forçoso, obedeci. Um frio de arripiar cortava-me as faces. Durante alguns minutos, na escuridão da noite, vi passarem fugitivas as massas negras do arvoredo...

*
* *

O comboio parou repentinamente com grande estrepito de ferragens. Tinhamos dado entrada em Santarem. Ele assomou á portinhola. Uma voz de mulher chegou-me aos ouvidos:

—Seu patife! Onde está a minha filha?

Ele não respondeu. Abriu a portinhola e saltou rapidamente para o pavimento, seguido da gentil moreninha. Uma senhora já idosa, acompanhada de dois polícias, recebeu nos braços a raptada, toda chorosa.

Deu o sinal de partida e o comboio pôs-se novamente em movimento. Ele, tirando o chapeu, saudou-me correcta e cortêsmente.

*
* *

Um ano se passou sobre a minha aventura. Uma tarde, atravessando a Avenida, a minha vista foi atraída por um robusto *bébé*, que uma rubicunda e anafada ama levava ao colo. A distancia vinham os *papás*, nos quais reconheci logo os jovens do caminho de ferro. Ele ia distraido. Ela, cruzando o olhar comigo, reconheceu-me tambem. E, córando, desviou a vista. Estava ali, ao colo da ama, a *pública... fórma* de uma certidão de matrimonio em vagão, contraído antes de ser reconhecido pelo Registo Civil e abençoado pelo sacerdote. Era forçoso...

Viagem sentimental... e culinaria

A minha vida, descrita circunstanciadamente, dava um romance de *capa... e espada*, ou melhor ainda, um livro de «aventuras policiais», às quais não sería estranha a guarda republicana. Isso, porém, levar-me-ia a contos largos, e eu não sou «mulher de contos», nem de imaginação romantica. Tambem não me inclino a «memórias» porque asseada e com *limpeza... de critério*, trago sempre a *memória... varrida*. Para as *cartas... e bilhetes postais ilustrados* sim, tenho bonita caligrafía e creio que em epístolas levaria a palma (modéstia à parte) à soror Mariana do *Alcool... Canforado*. As cartas têm, porém, um grande inconveniente: extraviam-se no correio. Dados os contras referidos e ainda por hereditariedade de raça, da nossa raça de audazes navegadores, tão propensos às aventuras de mar e terra, vou pelo género das viagens, tão cheio de impre-

vistos e emoções. E pondo pés a caminho e mãos á obra, faço as malas e as minhas despedidas, empreendendo e descrevendo «*uma viagem sentimental... e culinária*».

*

* *

Antes de entrar no assunto da minha viagem, vou levantar a ponta do veu do mistério que me envolve, deixando cair a máscara do incógnito. Chamo-me Juliana, e menina e *moça... de padeira* me trouxeram de Alcobaça. Cheguei a Lisboa entre um cabaz de peras e um tio de pera, reformado da guarda fiscal. No *Diario de Noticias* encontrei uma colocação, um lugar de criada de fóra, ao Chafariz de Dentro. A ocupação de «ama de primeiro leite» ser-me ia mais rendosa, mas para isso faltavam-me os preparatorios necessários.

A breve trecho reconheci que estava deslocada no mester. Qual outra mariposa, sentia-me atraída para o fóco luminoso da cozinha, para o fogão. Lancei fóra o avental branco e revesti-me da dalmática de riscado de cozinheira. Desde esse dia solene, vestal consagrada a alimentar o fogo da *arte... culinaria*, nunca mais larguei o abano. Não vêm agora para o caso as casas onde tenho servido. Actualmente exerço as minhas funções num predio verde-lagarto, situado mesmo ao meio da rua do Meio. Os meus patrões são novos pobres. Em vez de aplicarem o seu dinheiro no Em-

prestimo Nacional, empregaram os capitais em *fundos... de barris.* O director da Companhia tinha falta de tino e *aduela... de menos* e a empresa deu em *vaza... barris.*

Entre uma orquestra e uma cosinha ha grande analogia.

E' tempo de passarmos á cozinha e de começarmos a viagem. A minha cozinha, que está situada, mais palmo menos palmo, a dez metros de latitude sul da sala de visitas, fica paredes meias com a casa de jantar e tem um terraço com uma nespereira num caixote. Não descendo a minúcias nem subindo aos armários, acrescentarei que tem uma grande mesa forrada de zinco, que trago bri-

lhante como aço, devido aos meus braços e á «Solarine». Entre uma orquestra e uma cozinha há grande analogia. Nesta, como naquela, há instrumentos de madeira e de metal. Quando postos em execução, a semelhança é absoluta. E' vê-los e ouvi-los sôbre o fogão, não direi á luz da ribalta, mas á do coque. E' sentir o calor com que a chaleira, lançando pelo *bico... de cisne* sons de contralto, ataca a sua parte. E é escutar a panela com a sua voz cava de *baixo... da tampa*, trepidando, parecendo querer bater as asas numa *fuga... harmoniosa*. Depois, são as caçarolas com um fiosito de *azeite... e de voz* em trilos de fláuta, ligando-se melodiosamente á chiadeira das frigideiras, dando-nos a nota e as notas dos violinos.

Nos acompanhamentos temos os pratos e o bater das castanhas no assador. E nos dias de *gala... e galinha*, ainda dispomos do rolo das *massas corais e tenras*. Isso, porém, era assim em dias felizes de tempos aureos e idos. Hoje a bataria de cozinha está muda e surda, por falta de *munições de boca*. Nesta época calamitosa de carestia da vida, em que a carne custa os olhos da cara e o peixe está pela hora da morte, vive-se nesta casa de expedientes, carapaus e carneiro. E' carneiro cozido, assado, guisado, estufado, *almofadado*, e para variar já pensei em fazer *carneiro de... Moura*.

*

* *

Dadas, pois, estas explicações, começarei a mi-

nha viagem, passando defronte desta assadeira. V. Ex.as certamente não imaginam que de recordações *penosas* me traz á memória este taboleiro de ferro esmaltado. Ao vê-lo, vejo nele o Natal e

...tinha-me jurado amor eterno, entre os copos da espada e uns copos de *Colares*.

dentro dele o peru. Não irei aqui descrever zoológica e geograficamente o peru. Esta *ave... de pena* é hoje *avis rara*. Que saudosas recordações! Parece que ainda o estou a ver e a ver-me de faca na mão a degolá-lo. Como sacerdotisa da gula, competem-me estes *sacrifícios*. Quando êle en-

trava de oratório dava-lhe, para confortá-lo, uma *perua*. Era um copinho de aguardente para lhe amaciar a carne, antes de lhe dar cabo da *pele*. Que suspiros e ais me vão no coração!

Recordar o peru é lembrar-me das pernas que por um cordelinho descia ao Maximo. Por causa das pernas de peru chegou êle a pedir a minha mão. Assim que me faltaram as pernas, o ingrato passou-me o pé. Era um lindo rapaz, moreno e guarda-freio dos electricos. Fez carreira, começando por fazê-la entre Belem e os Caminhos de Ferro. Um dia, no Aterro, teve a felicidade de atropelar sete portadores de passes. Êste feito valeu-lhe o alto conceito da Companhia e fizeram-o *Maximo revisor.. comum dos electricos*. Olhando para esta caçarola de rabo, tambêm me desperta fagueiras recordações. Ainda aspiro o agradavel aroma dos frangos de fricassé e o dos borrachos com ervilhas. E a propósito, e por uma *associação ... secreta de ideias avançadas*, vejo-me na época em que o Prego, oficial de carpinteiro e libertário, me falava de amor livre.

Êste era pelas asas de frango e como elas acabassem, bateu as asas, para a cozinheira de um novo rico. Ao ver êste ralador, objecto hoje inutil e abandonado, penso no queijo Parmesão e nas *ralações* que tive por causa de um macarrão á italiana. Era o prato predilecto do Espírito Santo, ateu e presidente do «Cirio Civil» da Rua da Procissão. Este tinha-me prometido que me levava ao «Registo», mas um dia o macarrão apanhou *bispo*

e o Espírito Santo, que não podia tragar padres, ficou com o bispo na garganta e mandou-me á *missa*. Esta reluzente frigideira é evocadora de tempos que jámais voltarão. Que de sáveis, cachuchos, linguados, pescadinhas, fanecas, bezugos e peixes-espadas ali passaram! E sôbre todos o peixe-espada, êsse símbolo da autoridade, como êle brilha no meu passado, rasgando horizontes e reminiscências saudosas! Como êle me traz á memória o 97, da 2.ª do 1.º do Cabeço de Bola, em dias de grande gala, de cordões, dragonas, luvas, e arrastando a espada! Marte dera-lhe toda a magestade guerreira, e Adonis tinha-lhe dispensado todos os encantos plásticos. Era um *anjo louro da guarda... republicana*. Depois, que belo garfo era! Este tinha a predilecção das carnes frias.

Teve um grande lugar no meu coração e na mesa dos meus patrões. Muito insinuante, apoz uma grande pançada de fiambre, tinha-me jurado eterno amor, entre os copos da espada e uns copos de *Colares*. Foi para mim muito cruel esta separação. As carnes frias iam desaparecendo dos *menus* dos meus senhores e comecei a oferecer-lhe «sandwichs», tendo uma ligeira amostra de carne. A princípio ainda as foi comendo, até que um dia, muito correcto, fez as suas despedidas, alegando ser de muito alimento e dizendo que nem só de pão vive o homem... No cúmulo do desespêro, no auge da angústia, desejei ser o «*pelicano... do Monte-Pio Geral*», para arrancar e oferecer-lhe a carne do meu proprio peito. Tivemos umas des-

pedidas muito comoventes; só me lembro de haver chorado tanto quando fiz o meu primeiro picado de cebola. O 97 também chorava perdidamente como uma *criança... loura...* Emfim, em cada panela, em cada tacho, em cada caçarola, em cada frigideira que me rodeia, existe um manancial de pungentes saudades. Como são horas de dar o chá e esta *viagem sentimental... e culinaria* já vai longa, termino aqui o primeiro capítulo destas dolorosas recordações *psicológicas... e alimentares.* — *Juliana.*

Está conforme o original da *Sopa... Juliana.*

C. S.

UM ROMANTICO

O reumatismo atirou-me para os banhos de S. Paulo. E assim, todas as manhãs, passo meia hora de môlho, a 30° de temperatura. Logo nos primeiros banhos comecei a notar e a ser notado por um individuo de aspecto um tanto excentrico. Era um sujeito louro, de barba em colar e de olhos claros e doces. Não devia contar mais de trinta anos, usava um chapeu de feltro de aba larga e envergava uma sobrecasaca de córte antigo. Dir-se-ia uma reliquia dos meados do seculo passado, muito bem conservada e digna de museu.

Ao princípio crusámos os nossos olhares, depois levámos as mãos aos chapeus e ha dias preguntou-me:

— O senhor deve sofrer muito?

— Imenso! Respondi fazendo uma careta por ter posto um pé mal posto. Por cortesia preguntei-lhe tambem:

— E o senhor tambem sofre?

— Muitissimo!

— Dos braços, das pernas, das cruzes?

— Não, meu caro senhor... sofro do coração!

— Isso é grave... reumatismo articular?

— Não! Isso sim! Não sofro de reumatismo!

— Mas toma banhos?

— Tomo, mas de agua salgada.

— Molestia de pele? Doença nervosa?

— Nada, não senhor! O meu mal não é fisico, é todo moral...

— Confesso-lhe, meu caro senhor, não perceber que relação possa haver entre o seu sofrimento moral e a agua salgada....

— Eu lhe explico....

Estavamos na galaria do primeiro andar. A atmosfera era pouco agradavel, já devido ás emanações de sulfidrico, já ao calor excessivo. Sentámo-nos á espera de vez e eu estendi a perninha mais comodamente.

— Explique-se então....

— Eu venho aqui afogar as minhas máguas...

— Nos banhos de S. Paulo e numa banheira de ferro esmaltado?

— Assim mesmo! Bem sei que o lugar é improprio, prosaico e mal cheiroso... Pensei em afogá-las no Tejo, mas como de pequeno sempre tive medo da agua, revesti-me de coragem e resolvi fazê-lo aqui, em pequenas doses...

— Grandes devem ser os seus pesares para o levarem a tão tragico desespêro!

O louro desconhecido, depois de me olhar fixamente, exclamou:

Estava em pijama e queria á viva fôrça pagar me as jarras.

— O sr. deve ser pessoa séria e eu vou contar-lhe tudo, tudo.

*

* *

Então, tirando o chapeu e limpando-se do suor, principiou:

— Chamo-me Narciso, sou romantico de nascença e vivo dos meus rendimentos. Vim a êste mundo muito tarde, pois devia ter nascido no primeiro quartel do seculo passado. Estando fóra da minha época, estou tambem isolado de tudo o que me rodeia. Moro no Estoril, numa vivenda, entre pinheiros e na contemplação do mar. O interior da minha habitação, moveis e criados, são todos do gôsto e estilo de 1830. Emfim, todo o ambiente que respiro ressuma á epoca em que por temperamento e predilecção desejaria ter vivido. Cuidando das minhas flores, vivia tranquilo, tocando viola e lendo Goethe. Na mulher moderna, muito desenvolta e pouco sentimental, não encontrára a personificação do meu ideal. Pensava mesmo que morreria sem ter amado, quando ha três meses o amor me entrou pela janela, batendo as asas. Não julgue o meu amigo que se tratava do travesso Cupido que, fugido a Venus, viesse perturbar o meu isolamento. Não senhor, o que entrára em casa fôra uma linda cacatua fugida da gaiola. O passarão, que enfiára pelo meu gabinete de trabalho, foi logo reclamado por um criado de uma casa visinha. Apressado, corri logo a apanhar a ave, mas não foi sem custo que lhe deitei a mão, e só consegui fazê-lo, depois de ela me partir um par de jarras do Japão e de me bicar um dedo.

Quando cheguei ao portão levando a cacatua, já lá estava o dono, o meu visinho, o general peruano D. Pablo Hernandez. Eu não o conhecia e ele fez a sua apresentação. Era um homemzarrão trigueiro,

de grandes patilhas e farta bigodeira. Estava em pijama e queria á viva fôrça pagar-me as jarras. Eu de fórma nenhuma quis aceder, e só muito instado consenti em ir tomar chá a sua casa nessa mesma tarde. O peruano disse-me mais ainda que a fuga da cacatua deixára sua esposa ansiosa, por ter em muita estima o animalsinho. Apertámos as mãos e o general foi-se. Quando chegou a hora aprazada para o chá hesitei. Parecia adivinhar todos os sofrimentos que me estavam guardados. Fui. A vivenda do general ficava a meia dusia de passos da minha. O guerreiro sul-americano, fumando um grosso *havano*, estava á minha espera. Recebido com toda a afabilidade, conduziu-me a uma sala, onde a esposa estava estirada numa *marqueza*, tendo junto a si uma mulatinha a abaná-la com um leque de penas. A generala era uma senhora nutrida e devia orçar pelos quarenta anos. Mais clara do que o esposo, tinha uns olhos negros, sonhadores, de compridas pestanas e cerradas sobrancelhas. Ergueu-se um pouco quando lhe fui apresentado, e ao tocar-lhe na mão pequena, de pele assetinada, não sei porquê, os nossos olhares cruzaram-se. Ignoro o motivo por que córei e por que a generala tambem córou.

Servido o chá, a conversação intensificou-se. D. Pablo falou-me das guerras do seu país com os estados vizinhos, e de revoluções e fuzilamentos nas lutas intestinas. Devo-lhe dizer, meu caro senhor, que todas aquelas descrições de combates, devastações e violencias, me horrorizavam e me

punham o corpo em pele de galinha. A suave generala, conhecendo o meu tormento, derivou a conversa para outros assuntos. A breve trecho compreendemos que tinhamos as mesmas predilecções e os mesmos ideais. Em literatura os seus livros mais amados eram o *René*, de Chateaubriand, o *Adolphe*, de Benjamin-Constant, a *Lélia et Jacques*, de Georges Sand e sobretudo e sôbre todos o *Werther*, de Goethe. No curso da conversação disse-me chamar-se Carlota, o nome da heroina de Goethe, e que nunca encontrára um Werther que amasse platonicamente. Devo-lhe dizer que nesta altura o general peruano dormia profundamente numa poltrona, ressonando de cornetim.

Aproveitei o sono e o som para fazer a Carlota a mais apaixonada declaração de amôr sentimental de que a minha alma transbordava, e afirmei-lhe que até áquela data não tivera vaso onde o depositasse. Se não fôssem os seus protestos, teria ali deixado o meu coração junto das suas chinelinhas de trazer por casa. Resumindo: tornei-me íntimo da casa e durante dois mêses passei o periodo mais feliz da minha vida. O marido, tendo absoluta confiança no nosso romantismo, saía para o casino, onde passava dias e noites inteiras na roleta. Eu todas as tardes, sentado ao lado de Carlota, empunhava a viola e cantava-lhe versos da minha inspiração. Outras vezes lia-lhe trechos de Garrett, Tomás Ribeiro, e Bulhão Pato. A' despedida estendia-me a ponta dos dedos que eu osculava curvado e respeitoso. Depois ficavamos calados e quêdos,

mergulhando os nossos olhares em apaixonado extase. Então, afastava-me lentamente, com a alma cheia de fagueiras esperanças. Fiz-lhe tambem algumas serenatas, em noites de luar, cantando-lhe á

E com uma tesoura de unhas cortou-me uma madeixa.

viola o *Noivado do sepulcro*. Deixei-me disso, porque voltando para casa, já com a lua encoberta, apanhei dois pontapés na *base... da coluna vertebral* que me fizeram vêr as estrelas. Ignoro ainda hoje a que pé pertencia a bota que me agrediu pe-

las costas. Não tinha inimigos e em casa do general estimavam me, salvo o *chauffeur*, um mulato, que quando me via, arreganhava os dentes e me olhava de revés. Corria este tempo venturoso, quando o destino fatal quiz que ele não fôsse mais além. O general Hernandez recebêra um *cablograma* dos seus correligionarios mandando-o regressar urgentemente ao seu país, porque tinha chegado o momento de trincharem o Peru. Como tinha vapor no dia seguinte, o general não o queria perder. E Carlota, a minha adorada Carlota, que não tornaria a vêr! Que tristes adeus foram os nossos!

Trémulo e comovido, como iamos separar-nos para sempre, cheguei-a ao meu coração e beijei-lhe castamente a fronte. Ela, com as lagrimas a correrem lhe pelas faces, disse-me:

— Sr. Narciso, como recordação do nosso amor, deixe-me levar um anel dos seus doirados cabelos!

E com uma tesoura de unhas cortou-me uma madeixa. Isto foi para mim um grande sacrificio e uma grande prova da minha paixão por Carlota. Imagine o meu amigo que eu, nesse dia, tinha estreado um chinó novo e que, com a tesourada, se me foram tresentos escudos! Finalmente, ela partiu e fiquei no estado em que o senhor está vendo. Como lhe disse ha pouco, pensei em *enterrar... no mar* os meus pesares... mas, aproveitando a vez, vou mais uma vez afogar as maguas numa banheira. Tinha terminado a confidencia e o cavalheiro louro

dirigiu-se para uma *cabine*, emquanto que eu tomava logar noutra.

*

* *

Estive cinco dias sem tornar a vêr o sr. Narciso. Já estava admirado com a ausencia, quando hoje, uma voz conhecida me preguntou:

— Isso vai mais rijo?

Olhei então para a pessoa que me interrogava... Mas era ele, o sujeito louro. Perdão, era ele, mas já não era louro.. Que grande transformação se havia operado! O sr. Narciso tinha um chinó preto como o meu, tinha a cara rapada como a maioria dos homens e vestia como toda a gente. Voltando da minha surpresa, respondi-lhe:

— Isto ainda vai mal... Mas o senhor deve estar melhor, pois até parece outro!

— Sou outro homem, sem dúvida... Deixei de ser romantico, de ser louro e de ser tolo. E isso devo-o a isto:

E, tirando um jornal da algibeira, meteu-m'o por debaixo do nariz:

— Leia esta notícia publicada no *Poleiro do Peru*, orgão governamental peruano.

Peguei no jornal e traduzi em voz alta:

— «**Grande escandalo** — A esposa do general de reserva D. Pablo Hernandez, ex-ministro da guerra, demitido pela nossa gloriosa revolução, acaba de fugir com um mulato, seu *chauffeur*, le-

vando ainda comsigo e do cofre do marido, cem mil duros».

— Safa, que isto de cem mil duros devia ser muito duro... para o general. Comentei eu.

— Veja o meu amigo de que estofa era a tal Carlota!

— Muito pior do que a Carlota... Joaquina! Observei eu.

— Que prenda, a menina! Vá lá uma pessoa acreditar em romantismos! Naturalmente os pontapés que apanhei foram do mulato, do *chauffeur*. E por causa dela inutilizei um chinó novo!...

— E serviu de pau de cabeleira. Acrescentei eu.

Memorias de Felisberto Bravo

NÃO sei se V. Ex.as sabem que antes de eu ser o maior accionista das *Minas de Carvão... e Bolas*, director da *Companhia de Pesca nas Aguas... Turvas* e grande vulto das letras patrias, fui... (para que não confessá-lo aqui muito em segredo?) fui anarquista. E' verdade, e disso posso blasonar, sem desdouro para o meu passado politico, porque subir na escala social nunca é descer. Pois aí pelas alturas de 1907 fui, com o meu grande amigo Sant'Ana A. Lapa, um dos fundadores do «Grupo Juventude Demolidora da rua da Bombarda». O grande Sant'Ana A. Lapa que, como eu, andou na sua mocidade perdido por maus caminhos, mas tendo sempre em mente que todos os caminhos vão dar a Roma, um dia disse adeus e toma que vais para Roma ás ideias libertarias e anichou-se como director dos *Caminhos de*

Ferro... de Engomar. Eu e Sant'Ana A. Lapa somos companheiros e amigos desde os bancos da *escola... de Malatesta.* No grupo havia duas *escolas... distintas:* a de Kropotkine e a de Malatesta. Eram duas *escolas... distintas* e um só credo *verdadeiro: a pan destruição.*

Um dia, lembro-me bem, eu e o Sant'Ana fizemos *gazeta... á escola* por embirrarmos com a tese, que era, se não estou em êrro, a *conquista do pão... e queijo;* como vêem, tratava-se de uma conquista muito *substancial*, mas pouco revolucionária, e nós aspiravamos a conquistas mais radicais, como por exemplo o fim dos exercitos pela greve dos ventres femininos. aplicando-lhes as teorias de Malthus e varios especificos farmaceuticos. Devido a estas divergencias de principios, resolvemos eu, o Sant'Ana e outros dissidentes fundar a sociedade secreta o «Grupo dos Caveirinhas da Boa-Morte». Vieram adesões de toda a parte, das provincias, ilhas adjacentes e do ultramar tivemos por adepta toda uma tribu de pretos, que por serem de ideias avançadas e negras ingressaram no nosso seio. No ideal cabiam todas as raças, e quanto de mais *má raça* melhor. Usavamos papel timbrado, tarjado de luto, tendo no tôpo uma caveira com duas *tibias... de braços cruzados* e atitude pensativa. A séde do nucleo era no Largo da Boa Morte, num terceiro andar com pia na escada. Lá dentro havia sempre um cheiro a polvora, não sei se devido á pia .. se aos discursos demolidores. Uma noite chegou mesmo a haver princípio

de *incendio*, após uma oração inflamada e incendiária do *camarada* Sant'Ana A. Lapa.

*
* *

Tinhamos um jornal, orgão onde tocavamos a

O Sant'Ana A. Lapa A Esperança da Luz O Felisberto Bravo

rebate em arrebatadoras diatribes contra a velha sociedade burguesa. O jornal foi intitulado por mim *A Luz da Esperança*, em homenagem a uma camaradinha, a Esperança da Luz, que andava a praticar comnosco o amôr livre e nos emprestava o seu quarto para redacção clandestina do panfleto.

A Esperança, que era um belo temperamento revolucionario e de mulher, tendo assimilado em demasia o amôr livre, apareceu um dia de esperanças. A pobre pequena ficou a princípio desolada, mas a nossa atitude perante um acontecimento que enchia todo o grupo de orgulho, encheu-a por sua vez de alegria. Convocou-se uma assembleia geral e houve alguem que concretizou as nossas ideias, enviando para a mesa uma proposta na qual todos nós tomariamos o compromisso de *ser... pais da criança*. Posta a proposta á votação, foi aprovada por unanimidade, entre palmas e vivas.

Transigindo um pouco com as nossas ideias, para dar mais fausto ao baptizado do nosso *bébé*, resolvemos que fôsse catolico e de capa rica. Projectámos coisas sôbre a educação e futuro a dar ao pequeno; era desejo de todos, *mãe... e pais*, que fôsse um menino. Alguns opinavam que devia ser artista, pintor ou escritor, outros eram pela carreira das armas. Estava quasi assente este projecto quando o Sant'Ana nos lembrou, e com razão, que num dia de conflito com a fôrça pública, podiamos dinamitar o nosso filho ou ser por ele fuzilados. Isto sería uma tragedia horrivel! Depois de muitas ideias postas de parte por inconvenientes, chegámos á conclusão de que a melhor colocação a darmos ao nosso filho era a de capitalista.

*
* *

Um incidente lamentavel veio transtornar os

nossos planos, os nossos belos sonhos! Foi o seguinte: o rebate falso de que o nosso jornal ia ser assaltado pela polícia, fez lavrar o panico entre nós, não porque tivessemos mêdo, por que éramos rapazes de coragem e dispostos a *tudo* que não fôsse irmos presos. Diga-se de passagem que não foi a polícia que nos incomodou, fôram os nossos camaradas do «Grupo da rua da Bombarda» que, disfarçados em *agentes*, nos pregaram o susto. Foi um «salve-se quem puder». A maioria fugiu pela trapeira para casa de um vizinho. Eu, que sofro da *atracção do abismo*, não fui para o telhado, mas portei-me corajosamente, metendo-me entre o colchão e o enxergão da cama da Esperança e valentemente, ali me conservei, até que os camaradas me vieram dizer que o perigo tinha passado.

A Esperança, no meio da confusão, caíra e achara-se mal. Dias depois, em conseqüência da queda e do susto, teve um parto prematuro. Era menino, o sexo que nós aspirávamos! Foi uma desolação geral. Pusemos a bandeira a meio pau e o grupo em pêso, comigo á frente ostentando a faixa, seguido do Sant'Ana A. Lapa, empunhando um estandarte de veludo negro onde, a prata, brilhava uma caveira, rodeámos o leito da parturiente em manifestação de sentimento. A rapariga estava inconsolável com a perda do *bébé*.

Chorava, coitadinha, que parecia uma cascata. Dos nossos olhos tambem as lágrimas caíam gota a gota.

Foi então que eu, quebrando o silencio religioso, perdão, o silencio livre-pensador, disse com voz comovida, mas pautada:

— Camaradas: juntos à beira dêste leito de *dôr... de parto*, com o coração vestindo crepes...

Vozes: — Muito bem!

Continuei:

— ... enlaçados pelas mesmas ideias e caminhando para o mesmo fim, tomamos sôbre os nossos peitos de lutadores o encargo sagrado de todos, novamente, contribuirmos, dentro da medida das nossas fôrças, para darmos á «camaradinha» Esperança um novo *bébé*, mais bonito, mais loiro, mais córado, mais *olhos azuis* e mais robusto do que seu falecido irmão...

Todo o auditório, vibrando como um só homem e como um só pai, bradou:

— Apoiado! Apoiado!

Aproveitei a ocasião para chegar á bôca um copo de água que estava em cima da mesinha de cabeceira e depois prossegui:

— *Bébé* que um dia, quando homem, se orgulhe dos nossos apelidos e que seja, no futuro (nada de querer para o nosso filho situações privilegiadas) um consciente construtor da sociedade que idealisamos...

Grande entusiasmo nas fileiras.

— Apoiado! Muito bem!

Estendi a mão e acrescentei:

— Juremos, perante a nossa *camaradinha* Esperança, converter num facto a nossa promessa...

Cinquenta mãos espalmadas se estenderam e, acompanhando o gesto num unísono de cinquenta vozes, bradaram:

— Juramos!

Juremos, perante a nossa *camaradinha* Esperança, converter num facto a nossa promessa . . .

A Esperança sentou-se no leito muito comovida e confiada no nosso juramento. Agradecida, beijou me, o que equivalia, dada a minha situação de presidente, a ter beijado todos os camaradas do grupo. Êste facto glorioso ficou gravado em letras de ouro nos anais dos «Caveirinhas da Boa Morte».

Afinal, passada a convalescença, a Esperança traíu-nos vilmente, insólitamente, passando-se para o *capitalismo* nos braços de um comerciante de comissões e consignações que a pôs *por conta... própria*, mas a Providencia, que não dorme, vingou-nos, não lhe concedendo mais a graça de a fazer conceber, apesar da Esperança ter feito as melhores diligencias, tanto dentro da *conta própria* como *da... alheia.*

.....

Aquilo nos «Caveirinhas da Boa Morte» era para ir longe... Uns (os arranjistas) subiram até directores de companhias e ministros; outros (os sinceros) chegaram mais longe *ainda,* foram *parar a... Timor.*

A história triste de Adão Calisto Maldonado

Se a memoria me não falha, foi ha dez ou doze anos que conheci pela primeira vez o Adão Calisto Maldonado. E' isso; ha doze anos, agora me lembro, voltára eu da Laponia, onde instalára numerosas serrações a vapor de paus de renas. A rena não é propriamente dito um vegetal, como lhe chamaria o meu confrade, compadre, correligionario e espirituoso humorista André Brun, mas é uma *arvore* de muito boa sombra, boa madeira, bons frutos e saborosa carne. Sendo depois do fabrico do gêlo, uma das principais riquezas da região *polar... e saltar* para aquecer, é a rena um *anfibio*, um tanto arisco em vir á mão, mas que se deixa apanhar com facilidade quando um tiro certeiro o apanha em cheio. Quando domesticada, além de estufada no fôrno, tambem serve para puxar aos trenós por aquelas avenidas de gêlo sem fim. Muito dócil, dá marradinhas um

tanto mais pesadas do que as dos gatos, mas a culpa não é dela, é dos chifres.

Como me sinto bem ao recordar a Laponia! E' um florescente país, um pouco frio, mas que dispensa ventoinhas mesmo em Agosto. Que cidadãos prestaveis, os lapões! Que hospitalidade a sua! Nunca estive tão bem acompanhado como naqueles sitios desertos! Em qualquer povoação que entrasse, logo as portas se abriam para me receberem. Era casa, cama e mesa sempre posta... Depois, á hora de dormir, era o dono da casa que trazia a propria esposa para me servir de companhia durante a noite. E' uso e costume da terra. Não aceitar a oferta é para o marido a maior ofensa que se lhe póde fazer. Mudar de povoação era ter a certeza de que mudava de cama... e de mulher.

Agora reparo que tenho estado a divagar... Ora, dizia eu que conheci pela primeira vez o Adão Calisto ha doze anos. E conheci-o na farmacia da rua do Sol. Naturalmente, devido áqueles costumes patriarcais adquiridos na Laponia, estava eu por essa epoca nas melhores e mais íntimas relações com a mulher do farmaceutico. Nunca soubemos como aquilo principiou, nem eu, nem ela, nem o marido. Um desarranjo intestinal levou-me um dia a entrar na farmacia. Pedi pastilhas de goma arabica e foi ela quem me aviou. Devido talvez á goma arabica, os nossos amores ficaram pegados solidamente. O Adão Calisto Maldonado era um primo afastado do boticario, e foi ele quem m'o apresentou na farmacia. Do Adão ouvi a triste

sina e as inglorias aventuras que arquivei e hoje publíco.

*

* *

Nasce-se poeta, músico, pintor, como se nasce capitalista, gatuno de carteiras ou bombeiro voluntario. E' tudo obra de bossa. No camelo têm V. Ex.as o exemplo; podia alguem neste mundo ser *camelo* sem ter *bossa* para isso ? Certamente que não. Escusam de me objectar com a influencia do meio: isso são teorias *absurdas... e mudas*, ás quais se devem fazer orelhas moucas, porque nada dizem. Na influencia da *meia*, ainda acredito, mas é necessario que ela seja de seda e esteja muito bem esticada Quanto ao resto são historias... de sabios. A predestinação, o fatalismo e a intuição, isso sim, são *leis irrevogaveis* e certas. Portanto sendo a predestinação, o fatalismo, e a intuição factos consumados, multiplicados e provados, o Adão Calisto veio a este mundo, não para ser Adão (para isso chegava tarde) mas para ser Calisto. Ninguem melhor do que ele, em bens de fortuna, reuniria condições para ser um ente feliz nesta curta mas dificil passagem pela vida, se o destino o não tivesse predestinado para a pouca sorte. O pai, proprietario de uma loja de sola, quando morreu deixou-lhe grossos cabedais, mas como tudo se gasta, (os couros estão muito falsificados), o Calisto começou a usar e a abusar deles e ficou sem ter com que mandar deitar um par de tacões. Vem de longa data a sua má sina; bébési-

nho, a ama, apesar de chegada da provincia e de primeiro leite... sem agua, amamentava-o a *biberon* para não causar ciumes ao 27 da 4.ª do 1.º do quartel do Carmo, que não podia ver o Calisto pôr a boca onde ele punha a mão. Em instrucção primaria ficou reprovado, porque, tendo feito o problema de um condiscipulo de más contas, não lhe chegou o tempo para resolver o seu. Mais tarde foi a um concurso para aspirante da *Alfandega... da Fé*, mas levou tantos e tão bons empenhos que os membros do juri, querendo todos ser-lhe agradaveis, acabaram por se incompatibilizar entre si e votaram contra, apesar das boas provas apresentadas.

Fez-se comerciante e, como rapaz bem criado, mas malfadado, meteu-se a negociar em criação. O comercio dava, se não fôsse o piolho que deu nos galinaceos, e o Calisto, para se ver livre dos parasitas, gastou os juros e o capital na compra de pentes finos para pentear as galinhas, o que o levou a falir. *Quebrado*, foi rejeitado para oficial miliciano, não obstante a sua disposição para a carreira das armas. Casou, mas pouco tempo depois foi o primeiro a saber que era... *enganado* (geralmente dá-se o contrário); deu sorte com o procedimento da consorte... Bateu-se com o rival e ficou sem uma orelha e sem a *cara*... metade, que voou nos braços do amante. Calisto, conscio da sua *calistagem*, foi morar por cima de uma estação de incendios por causa dos fogos. Um dia, em que os bombeiros tinham saído em

serviço, a casa foi pelo ar, ficando tudo redusido a cisco. Calisto, sempre calisto, era-o até nas pequenas coisas da vida; o tempo ameaçava chuva, saía de casa de polainas, impermiavel e guarda-

O comercio dava, se não fôsse o piolho que deu nos galinaceos.

chuva, d'aí a pouco fazia um sol esplendido; saía em corpinho bem feito, chovia agua a potes; tinha pressa e queria ir á Estrela, esperava o *electrico* horas e horas e só passavam carros para a Graça. A' sexta-feira queria visitar o Senhor dos Passos; nesse dia não passavam carros senão para a Estrela; os boateiros (maldita peste!) anunciavam

revolução, não punha o pé na Baixa. Nada indicava perturbação da ordem, rebentava *bernarda* e o Calisto tinha de fugir a *quatro pés*. Em tudo e por tudo, sempre o seu mau sestro.

*

* *

Chegou o fim do fim. Sem casa, sem familia, sem dinheiro, encontrou-se absolutamente só; o misero e mesquinho pensou no suicidio, mas não o levou a efeito, porque pensou, e muito bem, que se se suicidasse não morreria.

Miseravel, sem abrigo, coberto de farrapos e cheio de fome, resolveu fazer-se prender. Na prisão, ao menos, sempre teria casa, cama e mesa. Valia bem arriscar a *liberdade* de morrer... de fome em troca desse asilo. Foi então que resolveu pôr em prática o projecto que tinha em mente; parou defronte do «Martinho» e lançando um pedregulho para o meio do café, gritou:

— Viva a revolução social!

Apanhou alguns sôcos e bengaladas dos *habitués*, repostos do susto, mas tinha conseguido o seu fim: estava prêso. Levado para o Govêrno Civil, foi presente ao juiz de instrucção. O magistrado, austero, calvo e de lunetas, ouviu-o declinar o nome e o *estado... de desgraça*. Perspicaz, de um golpe de *vista... curta* de miope, compreendeu que o Adão Calisto Maldonado não era um *inimigo... da sociedade* e portanto levou-o

a fazer a confissão completa do *atentado*. Então o Calisto, por entre lagrimas, contou toda a tragedia da sua vida de predestinado da sorte para a pouca sorte. O integro juiz, comovido profunda-

— Ponha-me este homem em liberdade!

mente com as desventuras do prêso, quando este terminou, contando o motivo que o levára a praticar o acto de rebelião, sentiu-se abalado de todo e, sem poder ocultar uma lagrima, disse-lhe:

— Coitado!... tê-lo prêso mais um momento sería a maior das injustiças.

E voltando-se para o guarda captor:

— Ponha-me este homem em liberdade!

Pô-lo em liberdade, quando ansiava por ficar prêso! Já era ser Calisto... e ter pouca sorte!

O sentimento da honra na idade da pedra

É certo e seguro que a vida, na idade da pedra, era menos *dura* do que actualmente. Isto prova que o meio nem sempre tem influência nos seus produtos. O homem pre-histórico, o troglodita, foi durante milhares de anos um ente felicíssimo. Nunca a meio do mês a esposa lhe disse naquele tom pavoroso e com aquela cara que todos lhe conhecemos:

— Olha, menino, já não tenho dinheiro para ámanhã... E nunca lh'o disse, não porque a companheira do homem primitivo fôsse mais económica, nem menos amiga de lhe dar notícias desagradáveis do que as companheiras de hoje, mas simples e unicamente porque o dinheiro ainda não tinha sido inventado. Vivendo nas cavernas ou em palhotas, os nossos antepassados jámais tiveram de aturar as exigências dos senhorios. Se ignoraram o vapor, a electricidade e o ar comprimido, respira-

ram o ar da liberdade por todos os póros e nunca conheceram a carestía da vida. Na despensa nunca lhes faltou carne para os dias de dita, nem peixe para os *dias de jejum*. Na floresta tinham as aves de *pena... e de pêlo,* e obtinham-nas dando-se apenas ao trabalho de ir buscá-las. Se tinham visitas de cerimónia, abatiam, á lança ou á frecha, dois javalís, três veados e um casal de ursos. E assim, tinham *comida de urso* e pratos variados, só com o dispendio de algumas lascas de silex.

A criada mal-criada era bicho desconhecido. Todos as tinham submissas e sem lhes custar um centavo. Quem precisava delas não anunciava nos jornais, ia a uma tribu visinha, desancava os homens e fazia das mulheres suas escravas. Como V.as Ex.as ficaram vendo, êste mundo, na época da pedra lascada, era um verdadeiro paraiso.

*

* *

Aquele dia pre-histórico, ainda que um pouco quente, estava esplendido. Batiam os relógios três horas, quando D. As saiu da sua confortavel caverna, dispensando o «auto». Na décima quinta avenida de carvalhos, já nesse tempo seculares, corria branda a viração, fazendo ondular a folhagem. A avenida era extensa e a jovem senhora começou a percorrê-la, respirando a plenos pulmões o ar da floresta. Naqueles recuados tempos sair de casa era o mesmo que dar um passeio pelo Jardim Zoo-

lógico. Havia uma pequena diferênça: era que a bicharia, não estando enjaulada, andava em liberdade, igualdade e fraternidade. E assim. D. As, para se entreter, trouxera um pacote com várias

D. Ur: — Olha quem ela é! A minha velha amiguinha As!
D. As: — Será possivel? A Ur? A minha antiga condiscipula?

goludices para os animaizinhos. Logo no comêço da avenida lhe saiu ao encontro um formidável

urso, bailando a dança do dito. A jovem afagou-o e ofereceu-lhe um pedaço de pão de ló. Um pouco mais àlém foi um soberbo casal de lobos que vieram aos saltos e abanando a cauda. A nossa troglodita meteu-lhes na dentuça bons nacos de carneiro assado. Mais uns passos dados, uma gatinha brava veio miar e dar-lhe marradinhas. D. As presenteou a *tareca* com uma lata de sardinhas de conserva. Por mais de uma vez teve de afastar do seu caminho, com a ponteira da sombrinha, sarapintadas serpentes que meigamente se lhe enroscavam nas pernas nuas. Para estes simpáticos reptís trouxera a dama saborosas empadas literárias de *coelho... de Carvalho.*

Desde o democrático pardal à águia real e da ratazana ao *touro... para curiosos*, vindos dos ares e saídos das *moitas... carrascos*, todos foram mimoseados pela gentil primitiva. Para atender aos seus protegidos, deixára por várias vezes de cumprimentar as pessoas das suas relações que passavam a pé, de carruagem, e montando mamutes puro sangue. Acabado o bôdo, D. As apressou o passo. Era ela uma jovem loura, de olhos azues, fórmas elegantes e aspecto risonho e atraente. O marido, que partira para uma caçada, deixara-a em liberdade. Vendo-se livre, a linda troglodita não cabia na *pele de urso* de rechonchuda e de alegria. Obliquava para a travéssa dos sobreiros, quando outra dama lhe atraiu o olhar. Reparando-lhe mais para o vestuário do que para a pessoa, D. As murmurou desdenhosa:

— Que pele tão ordinária! Que córte tão antigo! Aquela senhora há muito que não vê os figurinos parisienses...

A outra acercara-se, mirando tambem D. As dos pés á cabeça. Depois de muito se afirmar exclamou em voz alta:

— Olha quem ela é! A minha velha amiguinha As!

Surpreendida com a expansão, a jovem loura encarou a interlocutora, reconhecendo-a tambem.

— Será possível? A Ur? A minha antiga condiscípula?

D. Ur: — Inteirinha, como vês!

D. As: — Eu já tinha reparado em ti. . E até dissera comigo: «Que linda pele e que lindo córte aquela senhora trás!»

D. Ur: — Que amavel que és! Ha tanto tempo que não nos viamos... Que tens feito?

D. As: — Fiz o que fazem todas as meninas que saem dos colégios; namorei e casei...

D. Ur: — Tal qual como eu. E foste feliz no teu casamento?

D. As: — Verdadeiramente feliz, não... O que vale é o meu marido dar-me uma certa liberdade...

D. Ur: — Para teres um amante?

D. As: — Exacto! E tu, minha queridinha, vives bem com teu esposo?

D. Ur: — Bem, bem, não! Eu, como tu, tenho tambem um amante...

D. As: — Bravo, minha amiga! E com esse realizas as tuas aspirações?

D. Ur: — Todas... Tem apenas um defeito: é ser casado...

D. As: — Tambem o meu!.

D. Ur: — Entre duas velhas amigas de colegio não devem existir segredos... E para provar que tenho confiança em ti, vou mostrar-te um cartão dele, em que me marca uma entrevista para hoje...

D. As: — E eu um cartão em que o meu me marca um encontro ás seis da tarde...

As duas jovens trocam entre si os cartões. Depois de os percorrerem com os olhos soltam uma gargalhada.

Ambas: — Ah! ah! ah! Mas é a letra do meu marido!

D. As: — Então somos rivais?!

D. Ur: — E na nossa qualidade de esposas atraiçoadas e de mulheres primitivas, temos de nos bater á unhada, de nos morder e de arrancar os cabelos uma á outra...

D. As: — Qual historia, minha querida! Em principio estamos pagas na mesma moeda... E depois, os ridiculos, em adulterio, são sempre para os maridos... Para nós são nodoas que se tiram sem benzina... Desvanecem-se com o tempo. Isto hoje é assim e assim será daqui a vinte mil anos!...

D. Ur: — Tens carradas de razão... Olha: para provarmos mutuamente que não temos ressentimentos, vamos tomar chá á *Garrett* do bosque das tilias.

E as duas, dando o braço, desapareceram na frondosa folhagem.

*
* *

A mesma scenografia e a mesma figuração zoologica na vigesima avenida dos chorões. A scena

Ambos: — O' ceus! A minha mulher!

passa-se á mesma hora. Pela avenida segue apressado o sr. Orox, riquissimo agente de funerais e construtor de dolmens. Em sentido contrário caminha outro troglodita. O sr. Orox, fixando-o, diz para comsigo:

— Eu conheço aquela cara! O' se conheço! Mas é êle!

Quando o outro cavalheiro passava ombro com ombro, o sr. Orox exclamou em voz alta:

— O' meu caro Idi! Ha quantos anos não te punha a vista em cima!

Sr. Idi: — O' meu velho Orox! Então, cada vez mais rapaz!...

Sr. Orox: — Por onde tens andado? E que tens feito?

Sr. Idi: — Estive na Laponia, onde fiz fortuna a vender espingardas americanas aos caçadores de renas... E tu, meu Orox, rico e casado?

Sr. Orox: — Casadissimo!... Todavia, estou mal casado, o meu ideal era uma morena e casei com uma loura.

Sr. Idi: — Estás no meu caso... Eu sempre tive inclinação para as louras e casei com uma morena. O que vale é...

Sr. Orox: — Não digas mais, tens uma amante com a qual realizas as tuas aspirações...

Sr. Idi: — Isso mesmo! Arranjei uma lourinha deliciosa...

Sr. Orox: — E eu, uma encantadora morenin-nha...

Nesta altura do diálogo, o sr. Orox entala um charuto nos dentes e oferece outro ao seu amigo. O sr. Orox gasta uma caixa de fosforos sem conseguir acender o *puro*. Então, o sr. Idi fere lume com um pedaço de silex noutro de pirite e apresenta lume ao seu correligionario troglodita.

Sr. Idi: — Em materia de fogo prefiro este a todos os progressos de acender... Mas voltando ao assunto, a minha amante ainda tem mais um encanto em seu favor: é casada. E casada com um tolo que lhe dá toda a liberdade...

Sr. Orox: — Ainda nesse ponto estamos em igualdade de circunstancias... A minha tambem é casada e com um parvo, que raramente pára em casa...

Sr. Idi: — Uma ideia! Como não posso apresentar-te o original, vou mostrar-te a fotografia...

Sr. Orox: — Bem achado! E eu vou passar-te o retrato da minha lourinha.

Os dois cavalheiros, que os leitores inteligentes já devem ter adivinhado ser os maridos das sr.as As e Ur, trocam as fotografias.

Ambos: — O' céus! A minha mulher!

Surpreendidos, o espanto passa-lhes num momento. Então, são acometidos de colera, rangem os dentes e o furor faz-lhes rolar os olhos nas orbitas.

Sr. Idi: — O sr., manchando a minha honra, tornou-se o último dos biltres!

Sr. Orox: — E o sr., enxovalhando a minha dignidade, tornou se o último dos patifes!

Sr. Idi: — Hoje, como daqui a vinte mil anos, quem é *bravo... e pundonoroso* lava estas manchas com sangue...

Sr. Orox: — Por isso, vou já matá-lo como a um cão!

Sr. Idi: — E eu como a um lobo!

Os dois rivais, puxando de pistolas, alvejam-se mutuamente. Ao ouvirem-se as detonações, troglo-ditas de ambos os sexos aparecem de todos os la-dos da floresta. Um polícia apita furiosamente e um automovel da Cruz Vermelha conduz os cadaveres para a *morgue*.

O feitiço contra o feiticeiro...

NÃO ficâmos pela veracidade desta história. Foi-nos contada por pessoa de pouca confiança e pelo preço por que a comprámos a vendemos a V. Ex.as O caso passou-se na vila de X... Esta vila, como todas as vilas de Portugal, tem um rio aos pés e uma serra á cabeceira. E como todas, é berço de uma notabilidade, e tem a recomendá-la umas ruinas historicas, um santo milagroso, um magnifico vinho, deliciosos frutos e uma especialidade unica e sem rival em fabricar determinados doces. No que a vila de X... talvez faça diferença das suas congeneres, é em ter um juiz estrábico e que, na sua qualidade de tôrto, só vê o *direito... pelo avêsso*. E em ter mais, um administrador de concelho, eximio tocador de guitarra, um secretário de finanças que come os *cc* e os contribuintes nas decimas, um presidente da Câmara anão e que mete os pés para dentro,

e um tabelião surdo como uma porta. O administrador, além de guitarrista, tambem é heroi. Esta última qualidade conquistou-a ha cêrca de três meses. Fôra o caso que o tabelião viera a Lisboa tratar de negocios seus e da clientela. Estava já ausente havia dez dias, quando uma noite, das duas para as três, a vila de X... foi alarmada por um incendio em casa do tabelião. O fogo manifestara-se num sotão, onde dormiam duas criadas, que fugiram lepidas por uma trapeira para casa de um vizinho. Meia vila já rodeava o local do sinistro, e os intrepidos bombeiros voluntarios preparavam as mangueiras para o ataque, quando toda a gente viu saír da escada, por entre a fumaceira, o bravo administrador que, em piugas e mangas de camisa, sobraçava a tabeliôa, desmaiada e em trajes menores. O valoroso mancebo vinha um tanto palido, mas sereno. Pelos constantes bocejos dir-se-ia antes ter saído do *quente,* depois de um primeiro sono interrompido, do que de uma fornalha onde praticára um acto heroico. A esposa do tabelião recolheu a casa do presidente da Câmara e o administrador foi aclamado pela multidão. O incendio localizára-se no sotão. Na volta, o tabelião, muito comovido, agradeceu ao salvador da esposa o acto de abnegação. E assim, o administrador, durante muito tempo foi o homem mais falado de X... E tão falado foi que os seus inimigos politicos, os nacionalistas, diziam á bôca cheia para quem os queria ouvir:

— Então como se entende ter o administrador

saído da casa incendiada, sem ninguem o ter visto entrar? E o casaco e as botas, encontradas no quarto da tabeliôa, porque as tirou êle? Aquilo era um naufragio ou um incendio?

... sobraçava a tabeliôa, desmaiada e em trajes menores.

O que valeu foi o tabelião ser surdo como uma porta e não lhe chegarem aos ouvidos as vozes dos nacionalistas.

*

* *

Ora, no que a vila de X... é igual a todas as vilas é em ter uma loja de fazendas no meio da Praça

da Républica e outra á esquina da mesma praça. A do meio denomina-se «Grandes Armazens Ambrosio Castro» e a da esquina «Grandes Armazens Mateus Costa». Os dois comerciantes, mantendo aparentemente as melhores relações, dizem pelas costas o pior possivel um do outro. Não é para admirar, tratando-se de dois oficiais do mesmo ofício. Uma manhã, logo ao abrir o estabelecimento, quando o Costa, o da esquina, acabava de fazer uma exposição de peças de cassa, um cão aproximou-se e farejou-as. Então, como a cassa não lhe cheirasse a coelhos nem a perdizes, alçou a perninha e *orvalhou*, para desprêzo, semelhante *caça*. O Costa, que tinha na mão o metro, não estando com meias medidas, mediu o lombo do cão, desfazendo a medida linear em muitos centimetros. O pior é que ficára desarmado e não tinha com que medir as fazendas. Lembrou-se de recorrer ao colega Castro, pedindo-lhe um metro emprestado. O colega, solícito, mandou-lhe logo um, em muito bom uso.

O Castro, que não vira com bons olhos a exposição das cassas do Costa, estava fulo de inveja, quando lhe entrou na loja o sr. Melchior, secretário de finanças, o tal que come os *c c* quando valem *q q*.

— Bons dias, sr. *Astro!*

— Como está o sr. Melchior?

— Mal, *úasi* um *adaver*... Apanhei uma *onstipação* na *abeça*...

— E lá por casa, bons?

— Em *asa* menos mal .. Eu *eria* um metro de fita *en arnada* para uns almofadões da *ama*...

— Viva o luxo! Então a ama da *Bibisinha* tambem usa almofadões?

— Não, homem, não é para a ama, é para o leito...

O Castro tirou a caixa das fitas e procurando, não encontrou fita encarnada.

— Não ha, senhor Melchior...

— Bem, vou *omprá-la* ali ao *Osta*... Vá-me *ortando* seis metros de pano *uru*.

Momentos depois voltava o Melchior com a fita. O Castro teve então uma ideia: pediu a fita e mediu-a. Faltavam cinco centimetros:

— Então, sr. Melchior? Assim podem-se vender as cassas mais baratas, tirando na medida!

— Ai! o grande *achôrro* roubou-me na fita... Eu o arranjarei, *arregando-lhe* nas *ontribuições*.

O Melchior saíu bufando. Pouco depois entrava o juiz. O Castro deu-lhe logo a novidade da ladroeira do colega.

— Sabe, sr. juiz? O sr. Melchior foi comprar um metro de fita ao Costa e faltavam-lhe cinco centimetros!...

— Que me diz? E eu que tinha o Costa como pessoa de bem! Só vendo é que acredito...

— Pois aqui tem V. Ex.ª um escudo... Compre lá um metro de fita e depois medimo-la.

O juiz, que gostava de um escandalozinho, foi num pé e veio noutro. Medida a fita, faltavam-lhe inco centimetros.

— Tem razão! Se me cai no tribunal por não acatar o decreto dos lucros ilícitos, deixo-o sem camisa.

Neste momento chegaram o surdo tabelião, dando o braço ao heroico salvador da esposa, o administrador do concelho. Êste, informado pelo juiz da gatunice do Costa, não quis acreditar:

— Não pode ser! O Costa é meu correligionário e comerciante honrado!...

O tabelião, não ouvindo, preguntou:

— Que temos?

O Castro, chegando-se a êle, berrou-lhe:

— É o Costa que rouba na medida...

— O Costa tem a mulher perdida? Coitada, parecia que vendia saude!

— Não é isso!

Então o Castro mostrou-lhe o metro e com a mão espalmada, fez o sinal de *quatro soldados e um cabo*...

O tabelião compreendeu e exclamou:

— Não é possivel!

Tendo-se o administrador prontificado a ir buscar a fita, o Castro passou-lhe outro escudo. Foi e voltou num abrir e fechar de olhos. Medida, continuava a faltar.

— Vá lá uma pessoa fiar-se em aparências! Eu o arranjarei! Êle faz trabalhar o marçano nos dias de descanso... Pois verá como elas lhe mordem!

O tabelião tambem teve que dizer:

— Tenho lá no escritório uma escritura dêle para lavrar, mas agora fico de pé atrás...

O juiz saíu acompanhado do tabelião. Pouco depois dava ingresso na loja o presidente da Câmara. O Castro informou-o logo da falcatrua do rival.

— Ora, se o metro não é do Costa, mas sim do Castro, logo o rapinante é êle...

O anão, com voz de *baixo* e de presidente, pôs em dúvida o facto:

— Atendendo ao passado do Costa, só á vista acreditarei.

O Castro sacou ainda uma vez de mais um es-

cudo e o anão foi comprar a fita. Voltou, parecendo trazer asas nos pés.

Certificada a medida, havia os cinco centimetros de diferença. O anão, indignado, berrou:

— Ora o patife! A'manhã já o multo por ter um tôldo sem licença da Câmara!

*

* *

A' noite, no Club, o Castro jogava uma partida de bilhar com o administrador do concelho, rodeado pelo juiz, tabelião, secretário de finanças, e presidente da Câmara, quando entrou o Costa, da loja da esquina. Ao vêr o Castro, correu para êle de braços abertos, bradando:

— O' meu caro Castro, tenho a agradecer-lhe muito o emprestimo do seu metro!... Foi um grande favor porque hoje não tive mãos a medir fitas...

O Castro, perante a expansão do colega, empalideceu e o taco escapou-se-lhe das mãos.

O juiz disse logo para o administrador:

— Então, se o metro não é dele, o outro é que é o larapio!

O administrador, voltando-se para o presidente da Câmara, pôs-se de cócoras e disse-lhe:

— O amigo ouviu? O metro era do Castro; logo portanto o gatuno é êle...

O anão, acercando-se do secretário de finanças, trepou a um banco e comunicou lhe:

— Ora se o metro não é do Costa, mas sim do Castro, logo o rapinante é êle...

O pápa *c c* ia passar palavra ao tabelião, mas sabendo o surdo, voltou-se para os amigos e exclamou:

— Sendo o metro do *Astro*, o melro esteve-nos a *omer om* as suas *antigas!...* Em vista do *fáto*, podemos afirmar ter estado a *açoar om* a gente e isto prova ter êle em *poua* vergonha um verdadeiro *urso...*

— E mais ursos somos nós, se comprarmos na loja dele uma cabeça de alfinete que seja! — vociferou o juiz, indignado.

Está tudo falsificado...

O casamento do filho do Cação, bacalhoeiro, com a filha da viuva, da firma Borrego & Borrego, foi coisa de estrondo. Havia cinco anos que Felismina passava dias inteiros á janela, a falar ao Florencio. Á fôrça de a verem inclinada, toda a gente disse ser o matrimónio um casamento de *inclinação*. O namôro tinha principiado nas sessões de espiritismo em casa da viuva Borrego, senhora de meios de fortuna, que casára em primeiras e segundas nupcias com os irmãos Borregos. O primeiro Borrego que casára com D. Barbara falecia dois anos após o enlace, passando depois a viuva e a firma a girarem por conta do segundo Borrego, que a Parca levava tambem ao fim de dez anos de consórcio, deixando D. Barbara duas vezes viuva e com cem escúdos de rendimento por dia. A Felismina era filha do primeiro marido, mas parecia-se imensamente com o segundo, o que não

admirava por serem irmãos. A viuva recebia as pessoas amigas ás sextas feiras e, entre estas, o bacalhoeiro Cação, esposa e filho. Reunidos em tôrno de uma mesa de pé de galo faziam evocações espiritistas. O Florencio e a Felismina, sem que ninguem désse por isso, começaram a trocar olhadelas, depois contactos de mãos, e acabaram por uma confusão de *pés... de galo* debaixo da mesa. Houve porém um *espirito... santo* de orelha que avisou a D. Barbara. Esta pregou uma descompostura no bacalhoeiro e na mulher e proíbiu a entrada do Florencio em sua casa. O bacalhoeiro, vexado com o caso, disse indignado para a D. Barbara:

— Creia, minha senhora, que jámais descerei da minha dignidade, subindo mais ao seu terceiro andar!

A Felismina desmaiou e D. Barbara fez explosão, chamando-lhe negociante de bacalhau fedorento e avariado. A bacalhoeira, vendo o esposo ferido na sua dignidade comercial, meteu a colherada:

— Coitada, tem medo que lhe comam a filha! Cria-a para freira!... Ora a doutora de capêlo!...

— De capêlo?! De capela... e tabacos, acrescentou, enfurecido, o bacalhoeiro, aludindo aos principios de D. Barbara, que, antes da *Borregada,* tinha sido capelista nas Cruzes da Sé.

Ferida na sua prosapia, D. Barbara foi desmaiar para junto da filha. Passados cinco anos, o Florencio, a quem o pai deixára o negócio e que fizera fortuna, caíra finalmente no agrado de D. Barbara, e esta consentira no casamento.

*

* *

O Florencio e a Felismina estavam casados ha

— De capêlo?! De capela... e tabacos, acrescentou, enfurecido, o bacalhoeiro.

seis meses, sem que nenhum eclipse viesse ofuscar-lhes a lua de mel. Viviam num éden, sem zangas, sem mal-entendidos; o que um queria, queriam os dois. A Felismina, muito prendada, tocava piano, e como tinha um fiosito de voz, cantava *romanzas* com muito sentimento. Os afazeres do Florencio é

que amiudadas vezes o obrigavam a afastar-se do lar. Agora estivera êle cinco dias na Figueira da Foz, numa descarga de bacalhau, e voltára no *rapido* das onze que chegára ás duas da madrugada. Apesar de chegar tarde, chegava cedo, porque antecipára a sua vinda em dois dias. Quando chegou ao Rossio já não havia meios de condução.

— O que vale é não ser longe. Mau! parece que temos chuva, o céu está tão carregado!

Monologando, o Florencio meteu pés a caminho. Voltando os seus pensamentos para a esposa, que devia estar agora no seu primeiro sono, pensou:

Que surpresa! Ela, que só me espera na quarta-feira! Que anjo! E' o modêlo das esposas! Tão boa, que até nem quer que eu me preocupe com as pequenas coisas da vida. E' ela que vai ao alfaiate, escolhe as fazendas e manda fazer os fatos á sua vontade. Com os chapeus é o mesmo... Emfim, tudo o que eu visto ela compra. Só me queixo de me fazer rapar o bigode... Eu que o tinha em tanta estimação!... Vai principiar a chover, já me caiu um pingo no nariz. E eu sem chapeu de chuva. A'manhã só entro no armazem ao meio dia. Necessito de uma sonéca reparadora desta noitada... E o diabo da chuva, é cada gota do tamanho dos cinco tostões que Deus haja! A minha esposa ideal... Raios partam a chuva, temo-la pegada. A última carta que recebi dela era anunciando que me mandára fazer um fato côr de pinhão... Que carga de agua! Felizmente que estou na Praça da

Alegria e defronte da minha casa. Eis-me chegado. Eu que não trago chave do trinco! Se aparecesse ao menos o guarda noturno. . Com a campainha vou acordar todo o predio. Deixá-lo; não posso passar aqui o resto da noite á chuva, com uma esposa ideal lá em cima no quarto...

O Florencio toca três vibrantes campainhadas. Espera três minutos metido no humbral.

— Naturalmente a Felismina está no melhor do seu soninho e a preguiçosa da criada ferrada no sono...

Toca mais três campainhadas. Espera mais cinco minutos.

— Parece o sono da morte!

Ainda mais três vibrantissimas campainhadas

— Estou encharcado! Valha-me Deus! Estará a Felismina doente? E eu sem guarda-chuva, nem guarda noturno!

*

* *

Numa confortavel salinha estão Felismina e Mario enlaçados, beijando-se prolongadamente nos labios. A história desta traição é simples: Mario tanto andou atráz da Felismina que a apanhou. Verdade seja que ela tambem lhe não fugiu. Era a conseqüencia do ditado «agua mole em pedra dura tanto dá até que fura». A luz de uma lampada electrica, velada por um *abat-jour* de vidrilhos policromos, deixava o encantador par numa meia tinta.

— Basta, amorzinho; basta de beijos e abraços, que me sufocas... Basta, Mario, basta...

Cessando de beijar Felismina, Mario preguntou então:

— Dize-me, lindinha, a última carta do teu marido anunciava que chegava na...?

— Na quarta feira...

— Já na quarta! Maldita praga são os tais maridos... Se não fôssem necessarios para haver mulheres casadas, eram bem exterminados... Que esplendida ideia eu tive, para que os nossos amores não dessem nas vistas da vizinhança, dizer-te para fazeres com que o teu marido use fatos iguais aos meus.

— E assim, tens cá entrado em casa dezenas de vezes, sem seres apercebido...

O relogio da salinha bateu duas horas.

— Vamo-nos deitar, lindo amor!

E o Mario, pegando na Felismina ao colo, levou-a para o quarto de dormir. Mal se tinham acabado de deitar quando três fortes campainhadas se ouviram na porta da rua.

— Quem será?! exclamou Felismina assustada.

— Deus queira que não seja o teu marido.

— Não me digas isso! O' Julia, ainda está a pé?

No corredor a criada respondeu:

— Estou sim, minha senhora.

— Olhe, vá á janela de peitos e veja quem é.

Lá em baixo ressoaram outras três campainhadas. A Julia voltou a correr, cheia de atrapalhação.

— Pela cabeça parece o senhor!

O Mario, saltando da cama admirado:

— Pela cabeça?

— Pelo chapeu, que é igual ao seu...

— Então é êle! Estou perdido! Ora quem me

— Um côco que me custou cem escudos!

mandaria a mim andar a fazer a côrte a uma mulher casada?...

Lá em baixo ainda mais três vibrantíssimas campainhadas ressoam.

A Felismina, saltando tambem da cama:

— Vai deitar o predio abaixo! Onde esconder-te? Mete-te ali no guarda-vestidos... Mas vais ficar sem ar, Mario.

— Sem armario ficas tu; aquilo é tão frágil que o arrebento.

— Esconde-te então no quarto de *toilette*.

— Isso! Boa ideia! Levo a roupa de braçado e escondo-me atrás dum reposteiro. Quando o bruto do teu marido dormir visto-me e... rua.

A Felismina enfiou-se novamente na cama e Julia puxou a corda.

*

* *

Florencio, como um pinto, sobe a escada como um veado. A Julia, no patamar, alumia.

— Parecia que tinham morrido! Estava em brazas á chuva.

— Não faça barulho, que a senhora está doente.

— Doente! Mas que tem?

— Umas grandes dôres de cabeça...

— Umas grandes dôres de cabeça?... Dá-me o candieiro.

— A senhora não pode vêr luz...

Então o Florencio, ás escuras, atravessa o quarto de *toilette*, e entre a porta do quarto pregunta em voz baixa:

— Amorsinho! Felismina adorada, que tens?

— Uma nevralgia. Tomei aspirina e começo a sossegar... Mas vai tirar o fato, que deves estar molhado.

— Encharcado!

O Florencio voltou ao quarto de *toilette* e despiu-se á pressa, atirando com o fato para cima de uma

poltrona. Entrando no quarto, mete se no leito, beija a mulher, deseja-lhe boa noite, volta se para o outro lado e adormece como um justo. O Mario, ouvindo-o ressonar, saiu de mansinho detrás do reposteiro. Pondo a roupa em cima duma cadeira, começou a calçar as botas, mas lembrando-se que elas rangiam, tornou a descalçá-las. Sem ruído torna á cadeira. Veste as calças.

— Que diabo! Estão-me largas; parece que emagreci com o susto! O colete tambem está largo! O casaco está molhado! Enganar-me-ia? Estarei a vestir o fato do Florencio? Deixá-lo, não tórno a despir-me... Toca a safar...

No corredor, ás apalpadelas, apalpou a criada.

— Abre-me a porta e põe-me ao fresco...

*

* *

No dia seguinte o sol entra pelo quarto e enche-o de luz. A Felismina, espreguiçando-se, acorda o marido. Êste escancara a boca num bocejo e pregunta-lhe:

— Estás melhorzinha?

— Optima!

— Que horas são?

Ela, vendo as horas num relógio que está na mesa de cabeceira:

— Meio dia.

— Imagina, meio dia! E eu, que estou a fazer falta no armazem...

O Florencio salta da cama e vai ao quarto de *toilette* lavar-se. Ao vestir as calças sólta um grito:

— Horror!

— Que tens? exclama Felismina, entrando envôlta num ligeiro *kimono*.

— Estas calças não são as minhas!...

— Não são as tuas?

— São, são. Cá está a marca do alfaiate. Mas como engordei tanto de ontem para cá? Não consigo abotoá-las. Estão-me pelo cano da bota. Estarei inchado, hidrópico? Olha bem para mim. Estou disforme? Tu ris-te?!

— Não... tens nada...

Felismina ri como uma perdida.

— Perco a razão! Estoiro no colete. O casaco parece um *zésinho*. Mas porque te ris?

— Isso foi... foi do aguaceiro de ontem. A fazenda encolheu com a chuva.

— Tens razão! Está tudo falsificado... Que vejo?! O chapéu tambem está mais pequeno!

O Florencio vê no espelho que tem o chapéu no cocuruto.

— Um côco que me custou cem escudos!

A Felismina senta se numa poltrona com uma crise de riso. O *kimono* entreabre-se, pondo a descoberto um delicioso colo, um colo digno de andar ao colo. O Florencio, desesperado, atira com o chapéu...

— Irra! Está tudo, tudo falsificado! Que séca, a molha de ontem!

O meu primo tem cara de juiz síndico...

Se a cara é o espelho *biseauté* das nossas preocupações, é tambem o cristal onde se reflectem as nossas ocupações. Ao voltar uma esquina topámos um quidam que, a propósito de qualquer coisa, nos chamou a atenção. Olhámo-lo, medímo lo, analisámo-lo, e depois dissemos com os nossos botões:

— Este tipo tem cara de militar...

E o juizo ainda é mais certo e seguro se o quidam enverga farda de cabo ou de general de brigada. Mais adiante encontrámos outro indivíduo e fitando o, dissemos mentalmente:

— Este cavalheiro tem cara de padre...

E não errámos na nossa suposição, se o cavalheiro usa corôa aberta e se vai de sobrepeliz e sége a acompanhar um defunto. E a cada passo e a cada canto, outros cidadãos e cidadãs vimos surgir, trazendo escritos na fisionomia os seus es-

tados civis e a escala zoológica a que pertencem. E deslizando em tôrno de nós, apontamo-los a dedo:

— Êste é artista, aquele é judeu; êste é banqueiro, aquele é carteirista; êste é neurasténico, aquele é senador; êste é bacalhoeiro, aquele é comunista; êste é certamente um *passarão*, aquela é, sem dúvida, uma *pêga*...

Ora, como o leitor está vendo, não é necessária muita subtileza para se conhecer numa cara a profissão ou o estado social do corpo, ao qual essa cara está ligada pelo colarinho. Tudo vai apenas de um pouco de observação e vista educada.

*

* *

Eu sabia de longa data que o meu primo Matias Boavida tinha cara de parvo. Êste Matias, que desde já vos apresento, não é meu primo carnal. E não é, porque sendo *filho das ervas* é quando muito meu primo *vegetal*. O Matias Boavida vive das suas *rendas de... Peniche*. Quando digo rendas, refiro-me ás propriedades que êle possue na citada localidade. Há dias estava a barbear-me, amolando o caso e a *gillette*, quando o Matias, matutino, me entrou no gabinete. Sentou-se e esperou que eu acabasse a delicada operação. Então, com aquela cara que Deus lhe deu, sorrindo, preguntou-me abruptamente:

— Repara bem para mim! Que vês tu de novo na minha cara?

Olhei, vi, mirei e efectivamente notei qualquer coisa na fisionomia do meu primo, qualquer coisa que ia muito além da sua costumada cara de Matias.

— Sim! Noto-te qualquer coisa de invulgar.

— O sr. leva-me duzentos escudos por um almôço frugalissimo como este foi?!

Tens uma expressão especial que não sei definir e que não tinhas antigamente...

— É isso mesmo! Não cogites mais... Fica sabendo que tenho cara de síndico...

— Cara de cínico?! exclamei, tendo ouvido mal.

— Qual cínico! Síndico é que disse! Tenho

cara de juiz síndico... Isto apareceu me na cara logo após a publicação do decreto dos lucros ilícitos...

— É isso, é! Ar de juiz síndico, mata se logo!...

— E isto tem sido para mim uma grande mina...

— Como?

— Queres saber? Vem daí almoçar comigo ao *Leão de prata dourada*.

— Estás doido?! Tens a mania das grandezas?! Quanto te custa um almôço nesse restaurante?

— Não te importes com isso... Anda, vamos.

O meu primo Matias tanto insistiu que resolví aceitar o convite. Saímos. Na rua notei que o Matias era alvo de todos os olhares. Era visto e mirado com atenção. Entrámos no *Leão de prata dourada*, sentámo-nos a uma mesa, e o meu primo pediu do bom e do melhor. Mastigando com apetite os excelentes pitéus, monologava eu intimamente:

— Quem vai ter amargos de bôca é o Matias, quando pagar a conta...

Conversando comigo mesmo e com o Matias, não deixei de reparar que a princípio o criado nos servia indiferentemente, mas que, depois de fixar o meu primo, mudára de aprumo e de côr, e todo êle se desfazia em mesuras e salamaleques. Passando pela criadagem, ía-lhes dizendo qualquer coisa em voz baixa. E dentro em pouco, o gerente, o porteiro, os criados, os cozinheiros, os moços e os bichos de cozinha, olhavam surpreendidos a nossa mesa. Apetites satisfeitos e estomagos repletos, o Matias pediu a conta:

— Rapaz, quanto devo?

O criado, muito perturbado, fez a adição e apresentou-a numa salva. O Matias pegou-lhe com a ponta dos dedos, leu e exclamou:

— Com que então, duzentos escudos?! É assim que se observa o decreto dos lucros ilícitos? Chame o gerente!...

E o Matias atirou um olhar dominador em redor, olhar que o gerente, trémulo e apavorado, apanhou no caminho. A expressão dos olhos do Matias parecia dizer:

— Esperem que já vos arranjo!... Vocês fazem lucros demasiados, mas eu encerro-lhes as portas.

O gerente, pálido, transtornado, tinha-se aproximado. Então o Matias apontou-lhe a conta, dizendo:

— O sr. leva-me duzentos escudos por um almôço frugalíssimo como êste foi?

O gerente pegou na conta e com um sorriso muito amarelo, balbuciou:

— Há engano de cifra.

A conta importa apenas em vinte escudos. Foi êrro do criado... Queira V. Ex.ª desculpar!...

O Matias então pagou. Os comensais nas outras mesas assistiram sorridentes e satisfeitos ao desfecho da scena. Alguns mesmo cumprimentaram o Matias á saída. Na rua êle, importante e magestoso, travou-me do braço, preguntando-me:

— Que pensas da minha cara de juiz síndico?

— Penso que é simplesmente admiravel... Tens a cara mais estanhada do mundo inteiro!

*

* *

O Matias começou a visitar-me amiudadas vezes. Em cada visita era uma nova corroboração da sua cara de juiz síndico. Uma vez apresentou-se-me, envergando um fato completo de fino pano e talhado pelo último figurino.

—Imagina lá em quanto me importou esta *fatiota?*

Apalpei o tecido e não hesitei:

—Um conto e quinhentos?

—Era isso mesmo o que êles pediram... Houve tambem engano de cifra e o fato ficou por cento e cincoenta escudos...

Um dia era um chapéu, outro um par de botas, outro um par de luvas, outro uma gravata, outro um cinto, etc. etc. Em certa ocasião o Matías entrou em confidencias da sua vida privada. Encontrára uma beldade, um encanto, com a qual embarcára para Cithera. No fim da viagem o Matias indagára o preço do transporte...

—Quinhentos escudos, dissera a beldade.

O Matias protestára e mostrára cara de juiz... Então a pequena, conciliadora, alegára ter havido engano de cifra e amavel, concluira por não levar nada pela viagem. O Matias, que andava ancho, alegre e satisfeito com a sua cara, esteve ultimamente três dias sem me visitar. Apareceu-me ontem, mas em que estado e com que cara! Alquebrado, gemendo, trazia o rosto envôlto em ligaduras. Eu, condoído, preguntei-lhe:

— Aconteceu-te algum desastre? Caiste? Foste atropelado?

O Matias, com voz sumida e os queixos á banda, murmurou:

— E aqui tens como a minha cara de juiz, á força de *bolachas*, me ficou num *bolo*...

— Eu te conto em poucas palavras.. Eu, que tão bons resultados tenho tirado da minha cara em Lisboa, resolvi no domingo ir experimentá-la fóra de portas. E assim fui jantar ao «Ferro de Polimento». A minha entrada no retiro teve o sucesso do costume. Estava radiante... Quis o acaso que estivessem tambem em diversas mesas

o meu alfaiate, o sapateiro, o luveiro, o camiseiro, etc. E ainda para mais, lá se encontrava tambem a beldade de que te falei. Não estava só, fazia-se acompanhar pelo seu «mais que tudo». Não lhes ligando importancia, tomei assento á sombra de um florido caramanchão e comi como um abade. No fim, já de palito nos dentes, pedí contas. Naturalmente ia passar-se a scena do costume quando o maldito do Malaquias — um amigo de Peniche — me vê e vem para mim de braços abertos, exclamando:

— Como estás tu, meu caro Matias Boavida? Felicito-te. Tens lá em Peniche uns *campos de corvina gorda* que estão um encanto!

Pelas mesas passou um sussurro. Então uma voz inquiriu:

— Esse tipo não é juiz síndico?

O meu amigo, solícito, elucidou logo:

— Qual juiz! Este é o meu amigo Matias, o maior *lavrador de sardinha fresca* de Peniche!

— Ah! êle é isso? berrou o do retiro. Então que pague e não bufe... São sessenta escudos pelo jantar!

Bufei. E quis valer-me da minha cara de juiz, mas parece-me que só consegui fazer cara de réu... Começaram a ouvir-se vozes:

— Queres mais fatos?! Queres mais botas?! Queres mais luvas?! Queres mais gravatas?! E uma vózinha muito minha conhecida guinchou: Queres mais *borlas?!* Foi nesta altura que apanhei o primeiro bofetão, depois veio o segundo, o ter-

ceiro, o quarto, o quinto... Não contei mais porque já não tinham conta... Ia apanhando e calando. E aqui tens como a minha cara de juiz, á fôrça de *bolachas,* me ficou num *bolo*...

Eu então, para o animar, disse-lhe:

— Conforma-te, Matias! Bem vês que a tua aventura não podia ter um fim mais *doce*...

— Digo tudo á Alice...

O Simplicio Pimenta, honrado comerciante por atacado de colorau e cravo de cabecinha, tem feito fortuna com as especiarias. Deve *pezar* mesmo algumas centenas de contos. O *centenario* de hoje espera ser milionario ámanhã, se Deus lhe der vida e saude, a ele e á carestia da vida. Ora tendo feito casa, procurou casar. Procurou e achou a esposa que lhe convinha. E' talvez ocasião de elucidarmos os nossos amaveis leitores ácerca do fisico e do moral do Pimenta. Negocios á parte, o Simplicio é um simplorio na vida particular. Novo, pois conta trinta anos, não é o classico tipo pé de boi. De boi não tem mesmo nada. E' um rapaz desempenado, saudavel, apresentavel, desconhecendo as sciencias e para quem as letras são letra morta, quando não sejam letras de cambio. Não falando linguas, tambem não é mudo, antes pelo contrário, até fala pelos cotovelos.

Alto, de bigode á americana, possue bons olhos, bons dentes e bom cabelo.

Veste bem e não é exagerado em joias. Com estes predicados e com dinheiro, não lhe foi dificil encontrar casamento. Depois de passar pelo registo civil com a menina Alice, filha unica de D. Clementina Soares, viuva de um oficial do ultramar, recebeu a catolicamente em Santa Catarina. A noiva não era rica mas era muito prendada. E entre outras prendas que trouxe para o lar, incluira a *prenda... da mamã*. «Sogra nem de barro á porta», afirma o ditado. E que calamidade, então, ter uma de carne e osso em casa, a dar sentenças e a fazer observações! E assim era a do Pimenta, que o trazia ralado e moído como pimenta moída. A D. Clementina Soares causava-lhe suores frios com as suas impertinencias. Embirrante, bisbilhoteira, intriguista e faladora, tinha um coração de bronze ao serviço de uma lingua de prata. Espirito de contradição e teimosa, espionava todas as acções do pobre genro, não o deixando pôr pé em ramo verde. Inquiria de onde êle vinha e para onde ia, farejava-lhe os passos e ameaçava-o de dizer tudo á filha se o Simplicio não fazia o que ela lhe impunha e ordenava.

A esposa, a Alice, era dada á boa paz, mas assoprada pela vibora da mamã, armava em cobra de *capelo... e borla* e ajudava ao martirio do infeliz marido. Se o Simplicio tomava lugar no electrico, na companhia da esposa e da sogra, sabido era que ao chegar a casa, emquanto a

esposa mudava de vestido, a D. Clementina acercava-se e increpava-o:

— Então o sr. não despregou os olhos, desde os Restauradores ao Matadouro, daquela delambida loura, de vestido creme?! Que desaforo!

A D. Clementina Soares causava-lhe suores frios com as suas impertinencias.

O Simplicio, que não pregára nem despregára coisa nenhuma, ouvia atonito e negava terminantemente:

— Qual delambida, qual loura, qual créme?!

— Faça-se de novas... A julgar pelas olhadelas, aquilo já deve ser conhecimento antigo...

— Mas, mamã, juro-lhe que não reparei em ninguem...

— Venha para cá com essas... Como o sr. engana a minha pobre filha! Deixe estar que eu direi tudo á Alice!

O Simplicio foi ao barbeiro e vem perfumado. A' D. Clementina, que tudo fareja, o perfume deu-lhe no gôto. Então chama o genro de parte e diz-lhe com um rizinho sardonico.

— O sr. hoje não cheira a cravo de cabecinha, cheira a rosas...

— Cheiro a rosas? Confesso que não percebo...

— Isto de rosas são flores de retorica... A que o sr. Pimenta cheira, é a devassidão! Cheira a lugar suspeito.

— O' D. Clementina! O' mamã! Eu, cheirar a lugar suspeito? isso não tem lugar nenhum... O perfume foi no barbeiro.

— No barbeiro! Naturalmente julga que me engana. O sr. não muda de vida, mas eu digo tudo á Alice...

Vão ao teatro vêr uma revista *fresca... sem sal*. No outro dia o Simplicio, que se levanta cedo, esbarra com a sogra. Esta deita-lhe um olhar que o derrete.

— Bom dia, mamã!

— Bom dia, sr.! Então passou bem a noite?

— Optimamente!

— Creio bem! Naturalmente levou toda a noite a sonhar com a lagosta ao natural?!

— Com a lagosta ao natural?!

— Sim, senhor! O sr. ontem no quadro «O fundo do mar» devorava-a com os olhos... O sr. tem bom gôsto, não haja dúvida... uma lagosta com as pernas tortas e delgadas como palitos...

— Mamã, dou-lhe a minha palavra de honra que não devorei nem olhei para as pernas da lagosta!

— Não minta, sr.! A si todas as mulheres servem e nenhuma ha que lhe resista... Que D. Juan, que Lovelace, que Faublas, o sr. me saiu!... E a minha pobre filha, que o sr. trae vilmente! Mas deixe estar que eu direi tudo á Alice...

O Simplicio Pimenta, rubro como uma malagueta, sai furioso de casa.

O leitor inteligente já deve ter dito com os seus botões «Que creaturinha tão insuportavel!... Que desgraça, que praga para o pobre Simplicio!» E dizendo isto V. Ex.as não erraram. Mas os leitores inteligentes dirão: «Que estafermo! Que velha tão rabugenta!» Aí é que V. Ex.as se enganam. A D. Clementina não é nenhum estafermo e muito menos uma velha. Conta trinta e oito anos, e em frescura não fica a dever nada á filha, que fez vinte o mês passado. E' de pequena estatura, mas roliça e bem proporcionada como esta. Os olhos escuros e brilhantes, como os de Alice, têm nela ainda fulgor e vivacidade. Na opinião de muita gente, a mãe ainda vale mais do que a filha.

*

* *

O Simplicio, que busca refúgio ás impertinencias da sogra nos seus negocios, vê-os aumentar dia a dia. O ano passado comprou uma magnifica propriedade perto de S. Martinho do Porto, para onde este ano a esposa e a sogra já partiram. Êle, devido aos seus afazeres, só lá vai aos sabados, ficando a repousar aos domingos e voltando a Lisboa ás segundas-feiras.

Em S. Martinho a Alice, a esposa do Simplicio, passa os dias a ler romances de capa e espada, á sombra das arvores da sua propriedade ou na contemplação das salsas ondas do Oceano. Quem governa, quem manda, quem faz andar tudo numa roda viva, é a D. Clementina. É o terror das criadas, e é dela que dependem todos os problemas minimos e maximos do lar doméstico. Em se lhe metendo uma ideia na cabeça, não ha dique nem barreira que a detenha. Na semana passada lembrou-se de mudar o quarto da filha e do genro do rés-do chão para o primeiro andar. E se bem o pensou, melhor o fez. Feita a mudança, instalou o seu quarto nos antigos aposentos dos esposos.

Como dissemos, o Pimenta todos os sabados vai de Lisboa para S. Martinho. O comboio em que êle seguia este sábado atrasou se em Torres e mais se atrasou nas Caldas, e quando chegou a S. Martinho ia atrasadissimo. O Pimenta, fóra

da estação e a caminho de casa, maçado e cheio de sono, ia pensando:

— A esta hora já ninguem me espera...

Efectivamente, não havia luz na moradia. Então

— Se não o fizer olhe que digo tudo á Alice!...

o Pimenta, que trazia uma chave consigo, abriu a porta da rua e dirigiu-se como de costume para o seu quarto do rés-do-chão. A esposa tinha-lhe participado a mudança, mas o Pimenta, devido ao sono, esqueceu a comunicação de Alice. O quarto não tinha luz, mas o luar, entrando por uma janela, iluminava-o suficientemente. Com o ruido que o

Pimenta fizera ao abrir o fecho, D. Clementina, que estava no primeiro sono, acordou sobressaltada.

Admirada com aquela visita inesperada, pensou:

— Que virá aqui fazer o patife do meu genro? Este, julgando-se no aposento conjugal, dirigiu-se para o leito.

D. Clementina estava pasmada com o que via. O genro, bocejando, começou a despir-se. D. Clementina não o perdendo de vista, viu-o tirar uma a uma todas as peças do vestuario. Então murmurou por entre dentes:

— Que falta de vergonha! Bem dizia eu que este homem era um vil sedutor...

O Pimenta, não tendo mais nada a despir, enfiou-se no leito. A sogra não se mexeu, mas voltando a murmurar, disse:

— Que desaforo! Sempre quero ver onde lhe chega a audacia...

Já o louro Apolo começava a dourar S. Martinho nos arrebois da manhã, quando D. Clementina, em trages ligeiros, impeliu docemente o genro para fóra do quarto. Junto á porta disse-lhe em voz baixa:

— Vá, Pimentinha! Dê uma volta pela praia e no regresso justifique-se, dizendo que veio no comboio da manhã...

E interrompendo a fala, para com o dedinho alçado ameaçar o genro, acrescentou sorrindo:

— E agora espero que todos os sabados se engane... Se não o fizer olhe que digo tudo á Alice!...

Um precursor do futurismo

A estada do pintor Trindade Chagas em Lisboa, onde a sua exposição foi um sucesso artístico, deu motivo a um jantar no *atelier* do seu colega Bemvindo Ceia. Foram horas de encantador convívio essa reunião de velhos amigos, em que se recordou o passado, e em que, entre bons ditos e franca alegria, mais se estreitaram os laços de uma longa e inalteravel amisade. Assistiram ao jantar os pintores Bemvindo Ceia e Trindade Chagas, os escultores Anjos Teixeira e José Pereira, o arquitecto Tertuliano Marques, o caricaturista Francisco Valença e esta *ave... de pena*, amigo de todos êles. Havia sido combinado, e rigorosamente foi cumprido, que mãos profanas não poriam pé nas asas das caçarolas, sendo os pitéus cozinhados pelos convivas. O Ceia começou por *esboçar* uma magnífica açorda de coentros; o Valença, que tem uma *maneira*

sua de cozer batatas, foi encarregado dêsse acepipe; Anjos Teixeira e Trindade Chagas dedicaram-se a modelar, um a claro-escuro e o outro a côres várias, uma salada de frutas regada de «Porto»; ao José Pereira coube alimentar o fogo sagrado da *arte... culinaria*, abanando os fogareiros e o Tertuliano e eu, tivemos de *arquitectar* uma *mayonnaise*. O projecto foi do Tertuliano e minha a memória descritiva. Por causa da *mayonnaise* houve uma questão muito *azêda* entre nós. Êle era pelo vinagre e eu pelo limão. Cortámos a discussão ao meio com um *golpe... de vinagre* e algumas gotas do supra-citado e *espremido limão*. Dados os últimos *retoques* na açorda, sentámo-nos á mesa. Bom apetite e excelentes petiscos, comemos bem e *falámos melhor*. O Tertuliano contou que, ao passar, havia pouco, pela rua de D. Pedro V, vira num estabelecimento um gato *angora* com um letreiro escrito por alguêm que em matéria de ortografía *arranhava* tanto como o bichano. O letreiro dizia:

Vende-se agora por 60$00.

O Tertuliano entrára e preguntára:

— O gato *agora* custa sessenta escudos, e logo quanto custará?

O lojista, sem perceber o alcance da pregunta, respondêra:

— Logo ainda custa o mesmo, mas àmanhã deve estar mais caro, o cambio agravou-se e o gato é estrangeiro...

— Ah! não é artigo nacional? E naturalmente

não mia... em português... Então não me convêm, porque já estou velho para aprender *linguas de... gato.*

E dizendo isto, retirára-se. Estávamos muito atentos a ouvir o Tertuliano, quando bateram á porta do *atelier*. Um de nós foi abrir.

*

* *

Era o velho mestre, o Rafael Quadros, artista que as modernas gerações desconhecem, mas que teve época com os seus excelentes retratos expostos no «Grupo do Leão». O Quadros foi trazido em triunfo para a mesa, onde logo abancou, tomando lugar á cabeceira. Bom garfo e melhor copo, fez as devidas honras ao nosso festim. Falou-se de vários assuntos e a conversa começava a esmorecer quando veio á *tela* a pintura futurista. O velho artista, que acendêra o cachimbo, batêra com o punho na mesa, exclamando:

— Aposto que vocês não sabem que fui eu o precursor do futurismo em Portugal!...

Admirados, olhámos o Quadros, que em lesa-arte, se alguma vez pecou, foi por ser impecavel em desenho. Êle, vendo o efeito produzido, acrescentou:

— É inteiramente verdadeiro o que lhes digo... Ora escutem... Ha uns bons quarenta anos, tinha eu vindo de Paris e trabalhava no quadro «A Aurora». A propósito do quadro lembrou-me agora uma par-

ticularidade do modêlo. Êste era uma gentil rapariga, baixinha, mas muito bem proporcionada e que, devido á sua pequenez eu alcunhára de *Zero-virgula-cinco*... Voltando ao assunto, eu aproveitava a luz das tres horas da tarde, por ser esta a que mais convinha ao efeito da «Aurora». Estava entregue ao trabalho com o modêlo em posição, quando um dia me irrompe pelo *atelier* um jovem muito janota, que, sem tir-te nem guar-te se acercou de mim, preguntando:

— Falo ao sr. Quadros de Rafael?

Fiquei atónito com a entrada, com a personagem e com a pregunta, mas respondi-lhe:

— É para mim muito honroso confundir-me com os quadros de Rafael, mas eu sou simplesmente o Rafael Quadros...

— Isso mesmo!... Desculpe-me o engano, mas não sei o que digo, nem o que faço, ando doido de todo...

A *Zero-virgula-cinco*, que tinha a cobri-la apenas um falso colar de perolas, refugiara-se num biombo, por detrás do qual se começou a vestir. Eu, intrigado, mas ainda mais aborrecido, preguntei ao intruso, mal humorado:

— Finalmente, que deseja V. Ex.ª?

— Sabendo que o senhor é um mestre em retratos, desejava um do seu pincel...

Como estava em presença de um cliente, passou me mais o aborrecimento:

— É V. Ex.ª que devo retratar?

— Não! É o retrato de uma senhora...

— E essa senhora virá ao meu *atelier* ou terei de ir...

O jovem interrompeu-me, dizendo:

— Infelizmente para mim, e nêste caso tambem

— Ou V. Ex.ª pinta o retrato até amanhã por esta hora, ou venho suicidar-me á porta do seu *atelier*.

para V. Ex.ª, essa senhora não poderá vir ao seu *atelier*, nem mesmo a poderá vêr...

— Já sei; trata-se de uma pessoa já falecida. É um retrato por fotografía... É sempre difícil fazer boa obra por esse processo...

— Não, essa senhora deve estar viva... E eu não possuo dela nenhuma fotografía.

A minha admiração tinha chegado ao pasmo.

— Então de que elementos dispõe V. Ex.ª para o trabalho que pretende?

— Vai tê-los... Permita-me porém, primeiro, que lhe conte em poucas palavras o motivo que me leva a desejar com tanto interesse o retrato dessa senhora... Ha cêrca de quinze dias, vindo eu do Porto, o combóio parou, como de costume, no Entroncamento. Estava na carruagem, quando chegou o *rápido* de Madrid. Ora as 1.ªs classes pararam defronte do meu compartimento. Olhando, vi a mais linda mulher que o sol cobre. A impressão foi espantosa. O combóio em que seguia a linda fada partiu e eu fiquei... apaixonado. Há, pois, quinze dias que a minha vida é um tormento, não durmo, não como, não bebo e não *faço... nada*. Tenho a sua imagem gravada no espirito, mas necessito do seu retrato para a contemplar, para a adorar de joelhos. Ora, com o talento artístico de V. Ex.ª e com os elementos que este papel encerra, o sr. vai realizar o meu desejo...

E, tendo concluido, o jovem entregou-me um papel dobrado. Não me dei ao incómodo de desdobrá-lo, e muito indisposto, observei-lhe:

— Sinto muito, mas é-me impossível realizar o que V. Ex.ª pretende. Um retrato não se pode fazer por informações.

Fixando me muito e num tom que não admitia réplicas, retorquiu:

— Aquí tem um cheque de cem libras para pagamento da obra... Ou V. Ex.ª, com as indica-

ções que lhe deixo, pinta o retrato até àmanhã por esta hora ou venho suicidar-me á porta do seu *atelier*... Lembre-se de que é responsável pela minha morte...

...o mais tremendo, o mais fenomenal mostrengo que a razão humana possa imaginar.

E, dito isto, o jovem retirou-se, deixando-me estupefacto.

A *Zero-virgula-cinco*, que não perdêra uma palavra da nossa conversação, soltou uma gargalhada, exclamando:

— Ou tens um cadaver á porta ou ganhas cem libras pintando a *linda fada!*

Foi então que desdobrei o papel e li: o rosto é de um oval perfeito; cabêlos de ébano caíndo em cascata; testa de marfim; olhos, duas amoras das mais negras; nariz... o nariz não me lembro, mas devia ser grêgo; lábios como cerejas, deixando vêr uma fieira de perolas; a cutis da brancura do lírio, com duas rosas nas faces; pescoço de alabastro; cólo de cisne e orelhas de cêra... Pinte, date e assine.

Puz mãos á obra com ardor, seguindo fielmente as indicações dadas. No dia seguinte o trabalho estava concluido. Se o modêlo era assim, ao retrato só lhe *faltaria... falar.*

A fantasia do exaltado apaixonado, julgando tão poeticamente dos cabelos, olhos, nariz e bôca da sua idolatrada, comparando-os, como expressão da beleza, ás coisas mais disparatadas, resultou no conjunto o mais tremendo, o mais fenomenal mostrengo que a razão humana possa imaginar.

*

* *

Esperei o meu cliente. Pontual, o jovem deu entrada no *atelier.*

— Então vou ter a suprema felicidade de tornar a vêr aquela que antevi quasi num sonho?

— Pintei á risca as indicações de V. Ex.ª...

— Onde está o retrato? Por quem é, não demore mais a minha ansiedade.

Conduzi o jovem ao cavalete onde se encon-

trava, não direi a *obra prima*, mas pelo menos, a *obra irmã* das indicações do papel. O apaixonado mancebo acercou-se, e, fixando o retrato, fez-se encarnado, amarelo, branco e caiu-me nos braços com uma síncope, murmurando :

— Horror !

Reanimado, levei-o de trem a casa na companhia da *Zero-virgula-cinco*. Esta ficou velando á cabeceira. O jovem esteve mal, esteve mesmo a pão e laranja e caldos de galinha. Quando melhorou estava curado da paixão. Eu recebi as cem libras, mas nunca mais acabei a «Aurora»... O mancebo, para se distrair dos seus infaustos amores, nunca mais me restituiu a *Zero-virgula-cinco*. Isto foi para mim a perda mais *decimal* da minha vida. E foi assim tambem que eu, há quarenta anos, futurei a *pintura futurista*.

Estabelece-se a verdade acêrca do José do Egito

O que se passa nesta narrativa passou-se ha cêrca de 4000 anos. Estamos em Memphis, reina o faraó Apophis e faz um calor de torrar crocodilos. Um ceu de chumbo ainda torna a atmosfera mais *pesada*. Devido á alta temperatura, toda a gente que passeia na Avenida das Esfinges, á sombra das palmeiras, anda á fresca. O povo veste ligeiras tunicas, as damas nobres, cassas transparentes e os escravos andam de tanga. Nos terraços dos cafés, tomam se gelados e aos moços não lhes pesa o pé uma *onça... de Virginia* a servirem a freguesia. Conversa-se, fuma-se e lêem se revistas de papiros, ilustradas de hieroglifos. Pela avenida resfólegam os *cavalos... dos automoveis,* buzinando e deixando o *escape* traseiro aberto para as leis do faraó e posturas municipais.

Ora como faz um calor de rachar, retirâmos o leitor da *chuva...de sol,* e vamos levá-lo á fresca

moradia do general Putiphar. Transposto o pórtico do palacio de granito, passa-se a um amplo pátio, tendo ao centro um lago em pedra de Syené, com peixinhos e plantas aquaticas. Pelo patio, os *ibis* mais ou menos sagrados, batem as asas e catam o piolhinho. Penetremos nos aposentos da sr.ª Putiphar. As paredes da camara são de um tom violeta pálido. De espaço a espaço, pilastras com capiteis representando cabeças de mulheres com orelhas de vacas, dividem *panneaux,* onde estão pintados passaros exoticos e scenas da vida íntima. Do teto uma ventoinha electrica, rodopiando vertiginosamente, torna fresco o ambiente. A generala Putiphar, sentada numa cadeira dourada e em cujos braços estão entalhadas cabeças de leão, escuta a sua amiga Nofré, esposa do director geral dos serviços de engenharia hidraulica do Nilo.

Aproveitemos a ocasião para desenhar a *lapis... lazuli* a formosa *madame* Putiphar. Alta e elegante, era o tipo ideal da deusa Hathor. Os cabelos negros caíam-lhe em curtas tranças e os olhos escuros brilhavam-lhe por debaixo das longas sobrancelhas. O nariz correcto e a pequena boca de labios grossos, completavam, com o mento curto, a mais pura beleza egipcia. Envolvia a formosa dama uma tunica de tecido tão transparente que para ninguem seriam segredo as suas fórmas esculturais. Um triplice colar de contas de ouro, coralina e onix, tendo gravado em hieroglifos o nome de Osiris, adornava-lhe o seio. Braceletes serpentiavam-lhe nos pulsos e aneis de ouro e

esmalte cobriam lhe os dedos delicados. Os minusculos pés calçavam *tabtobs* de coiro vermelho.

Nofré, mastigando *sandwiches* de antilope e trincando bolos de gergelim e mel, especialidade

Nos terraços dos cafés tomam-se gelados e aos moços não lhes pesa o pé uma *onça... de Virgínia* a servirem a freguesia.

da «Marques» de Memphis», tagarelava pelos cotovelos, com fingido aprasimento de Putiphar, que desejaria vê-la pelas costas. As lindas escravas Taia e Artemis, de tanga, enchiam taças de «Colares» gelado, para refrescar, e «Porto» de 1850, para aquecer. Os vinhos eram servidos em artisti-

cas anforas de ceramica esmaltada. A sr.ª Nofré, depois de comer bem e de beber melhor e após ter cortado na vida privada e nos vestidos da sr.ª Santou, esposa de um almirante e amiga comum, fez as suas despedidas, fazendo o elogio do garbo marcial do general Putiphar, que tinha visto de manhã á frente das tropas, ao som da marcha da *Aida*, a caminho de Thorro (especie de Serra de Monsanto), onde ia assistir ás provas de tática de um coronel que fazia exame para general.

Tendo acabado de debicar em deliciosas tâmaras, Nofré resolveu partir, com todas as mesuras da etiqueta egipcia. A sr.ª Putiphar que, sem saudades, viu sair a amiga, exclamou:

— Que maçadora, esta Nofré! E agora, que estou livre dela, vou-me livrar do alferes de artilharia que me marcou uma entrevista para esta tarde. Não, hoje quero e hei-de conquistar o meu formoso e ingenuo mordomo José do Egito.

E, dizendo isto, a deliciosa Putiphar voltou-se para a escrava Artemis e ordenou-lhe:

— Artemis, traze-me papiros e a minha caneta de tinta permanente...

Emquanto a escrava foi buscar os objectos pedidos, Putiphar acendeu uma perfumada cigarrilha turca. Servida numa mesa de porfiro, a encantadora egipcia traçou rapidamente no papiro em *démoticos*, o seguinte bilhete:

Meu querido Antiochus: — Uma violenta enxaqueca, que não tem cedido á Rhodine, *impede-me de ir ao local combinado. Todavia, espero vêr-te áma-*

nhã, na corrida de touros. Que Amon-Rá proteja os nossos amores. Tua, só tua — Triphéne Putiphar.

No *enveloppe* endereçou:

Ex.mo Sr. Antiochus Cizecenus — distinto «oeris» de artilharia montada — Praça dos Obeliscos, 35, 2.º D.

Premindo um botão de uma *schkelkil* (campainha) electrica, apareceu um escravo negro.

— Nahasi, leva esta carta... E dize ao guarda-portão que não estou em casa para ninguem, nem mesmo pelo telefone.

O negro fez uma vénia e retirou-se. A sr.ª Putiphar, voltando-se para as escravas, disse-lhes:

— Vamos, pequenas, venham ao meu ginecéo ajudar-me a mudar de tunica.

*

* *

Tendo trocado a tunica por outra, ainda mais leve e transparente, Putiphar, pegando num espelho de bronze cinzelado e polido, alongou, a pó de antimonio, o angulo externo dos olhos. Enfeitando os cabelos com uma grinalda de flores de lotus azuis, estendeu-se num leito de sicomoro, cuja cabeceira terminava em dois chifres de boi e que assentava em pernas do mesmo bovino. Comodamente instalada, a perturbante egipcia ordenou ás escravas que puzessem numa mesa as

mais delicadas iguarias e os mais perfumados e saborosos frutos. Obedecida, mandou-as retirar, dizendo-lhes que lhe enviassem o judeu, o jovem José, intendente do palacio.

Então, Putiphar, tomando no leito uma *pose* sedutora, aguardou a chegada do hebreu, murmurando:

— Sempre quero vêr onde chega a castidade do formoso judeu...

Recebida a ordem de sua ama, José do Egito não se fez esperar e entrou no ginecéo. Era José um simpatico mancebo, formoso de semblante e de porte gentil. Vestia tunica e capa á moda hebrêa, o que ainda mais fazia ressaltar a sua brancura e beleza juvenil.

A' sua entrada, a bela Putiphar lançou-lhe um olhar tão pecaminoso que José sentiu o rubor subir-lhe ás faces.

— Chega-te, lindo escaravelho sagrado! Come!

E Putiphar, num gesto, estendendo o braço escultural, indicou-lhe as iguarias.

O jovem judeu não se moveu.

— Bébe! Tornou a egipcia.

O jovem judeu não se deslocou.

— Fuma!

E a linda Putiphar ofereceu-lhe cigarros de uma tabaqueira de bronze. O jovem judeu não se mexeu.

— Vem ao meu leito e aos meus braços!

E a feiticeira egipcia, juntando as palavras ao gesto, quis atrair a si o casmurro. O jovem judeu

não deu um passo, mas encarando Putiphar muito frente a frente, disse-lhe em voz firme:

— Não como! Não bebo! Não fumo! E não vou ao teu leito!

— Aqui te fica a minha capa e apresenta-a a teu marido.

— Em nome de Osiris, Isis e Horus! bradou admirada a egipcia, benzendo-se.

Depois acrescentou:

— Desagrado-te ou tu és de gêlo?

E num tom colerico continuou ainda:

— Que pena estarmos a muitos seculos da

Inquisição! Talvez passando-te pelas brazas, modificasses a temperatura!

O José do Egito, então, imperturbavel, falou:

— Agradas-me infinitamente! E eu não sou nem tão casto, nem tão gelido como te pareço...

— Esfinge enigmatica, não compreendo então a tua atitude! Será por eu ser casada?

— Não, gentil e encantadora Putiphar... O teu marido, que o boi Apis proteja, é-me indiferente... E para mais, ele, na sua alta qualidade de general do faraó, tem mesmo direito a usar no seu penteado os chifres dourados de carneiro...

— Se isso não te pesa, nem a êle lhe pesa, crocodilos me mordam se percebo porque persistes na tua recusa!

— Vou explicar-te, formosa Isis! E' porque há 4000 anos, devido ao texto da Biblia (*Genesis*-Cap. XXXIX), represento aos olhos de todo o mundo e de todas as gerações o maior papel de tanso de que resa a *historia sagrada* e profana. Ora, sendo assim, como queres tu que depois de uns créditos tão bem e tão longamente firmados, eu possa ir de encontro ao estabelecido na escritura, indo ao encontro dos teus braços?

— E' ou não é *trouxa* o judeu de uma figa?! E eu, que por causa dele, perdi a entrevista com o alferes de artilharia!... Retira-te e vai para o Tiphom (diabo) que te carregue!...

— Aqui te fica a minha capa, em conformidade ainda com o texto da Biblia (eu não faço nada fóra do texto) e apresenta-a a teu marido, o bravo

general, como prova de que afrontei na sua ausencia a sua honra, introduzindo-me no ginecéo da honestissima Putiphar...

E, dizendo estas palavras, o jovem judeu retirou-se, fazendo uma profunda reverencia. Desta maneira cremos ficar estabelecida a verdade acêrca do José do Egito.

A valorização da moeda

NÃO sabemos se V. Ex.as já notaram que o custo da vida tem aumentado desde 1914 para cá. Se já notaram, devem ter reparado, por exemplo, que um *quartinho* de pescada custa hoje cem vezes mais do que uma pescada de quartinho e que um quilograma de *carne... suja* custa duzentas vezes mais do que antigamente um quilograma de carne limpa. Os que não notam estas ligeiras diferenças é porque não comem, não bebem e não vestem á sua custa, ou porque são ricos como burros, Rothschilds ou Cresus. Nove anos são decorridos e a carestia sempre a aumentar! E ainda não houve ninguem que pusesse um *freio... nos dentes* á ganancia! Todos os dias vão tratar do barateamento da vida, mas como se trata de um assunto serio, todos o tomam a rir. Entretanto, o honrado comércio, o honesto industrial e o probo lavrador, ouvindo o *corro a sal-*

var-te, dão as mãos e os pés e dançam uma *quadrilha... de gatunos.*

*

* *

Estrabão, o nosso amigo Estrabão da Costa, não sendo grego como o seu homonimo da Capadocia, tem-se visto grego com a carestia da vida. Ele não tem culpa de se chamar Estrabão, como não tem culpa de estar a vida cara. Rapaz pacato, ao Estrabão nunca passou pela cabeça escrever uma geografia nem viajar pela Alexandria, ou ir a Roma vêr o papa. Em materia de viagens nunca passou das costas de *Portugal... Durão*, num passeio fluvial-maritimo ao Cabo Espichel. E por isso não sabe o motivo quizilento por que na pia da Igreja de S. Paulo lhe puseram, sem o consultarem, e á viva fôrça, o nome de Estrabão. Rapaz pacato, já o dissemos, casou com D. Mecia Lopes de Haro, a qual casára em primeira mão com um tal Alvaro Pereira de Castro, em segunda mão com o Sancho, capitalista, e em terceira, última e irrevogavel mão, com o Estrabão da Costa. Dos varios matrimonios antecedentes trouxera D. Mecia, ao terceiro lar, duas recordações de familia, dois trastes veneraveis: uma velha poltrona sem molas e uma velha tia sem entranhas. Da poltrona soubera o Estrabão que ela vinha em linha recta do Pereira de Castro, e fôra onde êste dera o último suspiro, depois de uma operação da

talha devida ao mal de Pott. Da outra reliquia, a tia Angelica, nunca o Estrabão soube ao certo a proveniencia, por mais que rebuscasse nos papeis selados e pergaminhos de familia. Como a tia An-

Estrabão estava verde e para não ser *amarelo* entregou-lhe o processo nos dentes.

gelica nunca *mostra os dentes*, Estrabão tambem nunca soube quantos anos ela tem. O que sabe, e muito bem, é ser a tia o posso, quero e mando do lar doméstico. O que a D. Angelica quer é o que se faz. E assim, no primeiro ano de matrimónio, exigiu do casal três meninos do mesmo sexo. Ora o Estrabão, obediente, e a D. Mecia, paciente,

deram á luz três meninos gemeos, que depois de lavados e engomados se reconheceu serem três meninas. Exigiu depois a tia Angelica que mais prole não houvesse e mais prole não houve. Levou ainda a tia Angelica o seu despotismo o exigir que os nomes das três meninas tivessem por letra inicial um «E». No «E» foi D. Angelica obedecida. Esta chama-se Emilia, aquela Ema e a outra *Estrudes*. Hoje as gemeas contam quarenta e cinco anos ao todo, isto é: $45 \div 3 = 15$, ou sejam 15 anos cada uma, e freqüentam o primeiro ano de violino no Conservatorio. Muito parecidas, como gemeas que são, têm a diferençá-las as alturas. Emilia é alta e espirituosa; Ema é média, espirita, e *Estrudes* é baixa e espiritual.

*

* *

Afóra as exigencias da tia Angelica, dentro de casa corria serena a vida do Estrabão até 1914. O seu modesto emprêgo na «Direcção dos Impostos por Portas Travéssas» dava-lhe para viver regularmente. Veio a guerra e após ela a *Peste... da carestia dos generos*. A vida tranquila do Estrabão transformou-se num inferno de Dante, com a tia Angelica a atenazá-lo. O vestuario e a alimentação sempre num crescente e a bôlsa sempre num minguante. A carestia entrou na fase de lua cheia e as ajudas de cuspo por pôr selos nos processos e as ajudas de custo da vida eclipsa-

ram-se. O mal de que sofre sofrem-no os colegas da repartição. E como o Govêrno fizesse ouvidos de mercador ás suas reclamações, resolveram por unanimidade fazer greve de braços caídos. Fizeram-na, mas não deu resultado. Foi mesmo um horror para os empregados calvos que, para não traírem o *movimento parado*, não podiam enxotar as moscas das carecas; os constipados não tinham maneira de se assoar, e os constipados do ventre não tinham fórma de puxar a corrente do autoclismo. O pobre do Estrabão foi quem mais sofreu. O secretráio geral pediu-lhe o processo n.º 76:714. O grévista fez-lhe ver que para abraçar a causa tinha os braços caídos. O outro não quis vêr, exigiu para ali o processo para o levar ao ministro. Estrabão estava verde e para não ser *amarelo* entregou-lhe o processo nos dentes.

*

* *

Em casa de Estrabão não ha que comer nem que vestir. As manas gemeas têm um vestido para as três. E assim, para irem ao Conservatorio, vai uma por dia envergando a mesma *toilette*. Um Romeu, a quem a Ema, a média, déra no gôto e a seguira desde os Poiais, onde mora o Estrabão, aos Caetanos, ficou pasmado, quando no outro dia voltou a esperá-la e julgando a *Estrudes* a mana anterior, a viu mais baixa e de saia até o bico do sapato. O espanto no Romeu chegou ao

cúmulo quando no terceiro dia viu a Emilia, a mais alta, de saia pelos joelhos. Julgando vêr nas três manas sempre a mesma, fugiu horrorizado perante aquela jovem, fenomeno elastico de estender e encolher. O Barbosa, barbeiro da esquina, lido em Paulo de Kock, parodiando o titulo do romance a «Menina das três saias», já espalhou nos Poiais que o vestido das filhas do Estrabão era a «Saia das três meninas».

O Estrabão da Costa não sabe o que fazer á sua negregada vida. Chamado a capítulo pela tia Angelica, a fera exigiu-lhe mais dinheiro para a casa.

— Eu não o tenho, titi...

— Não tem? Arranje-o! Invente-o! Faça-o!

Aquilo era impeli-lo para o crime, para a moeda falsa. Arranjar dinheiro, como? Inventá-lo, como? Fazê-lo, como?

Ontem passou pela porta do seu merceeiro, o sr. Matias. O bacalhau réclame, que viu pendurado na vespera a 7 escudos, estava agora marcado a 10$00.

— Isto é que o Matias mete a unha! monologou êle para dentro.

Por uma associação de socorros mutuos de ideias veio-lhe ao pensamento a solução para os seus males.

— Ora, pensava ele, se o merceeiro tem o direito de valorizar a sua fazenda, porque não terei eu o direito de valorizar o meu dinheiro? E pensando reflectidamente, tomou uma resolução deci-

dida, tomando o caminho de casa. Entrou, fugindo aos olhares inquisitoriais da tia Angelica. Pediu o tinteiro e a pena á esposa e escreveu numas tiras de papel: *Vale mais 5$00*. Depois tirou da car-

—Falta dinheiro... As notas são de cinco escudos...
—Foram! Eu valorizei-as em dez...

teira tres notas de cinco escudos (eram as últimas) e colou-lhes as tiras no reverso. Feita a operação, armado de coragem e da sua moeda valorizada, foi á mercearía do Matías. Este recebeu-o risonho e prasenteiro.

Estrabão pediu um quilograma de bacalhau e

mais algumas miudezas alimenticias. Aviado, preguntou:

— Quanto lhe devo?

O merceeiro, mais risonho e mais prasenteiro, fez a conta e respondeu:

— Pouca coisa... São trinta escudos...

O Estrabão pegou nos embrulhos e pôs as três notas de cinco escudos em cima do balcão.

— Falta dinheiro... As notas são de cinco escudos...

— Foram! Eu valorizei-as em dez... Assim como o sr. Matias valoriza, quando lhe apraz, os seus generos, assim eu deliberei, usando do mesmo direito, valorizar o meu dinheiro... Volte-as e veja a sobrecarga...

O merceeiro fez o que Estrabão lhe mandava, e voltando as notas, soltou uma gargalhada, exclamando:

— Boa piada, sr. Estrabão! Boa piada!

— Acha-lhe graça?... Então, boa tarde, sr. Matias...

E o Estrabão ia dirigir-se para a porta, levando as compras.

— Essa agora! Isso é a serio? Ponha para aqui os generos, bradou o merceeiro.

— E' o pões! Boa tarde!

O Matias, encolerizado, encanzinou, foi á serra e *apitou*... E como *apitasse* e o Estrabão não quizesse largar os embrulhos, veio a polícia e levou-o prêso.

Uma celebridade musical

MENINOS prodigios em arte, só na arte musical. Em poesia tambem ha quem comece cedo a rimar, enchendo de rimas rumas de papel. Em geral é-se poeta entre os quinze e os dezoito anos. Nos homens rebenta a poesia com o rebentar da barba. Fazem-se versos de pé-quebrado quando começam os rapa-pés ás várias Natercias, Beatrizes e Lauras dos vários andares, dos vários prédios, das várias ruas, das várias localidades por esse mundo fóra. Todos por essa época são Camões, mesmo que tenham todos os olhos em bom estado de conservação e todos são Dantes antes do dente do siso. Conhecemos mesmo um Petrarca, praticante de farmácia, a quem uma Laura, do Caracol da Penha, causou uma *laurastenía* e tresentos sonetos de amor platónico. Esta Laura, que só compreendia o amor platónico para dias de jejum, correu com o magro e inspirado *pilulas*,

para se dar aos *amores carnívoros*... de um rico e gordo salsicheiro.

Voltando á vaca fria da poesia, a precocidade poética é uma *contribuição sumptuaria* que se paga como tributo da mocidade. Nas sciências é que não nos consta haver meninos prodigios. Nenhum químico, aos seis anos, fez descobertas no mercúrio, mesmo que seja vivo como azougue, nem nenhum cirurgião, na idade da nova dentição, fez enxertias de glandulas de macaco, mesmo que seja levado de tresentos ditos.

Abriremos uma excepção para as matemáticas e para o sr. António Cabreira. Este ilustre sábio é que aos dois anos já fazia *contas... de cabeça* em *ó-ós* ao colo da ama. Na música sim, na suprema arte da harmonia organizada dos rúidos é que se revelam os meninos prodigios.

*

* *

Quem é que nêste cantinho da Europa não conhece o grande Orfeu Vital, o surpreendente *virtuose*, o incomparável violinista? Crêmos que, com verdade, ninguêm poderá dizer:

— Nunca ouvi tal Vital.

Quem não o conhece de o ouvir tocar, conhece o de ouvir falar nêle. O seu nome desde ha muito que se tornou um renome. Foi ha cêrca de vinte e cinco anos que Orfeu Vital chegou a despacho nêste mundo em Alfândega-da-Esperança.

Alfândega-da-Esperança é uma pitoresca vila do Norte, que hoje muito se ufana de ter sido berço do grande artista. Parafraseando o ditado «filho de peixe sabe nadar», Orfeu, filho de músico, sabe

... foi Orfeu reger em cima de um *mocho* de cosinha a «Música dos Cochichos» num certame musical.

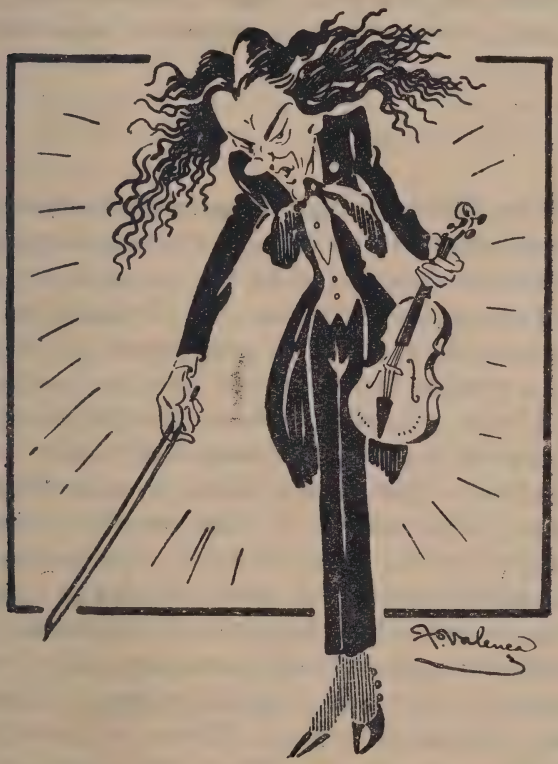
tocar. A música, na sua família, é uma faculdade estrutural, uma tára, uma herança. Seu pai, o regente da Fanfarra Alfandeguense-Esperancense, mais conhecida pela «Música dos Cochichos», sendo um artista notável por vários títulos, é um distinto flautista. Teve Orfeu um avô que sem cultura musical, tocava trombone de ouvido, um outro que tocava trompa de cabeça e uma avó afastada que, no século XVIII, tocava *cravo... de cabeci-*

nha. Ainda na família se encontram mais vocações musicais: tem um primo que, sendo caixa de rufo num regimento de infantaria, teve baixa e passou a *tocar burros* na Outra Banda. Sua mãe, costureira de alfaiate, é tambem mestra em ponto e contra-ponto.

A tenra infância de Orfeu foi tudo o que ha de mais musical. Os seus vagidos, os choros, os balbuceios, os suspiros, emfim todos os sons que possam sair de um bébésinho, quando não eram em voz de baixo eram em melodiosa voz de soprano. Assim que começou a andar, a futura gloria nacional, o futuro rival dos Paganinis e dos Kubeliks fugia de casa para os lugares ermos, onde se inspirava na natureza. Estas fugas eram sempre *fugas... de Bach*. Os seus soninhos e as suas sonecas eram tambem sempre sonatas de Beethoven. O portento, como Mozart, aos seis anos estava na posse de todos os segredos do violino. E assim, a qualquer hora do dia tocava, cheio de sentimento, «noturnos» de Chopin, como se fosse noite fechada. E ainda, devido a seu pai ter uma infecção num dedo, causada por uma lasquinha da batuta, foi Orfeu reger em cima de um mocho de cosinha a «Música dos Cochichos» num certame musical. É escusado acrescentar que foram os «cochichos» que alcançaram o primeiro premio. Isto deu motivo a que o pequeno grande Orfeu fosse levado em triunfo a sua casa nas *azas... do mocho*.

Aos quinze anos, tendo deixado Alfândega-da-Esperança sem ter entrado do Conservatório nem

saído da «Academia dos amadores de música» era o primeiro violino entre os primeiros da sua orquestra. A arte e o valor de Orfeu Vital não estão



Uma trovoada de *bravos* e de palmas coroou a nota final.

só na execução, mas na fórma como assimila os grandes mestres, tocando-os á primeira vista. Bem disposto e á vontade, pode estar a pensar nas coisas mais materiais dêste mundo, que a música nada

perde com isso. Uma vez, na Figueira, ainda no tempo do metal sonante, para não perder o tempo e o combóio, tirando deliciosas arcadas do violino e moedas de uma mala, pagou quinhentos mil réis em prata á orquestra sem *trocar... uma nota.*

*
* *

O seu último prodígio de assimilação musical foi no verão passado, no Estoril. Convidado para um concerto de caridade, o Orfeu ía estrear um *solo* escrito expressamente para êle. Confiado no seu valor e no do compositor, nem sequer passou pela vista a música. Dentro de um auto, por um sol de alto lá com a fornalha, tomou o caminho da encantadora estância, lugar de prazer e de *fausto... de Figueiredo.* Com a velocidade do automóvel, o chapeu ía-lhe voando. À falta de outra coisa, o prodigioso artista dobrou o *solo* e meteu-o na tira do chapeu, conseguindo assim encaixá-lo com segurança sobre a farta cabeleira. O auto corria pela estrada e o suor corria-lhe pela testa. O sol vinha a pino e o Orfeu ía alagado em água. Arfava o motor e arfava-lhe o torax. Estava a soar a hora marcada no programa e Orfeu suava por todos os póros. Finalmente, o automóvel deu entrada no Estoril.

No Casino a sala estava á cunha. As cadeiras, cheias de *senhoras... cheias* e magras, estavam apinhadas, vendo-se os cavalheiros na necessidade

de ficar de pé. Quando Orfeu subiu ao estrado foi acolhido por uma vibrante e prolongada salva de palmas. O insigne, o divino artista lançou os cabêlos para trás e um olhar dominador pela sala. Agarrou no *stradivarius* e dirigiu-se para a estante desdobrando o *solo* que ainda estava húmido de suor. Oh! decepção, oh! horror! O papel estava em branco e o violinista tambem. Com o suor as notas tinham desaparecido...

O Orfeu desejaria que, naquele momento, o chão se abrisse e a terra o tragasse, indo mesmo parar ao inferno, onde o seu homónimo e não menos distinto músico, foi procurar a gentilíssima esposa, a Sr.ª D. Eurídice. Trémulo, ía perder os sentidos quando lhe ocorreu á memória o trecho que nem sequer tinha visto. Febrilmente, agarrou no arco e começou a ferir as cordas do violino. A peça foi tocada com tal emoção que *tocou* todo o *auditorio*. Uma trovoada de *bravos* e de palmas coroou a nota final.

Um grande fenómeno de assimilação se havia dado: o suor e a tinta, atravessando lhe o coiro cabeludo, tinham sido absorvidos pelos vasos capilares (os vasos eram de barro poroso), os quais, por seu turno, se estravasaram no cerebro do genial artista. E foi assim que o prodigioso, o surpreendente, o incomparável violinista tocou o *solo... de cabeça*.

O pagem de olhar penetrante...

(Romance de cavalaria... dois)

I

LEITOR amigo, estamos a meia idade da idade média. Numa floresta *semi-virgem* erguia-se o vetusto castelo dos mui nobres Ordonhos. Do alto da barbacã disfrutava-se uma linda vista para o mar e da torre de menagem descortinava-se o zimbório da Estrêla. Era ao caír da tarde, corria fresca a viração e por acaso não chovia. Naquêle poente nostálgico tudo no castelo era triste. Fôra que D. Ordonho II, tendo varrido e *limpo... do pó* todos os infieis das cercanias e não havendo mais mouros na *costa... do castelo,* fizera-se cruzado. Fizera-se cruzado, já por espírito guerreiro, já porque naquêles tempos de moeda desvalorizada ser cruzado era valer alguma coisa. D. Ordonho acabára de deixar o castelo dos seus avós e ía a caminho da moirama, levando cem cavaleiros e du-

zentos *peões... á unha*. Numa ogiva, D. Urraca, a linda e fiel esposa, vestindo brocado, dizia-lhe adeus com um lencinho de bainha aberta. O *cortejo... fúnebre* desaparecêra numa volta da *serra... de Monsanto*. Então, Vasco, o louro pagem de olhar penetrante, fixando D. Urraca, exclamou:

— Alfim, sós!

— É verdade, alfim sós!

— Chegou o momento que tanto ambicionava... Ides ser minha, inteiramente minha.

— É o ides!

— Que dizeis vós?!

— Digo que o meu esposo, o mui alto e poderoso D. Ordonho, muito zeloso da minha virtude, fechou-a a cadeado num cinto de castidade.

O pagem, num desespêro, bradou:

— Maldição! Maldição! Maldição!

Pelas abóbadas ressoou:

— Ão! Ão! Ão!

— Onde está o cão, Urraca minha?

— Não é cão, é o eco, impetuoso Vasco.

II

Durou muito o desespêro do nosso heroi. Para o acalmar foi necessário chamar o físico do castelo, que lhe receitou brometos e lhe abrandou as fúrias, ao apresentar-lhe uma formidavel conta de médico e botica. Então, perfeitamente calmo, começou a experimentar todas as chaves do castelo no cadeado. Nenhuma servia. Pediu-as empresta-

das ao guarda nocturno da área, comprou um mólho delas na Feira da Ladra e os resultados foram nulos. D. Urraca, para o distrair, levava o para os seus aposentos, e em fôfos almadraques matavam

Finalmente estavam abertos largos horizontes ao seu amor!

o tempo matando charadas. Um dia decifravam um logogrifo, quando o louro Vasco, tendo achado a *chave do enigma*, teve a feliz *ideia* de aplicá-la no cadeado. A *chave* deu volta á fechadura. Finalmente estavam abertos largos horizontes ao seu

amor! O garboso pagem e a gentil castelã íam aproveitar o ensejo, quando o olhar penetrante de Vasco se chocou com a vista do escudeiro Paio Pires. Nesta altura temos de elucidar o leitor sôbre esta troca de olhares. O pagem, como já devem ter adivinhado, tinha um olhar tão penetrante que via através os corpos opacos. Se Vasco tinha um olhar profundo, Paio Pires possuia dupla vista. E o escudeiro, que na sala de armas vigiava as de D. Ordonho, não perdia de ôlho a conduta de D. Urraca. Cheio de furor, Vasco, ao sentir-se vigiado, pensou em trincar o Paio e quebrar o Pires, rachando-o de alto a baixo com um *golpe... de vista*. D. Urraca, mais prudente, fez-lhe vêr os incómodos e o dinheiro gasto em *gatos*, se êle rachasse o Pires. O pagem acatou o conselho e começou a magicar como livrar-se do escudeiro.

III

Queira o leitor dar-se ao incómodo de penetrar no quarto de Vasco. Limpe os pés no capacho e entre devagarinho. O pagem, não podendo fazer pela fôrça o que desejava, resolveu fazê-lo pela astúcia. O Paio Pires, o fiel escudeiro, tinha um fraco, gostava da pinga. Vasco, conhecendo-lhe a fraqueza, atraiu-o aos seus aposentos oferecendo-lhe umas garrafas de *Colares... de perolas* vermelhas como rubís. O escudeiro, que já se não tinha muito nas pernas caiu... em entrar no quarto.

—Paio amigo, ides beber um vinhinho daqui!

E o pagem exemplificou, levando os dedos ao bolbo da orelha.

— Êle que venha, pagem amável.

— Estais de pé, Paio! Puxai, um *assento... circunflexo* e sentai-vos...

O Paio puxou de um assento e assentando-se em cheio, soltou um grito de dôr:

— Safa, que me piquei!

— A culpa foi toda vossa... Indiquei-vos um assento circunflexo e assentáste-vos num *assento... agudo.*

Emquanto o escudeiro afagava a parte maguada, pérfidamente o astuto pagem lançava de um frasquinho algumas gotas de um narcótico no copo do Paio. O poderoso narcótico fôra-lhe dado por D. Urraca, que o obtivera de um alquimista que o compusera de um extracto de moscas da doença do sono. Os efeitos foram rápidos e o escudeiro adormeceu profundamente, ressonando de assobío. O louro pagem correu ao encontro de D. Urraca, tomando-a nos braços. E assim estiveram durante cinco anos. O tempo, em amores e romances de cavalaria, galopa veloz.

IV

A princípio ainda houve alguns murmuradores no sítio do castelo, mas D. Urraca, pendurando-os nos candieiros de iluminação pública, tapou-lhes a bôca apertando-lhes as guelas. Todavia não ha bem que sempre dure. E uma bela noite, D. Ordonho

lembrou-se de aparecer defronte do castelo, vindo da guerra coberto de glória, pó e armas. Parou com a sua gente junto á ponte levadiça, que estava levantada. Tocou num chifre a canção *O' Rosa, enxota o pinto*... Do castelo solarengo, moita *carrasco*... *Guerra*. Farto de esperar, D. Ordonho dava por paus e por pedras, sobretudo por paus... Um prisioneiro, vendo o desespêro do cavaleiro, destacou-se e ofereceu os seus serviços de antigo lutador greco romano. D. Ordonho aceitou-os. Então o antigo lutador, fazendo a *ponte* sobre o fôsso, deu passagem á gente de pé e de cavalo. Charamelas, violinos, timbales, pianos, trombones e ferrinhos, tocando desabridamente, acordaram todos no castelo, inclusivé Paio Pires, que dormia ha cinco anos. D. Ordonho correu aos aposentos da idolatrada esposa. Abrindo a porta, viu ainda o pagem, *vestido* apenas por umas botas de elástico, a desaparecer numa galeria secreta, disfarçada na parede. D. Urraca achou a ocasião própria para ter um ataque de nervos. O Paio Pires pôs tudo em pratos limpos. D. Ordonho rugía e mugía, batendo com a cabeça pelas abóbadas. Já tinha puxado por uma pistola, e ía fazer justiça por suas mãos, quando se lembrou de um juramento que o impedía de molhar a sopa em sangue cristão. E assim, limitou a sua vingança a encerrar o pagem numa tôrre e a mandar D. Urraca para um convento.

V

Ha trinta anos que Vasco sofre na tôrre os rigores da vingança de D. Ordonho que, quinze dias

Ha trinta anos que o seu olhar penetrante vai fazendo um buraco na parede da tôrre.

depois da scena trágica que acabâmos de narrar, fazia as pazes com a esposa. Ao prisioneiro um mólho de palha serve de cama e alimentação. Como todos os que estão presos, a sua preocupação é fugir. Na obscuridade da masmorra o seu olhar mais penetrante se tornou. No seu olhar e nos seus ca-

belos está o segrêdo da sua projectada e audaciosa evasão. Ha trinta anos que a sua vista penetrante vai fazendo um buraco na parede da tôrre. Para o carcereiro não dar pelo entulho, Vasco tem devorado em silêncio a cal e a areia. Na cal tem achado um reconstituinte para as fôrças e na areia uma mina de ouro. As areias, filtradas pelos rins, tornaram-se auríferas, e êle todos os dias faz pesquizas num cantinho da prisão aos líquidos desassimilados. Já tem mesmo um pé de meia em ouro, atado na ponta do lenço. O ex-louro pagem está hoje calvo como uma bola de bilhar. Um a um, tem arrancado os cabêlos para tecer uma corda de duzentos pés, cinco palmos e três polegadas, que lhe ha de servir para a fuga. Chegou finalmente a noite do dia almejado para a evasão. O buraco escavado na parede pelo seu olhar penetrante dava passagem a um homem. A corda de cabêlo tambem estava concluida. Vasco passou do buraco para a plataforma da tôrre. O luar era claro como um dia claro, está claro. Debruçou-se, e ao vêr a altura que o separava do fôsso do castelo, recuou apavorado:

— Mercê de Deus e Mercedes Blasco! Isto é pasmosamente alto!

E como não tinha tempo a perder, cobrou animo e lançou no espaço a corda de cabêlo. Horror dos horrores! A evasão estava frustrada. A corda em vez de descer, subira. Fôra que, em face do abismo, os *cabêlos da corda se puzeram em pé.*

Uma prova esmagadora

É raro o dia em que os jornais não relatam um drama de adultério, de pôr os cabêlos em pé ao mais calvo. Os Menelaus fazem *arder... Troia,* pintam o diábo e a manta quando têm conhecimento da infidelidade das esposas. E não usando da benzina, do cloreto e de outros ingredientes para tirar nódoas, lavam com sangue as manchas da sua honra ultrajada. Servem-se das *armas que têm... á mão, descosendo* as adúlteras á facada, abrindo a machado a *caixa das ideias* aos sedutores e dando tiros nêles e nelas, mugindo como touros. Êstes casos, que podiam muito bem ficar em família, se não fôssem tomados á *ponta de espada... de uma pistola,* são levados nas asas da publicidade a todos os lugares comuns e freqüentados, indo interessar conhecidos e desconhecidos que ignorariam o facto se não fôsse a *cabidela.* E os Menelaus passam assim, e a si,

aos olhos de todo o mundo, um atestado de produtores daquela matéria rija de que se fazem os pentes, quando êstes não são de alumínio ou de celuloide.

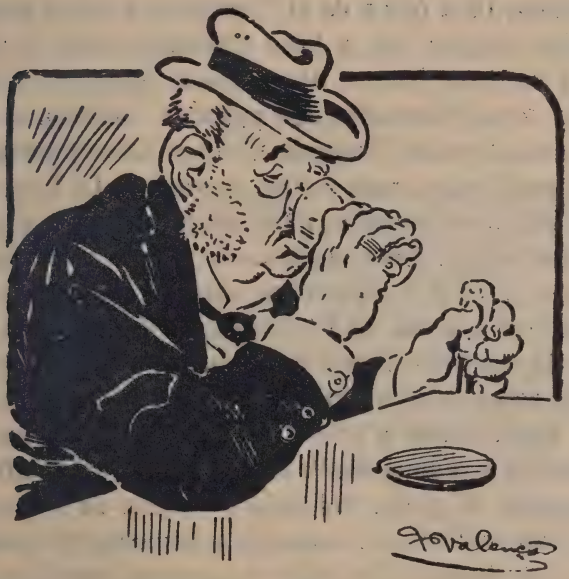
*

* *

— Estarei enganado, julgando-me enganado? Preguntava a si mesmo Semeão Prudente sentindo crescer-lhe na cabeça a ideia de que o era.

O Semeão Prudente é um homem ponderado e reflectido. Como já passou há tempo dos sessenta anos, vê claro nos assuntos mais escuros e sabe pôr um freio nos arrebatamentos. O espírito de *análise... química* ficara-lhe do emprêgo desta nas falsificações alimentares na sua carreira comercial. Vindo de um recanto das Beiras, embarcou menino e moço para os Brasis. Os primeiros tempos foram duros e na luta pela vida algumas vezes esteve ás portas da morte. Teve logo á chegada um ataque de escarlatina, depois febre amarela, e a policromia mórbida só o abandonou após o vómito negro, que o deixou branco como a cal da parede. Entrando como marçano em um armazem de sêcos e molhados, breve conquistou as simpatias gerais. Bom rapaz e bem empregado, estando em mar de conquistas, conquistou o lugar de primeiro caixeiro e logo o de associado, e pelo falecimento do sr. J. P. Soares conquistou a mão da viuva. E a casa passou a girar sob a firma «Semeão Prudente, sucessor de J. P. Soares». Naquê-

les tempos os *sêcos e molhados* era negócio que pingava, sobretudo os molhados, e o Semeão fez fortuna. A esposa veio a morrer de uma indigestão de goiabada e êle achou-se só na companhia



... entrou no «Martinho» e para cobrar sangue-frio, pediu um *bock* gelado.

de seiscentos contos. Pouco depois liquidava os negócios e fazia vela para Portugal, a bordo da Mala Real Inglesa, após quarenta anos de comércio.

* * *

Por indicação de um amigo, seu antigo correspondente, instalou-se na «Pensão da D. Leocadia»,

na rua Augusta. A pensão era em casa pacata e o Semeão foi tratado como pessoa de família. E os laços de família mais estreitos ficaram quando o Semeão deu o nó de esposo, casando com a Etelvininha, filha única da D. Leocadia. Diziam os hóspedes antigos que a loira Etelvininha era o fruto — e um bom fruto — de um jovem tuberculoso e inglês, que a conselho dos medicos, estivera a ares de campo na rua Augusta. O tuberculoso partira um dia para nunca mais voltar, deixando a D. Leocadia um vácuo no coração, uma conta por saldar e duas malas vazías. Em compensação, deixara-a cheia de *esperanças... e esperança*, esperança que se realizou com a vinda de Etelvininha a êste mundo. Fechada a pensão, foram viver para as avenidas novas. Não sobreviveu muito tempo D. Leocadia ao enlace da filha. Como a primeira esposa do Semeão, ela tambem teve uma *morte doce:* morreu *afogada* em compota de ginja. Foi após o funeral da sogra que o Semeão Prudente começou a suspeitar da conduta da Etelvininha. Um primo da esposa, que apareceu sem êle saber de onde vinha, aparecera-lhe em casa a dar os pesames. Depois de então, nunca mais deixára de aparecer onde a Etelvininha aparecía. A primasía do primo na vida da prima começou a ser notória á primeira vista. O Semeão, que andava com a *pedra... na bota de elástico,* notou qualquer coisa na cara das pessoas das suas relações, que mais o fez suspeitar da cara metade. Etelvininha, talvez atacada pela tal *primasía,* mudou de hábitos para com o Semeão. Ela, que era um vul-

cão de amor, tornara-se fria como a pedra do rio. O esposo, a princípio atribuia o caso á arquitectura da casa ser exposta ao norte... Junior e á estação invernosa. Mudou de casa, mudou a estação,

— Não se mexam!

e a Etelvininha cada vez mais fria. A temperatura da esposa sempre a descer, a ponto de os termómetros de mercúrio já não marcarem nada naquele amor a 75 graus abaixo de 0. O Semeão, nesta altura de tão baixa temperatura, teve de fazer uso dos termómetros de *alcool... canforado.*

*

* *

— Estarei enganado, julgando-me enganado?

Não havia que vêr, ou para melhor dizer, só havia que vêr. Espionou a esposa. A suspeita era verdadeira. O Semeão viu a consorte e o primo, depois de entrarem, saírem de um lugar suspeito. O Semeão ía tambem a sair de sí, mas resolveu não saír, porque estava a chuviscar e não trazía guarda-chuva. Para fugir á chuva e á sêde de vingança, entrou no «Martinho» e para cobrar sangue frio, pediu um *bock* gelado. Bebeu a cerveja, engulindo em sêco. Que situação para um homem da sua situação! Como saír dela? Pelas vias de facto ou pelas vias competentes do divórcio? O Semeão Prudente chamou a si todas as reservas da sua prudência. As tragedias repugnavam aos seus hábitos de comendador e de pacatez. Como arranjar uma prova para servir de base ao divórcio sem escandalo? O Semeão bateu na testa, maguou a mão, mas tinha conseguido um meio para se tirar do lance terrível.

*

* *

No dia seguinte correu ao Chiado e comprou um *Kodak*. Sereno e altivo na sua desgraça, foi pôr-se á cóca da esposa e do amante. O primo vinha de braço dado com a Etelvininha. Muito entregues a si, não repararam no Semeão que no vão

de uma escada de caracol punha os *pésinhos* ao sol. Êste deixou-os entrar e depois de alguns minutos de espera, entrou por sua vez no antro onde a sua honra estava a ser manchada. Num corredor *apontou* uma nota de cinquenta escudos a uma das criadas. A serva, *intimidada,* indicou-lhe o quarto onde os pombinhos arrulhavam. O marido atraiçoado irrompeu pelo aposento. Num sofá os dois amantes, para estarem mais á vontade tinham-se pôsto á vontade. O Semeão, com o maximo sangue frio, assestou-lhes o *Kodak.*

— Não se mexam!

Surpresos, os dois amantes não fizeram um movimento. O silêncio trágico foi quebrado pelo estalido sêco do obturador.

— Estou vingado! exclamou o Semeão Prudente, triunfante.

Tres dias depois requeria êle o divórcio, apresentando, como prova do adultério, uma nítida, esmagadora *prova... fotográfica.*

Prótese dentaria

NÃO sabemos se a dôr de dentes é uma doença hereditária e contagiosa. O que podemos afirmar é a sua antiguidade. E pelos profundos e aturados estudos que temos feito, chegámos á conclusão de que as dores nos molares, incisivos e caninos vêm de épocas longínquas que devem remontar á idade da *pedra... nos dentes.* Na nossa mocidade só se ía ao dentista quando nos doiam os dentes. Hoje não; vai-se lá sem nos doer coisa alguma. Está na moda tratar-se da bôca, como está na moda tratar se toda a gente por você. Em tempos idos a cadeira do dentista era um lugar de tortura A odontologia antiga limitava-se a um bom pulso, uma torquez e um bochêcho de água avinagrada. Nos últimos tempos tirar um dente é, sem tirar nem pôr, o mesmo que tirar o chapeu a uma dama a quem tenhamos o prazer de cumprimentar. A proficiência e os anestésicos aca-

baram com os incómodos e com as dôres. Depois, são espantosos os progressos na prótese. Colocam-se dentes *à pivot* em placas e obturam-se tambem a *cimento... armado*, ouro e pedras preciosas. Olhar ás vezes para um céu da boca é ter a ilusão perfeita de uma noite lindamente constelada. Como dissemos, os incómodos desapareceram devido á aplicação de sciências várias á odontologia. E assim, as matemáticas têm tido uma grande importância na *extracção... sem dôr* das *raizes... quadradas* dos dentes do sizo cariados.

A nossa mesa no «Italia» é aquela que fica junto á venda de tabacos. E' ali que todas as noites nos encontrâmos com alguns amigos e entre estes, o Saramago.

O Saramago é um velho amigo que nos tem em particular conceito e que para nós não tem segredos. A não ser o segrêdo dos seus aparelhos ortopédicos para *pernas de cadeiras... quebradas*, que êle reserva, e dos quais tem patente de invenção, Saramago é para nós um coração e uma bôca abertos. Sobretudo nas suas intrigas e aventuras amorosas, como se diz nos romances de *capa de percalina e... espada*, sômos dêle fieis depositários. Ora o nosso amigo, que viamos nos últimos tempos radiante, apareceu-nos ontem com cara de *caso... complicado* e um nariz de palmo. Êle, fiel ao seu princípio, tinha-nos dito que andava nos preludios de uma conquista que, a realizar-se, seria um dos seus maiores triunfos. Ontem, vendo-o assim tão de orelha caida, tão derrotado, tivemos

a impressão de que o Saramago não era feliz em amores. Servido o café e uns cálices de *cognac*, fomos ao encontro da confidência:

— Que tens, Saramago? Estás triste e apreensivo... Isso é do estomago ou do coração?

Servido o café e uns calices de *cognac*, fômos ao encontro da confidencia.

O Saramago não respondeu logo, sorveu um gole de café, molhou os lábios no *cognac*, e só depois é que desembuchou:

— Sabes lá o que me acaba de acontecer!... Estou aqui escamado como uma barata, fero como um tigre...

— Tigre de bengala ou de chapeu de chuva?

— O' homem, não faças espírito... Não me exasperes... Fui tratado indignamente...

— Bem. Não farei mais espírito... Entra no assunto.

O Saramago puxou de um cigarro e depois de o bater muito bem batido na unha do polegar, acendeu-o e arrancou duas fumaças.

— Lembras-te de eu ter dito ha dias que na paragem dos Restauradores, ao descer de um electrico, tinha visto uma dama que me deu no gôto?... Sobretudo os olhos, azuis, azul faiança.

— Como coleccionador de cerâmica, deves entender de vidrados.

— Lá voltam as gracinhas... Ou guardas o espírito para os folhetins ou eu entupo, cérro os dentes e nem mais uma palavra...

—Vamos, não cerres nada e não vás á *serra*... Eu saberei ser um *auditorio calado atento e venerador*.

Retomando o fio do discurso, continuou:

— Tivemos três encontros no mesmo local, em que os nossos olhos falaram pelos cotovelos e os nossos sorrisos foram perfeitos algarvios... Quando pela primeira vez lhe dirigí a palavra pareciamos já dois antigos conhecidos. Gabriela — era o seu nome — muito instada, marcou-me uma entrevista no consultório do D.or Remédios das Dôres, o conhecido dentista da Rua do Ouro, onde ela andava a tratar da bôca. Com uma pontinha de chiste, disse-me: «Ha quem leve para o consultório livros e bordados para se entreter... Eu levo o senhor para matar o tempo». Amavel

e madrigalesco, retorqui: «Morto estou eu por V. Ex.ª»...

No outro dia, á hora marcada, postei-me á porta do dentista. A encantadora Gabriela não se fez esperar. Subimos ao consultório. A clientela estava muito ocupada. De relance vi: uma senhora nutrida que bordava; uma menina a devorar páginas da *Garçonne,* de Margueritte; um cavalheiro respeitável a dormitar; outra dama a costurar; dois jovens de sexos diferentes num espantoso *flirt de... pés* e mãos, e um major de cavalaria a fazer caretas com dôres num queixal. Emfim, muita gente de pé e sentada, em atitudes várias. Eu e Gabriela sentámo-nos e principiámos a falar de mil coisas. Os compassos *de espera* de cliente para cliente eram intermináveis. Por meio da nossa conversação, não perdendo o meu fito, não perdia o ensejo de dizer amabilidades á linda Gabriela. Apesar do encanto do convivio, ia achando estopada a espera de vez. Finalmente esta chegou á gentil cliente. Foi o proprio dentista, o Remédios das Dôres que, atravessando a sala, a veio chamar. Eu levantei-me um tanto embaraçado, mas Gabriela, muito senhora de si, e com um sorriso um tanto zombeteiro, apresentou me ao dentista:

— O sr. D.or Remédios das Dôres... meu marido o s.or Saramago...

O tira-dentes, estendendo-me a mão, tirou-me da perplexidade, indagando:

— E V. Ex.ª queixa-se de algum queixal ou mastiga bem?

— Bem, muito obrigado... respondi, ainda um tanto admirado de Gabriela me fazer passar por seu marido.

— E' pena...

— Porquê?

— Porque tinha aí uns dentes de elefante que lhe deviam ir muito bem ao parecer.

— Dentes de elefante?!

— Sim, senhor. Na minha casa a obra é toda de marfim autêntico. Não tenho conta corrente com os coveiros do Alto de S. João, como a maioria dos colegas.

E dizendo isto, o Dôres conduziu Gabriela ao consultório. Eu ainda parafuzei um pouco nos dentes de elefante, mas o que não me saía da ideia era o expediente da dama. Gabriela, felizmente, demorou-se pouco e, ao acercar-se de mim, disse-me:

— Deve estar admirado da minha apresentação, mas a situação era embaraçosa e creio ter saído dela com facilidade...

— E felicidade! acrescentei, para continuar a ser amável.

Depois, Gabriela, olhando-me muito nos olhos, largou a rir. Eu, acabando por lhe achar graça, ri tambem. Para encurtar palavriado, direi ter acompanhado Gabriela a mais sete sessões e que, durante esse tempo, fui fazendo progressos no seu coração. Consegui dela a promessa de que, acabado o tratamento, iria visitar a minha preciosa colecção de loiças da India e Japão, que guardo num pequeno «Paraiso» no Campo de Sant'Ana. Che-

gou, finalmente, o dia em que o dentista deu por concluido o seu trabalho. O Remédios das Dôres veio acompanhar até á sala de espera a cliente, desfazendo-se em cumprimentos. Trazia um papel na mão, que me apresentou, explicando:

— Aqui tem V. Ex.ª a conta do tratamento dos dentes de sua ex.ma esposa.

—Aqui tem V. Ex.ª a conta do tratamento dos dentes de sua ex.ma esposa.

Peguei no papel e vi a soma: oitocentos escudos.

Desagradavelmente surpreendido, paguei ao dentista. Gabriela viu a scena com um lindo sorriso a brincar-lhe nos lábios. Na escada disse-lhe:

—Não se esqueça, ámanhã, das duas para as três... Campo de Sant'Ana, 328, 2.º...

A gentil Gabriela, envolvendo-me num olhar que me estonteou, retorquiu:

— Não me esqueço, serei pontual...

*

* *

Ontem, pela uma hora, já estava na minha casa do Campo de Sant'Ana á espera de Gabriela. Esperei, esperei... deram duas, três, quatro horas e nada de aparecer. Conjecturei mil coisas, mas nenhuma que me fizesse pensar ter sido ignobilmente intrujado. Pois fui. Hoje tirei-me dos meus cuidados e andei a procurar a morada que Gabriela me dissera ser a sua habitação nas avenidas novas. Isso sim! O número indicado era uma padaria... E assim perdí uma gentil mulher, oito dias num dentista e ainda por cima oitocentos escudos... E esta? Que te parece a prenda da tal Gabriela? Apesar da cara amargurada do Saramago, não me foi possivel deixar de gracejar:

— A Gabriela não sei, *mas os dentes sairam-te duros... como ossos.*

A cadeira do teósofo

O meu amigo Eusebio da Berga Mota é perfumista, teósofo e casado com a D. Hortensia da Madre Silva. Além dêstes atributos, é meu parceiro ás *damas*, sendo um jogador temivel. E' rara a noite em que ele não me ganha vinte ou trinta jogos. Por mais calculos que faça, por mais processos empregados, ele come-me as pedras e prende-me as *damas* e eu abafo ao pêso de sucessivos «capotes». Então, para desabafar, monólogo mentalmente:

— Com uma sorte dessas, e com o Jasmim, horas e horas fechado com a tua mulher... E's, ólá se és!

E tenho carradas de razão para pensar desta maneira. E' demais uma sorte assim... Ele, que foi meu discipulo, a dar-me agua pela barba, dando-me constantes bigodes! Eu bem lhe tenho dito, mas ele não acredita... Ora V. Ex.as acham ra-

zoavel estar uma senhora de vinte e cinco anos fechada num gabinete a receber lições de pintura de um pintalegrete, ainda mais novo do que ela? E depois, a D. Hortensia, não desfazendo, não é nenhuma péste. E' alta, ruiva,d e abundantes cabelos ondeados. A pele finissima, que os cremes da invenção do marido amaciam e perfumam, é inebriante ao olfacto e deliciosa ao contacto. E para mim o que ela tem de mais tentador, mesmo mais do que os olhos verdes, é um sinalzinho de cabelo na face esquerda. E aquele Eusebio que tanso foi em meter o Jasmim em casa! Mas que terá o sr. com isso? dirão V. Ex.as. Tenho muito, mesmo muitissimo... A entrada do Jasmim em casa do perfumista veio-me empatar as vazas. E empatou-m'as, porque D. Hortensia, sabendo quanto eu era devotado ao seu sinalzinho, ia-me dando sinais bem evidentes e palpaveis de lhe não ser desagradavel a devoção.

Corriam deliciosos os dias em que á janela lhe fazia companhia, esperando o perfumista, cujo estabelecimento fica mesmo em frente da moradia. Eu não tirava os olhos do sinal tentador e a minha mão procurava o contacto da sua mãosinha macia, apertando-a ternamente. Só quando o Eusebio fechava o estabelecimento é que nós saíamos do nosso sonho dourado, para tomarmos atitudes mais discretas. Fechando a porta, o perfumista olhava-nos contente lá de baixo. Depois enfiava para a escada, e o nosso enleio continuava durante o tempo em que o marido satisfazia uma alta neces-

sidade de espirito. Creio que logo de comêço disse que o Eusebio, alem de perfumista, era teósofo. Era, e sobre o assunto *falava . . . de cadeira.*

Fechando a porta, o perfumista olhava-nos contente lá de baixo.

Falava-me e enchia me os ouvidos com as suas doutrinas. Eu escutava o com fingida atenção, pois todos os meus pensamentos eram para o sinal de Hortensia. Ora, não o contrariando, enchia-o da

esperança de, mais tarde ou mais cedo, converter-me á sua fé. E que júbilo não sería para o Eusebio e que triunfo não seria para a sua causa, se ele pudesse anunciar na «Associação dos Iluminados da Teosofia da Travessa das Almas» que o maior materialista dêste mundo e do outro se havia filiado na seita!

O Eusebio mandára fazer de encomenda uma cadeira especial para as suas meditações teosóficas. Era um grande cadeirão de pau santo, de alto espaldar, estofado e forrado de damasco carmesim. A cadeira era para o perfumista-teósofo um altar, um lugar sagrado, que trazia sempre debaixo de ôlho, não consentindo que ninguem nela tomasse assento. Era ali, na ampla cadeira, que o Eusebio saía em espirito da carcassa material e se punha em contacto com a Divindade. Aquilo eram coloquios interminaveis, porque o Eusebio, sendo muito conhecido nas regiões etereas, estava por lá muito bem relacionado, chegando a tratar alguns altos espiritos tu cá tu lá. Todas estas elevações espirituais tinham lugar antes do jantar. Eu e a D. Hortensia aproveitavamos estes bocados muito bem aproveitadinhos para continuarmos no nosso idílio.

Quando o Jasmim, pintor modernista que tambem era da seita, começou a freqüentar a casa e depois passou a dar lições da sua arte a D. Hortensia, todo este docé viver se modificou. As atenções que a esposa do perfumista me dispensava reverteram para o pintor. Passaram para ele

os olhares ternos, os suspiros, os sorrisos significativos e os deliciosos contactos de pés e mãos. E o sinalzinho da face, que eu tanto gostava de contemplar, era agora o enlevo do futurista. Isto era o que eu via, o que sería então á porta fechada, quando das lições de pintura!... Só o marido em nada reparava, estava ofuscado, estava ceguinho de todo...

Devido á sua temivel *sorte... de gaiola* e á sua paciencia bovina, eu continuava a perder ás *damas*. Amigavelmente, algumas vezes lhe disse:

— Que diabo, Eusebio! tu fazes mal em deixar tantas vezes a tua mulher a sós com o pintor...

— Ora! não ha motivo para receios... Tu bem sabes que a Hortensia é a fidelidade personificada e o Jasmim a inocencia em pessoa...

— Pois sim, meu velho, vai te fiando... Confia, confia e ficas *a... viado...*

O *aviado* fôra dito intencionalmente, mas o Eusebio fez-se Lucas.

As lições de pintura realizavam-se na sala onde o perfumista guardava a sua cadeira das meditações teosóficas. Algumas vezes, mudando de poiso, os dois pombinhos vinham arrulhar para uma sala contigua áquela onde jogavamos. Era naturalmente quando tinham a vista cansada do colorido dos seus quadros. Então D. Hortensia sentava-se ao piano e executava trechos sentimentais... Pouco depois cantavam *duetos* ternos e amorosos...

Eu sentia nesses momentos um *ferro... em*

brasa. Desgraçado de mim, que tinha de *ouvir... os duetos* e calar. O Eusebio, esse ouvia muito bem, mas fazia ouvidos de mercador. Um dia ele, muito confidencialmente, veio dizer-me:

— Tenho uma novidade a dar-te...

— Não digas mais... Descobriste que tua mulher te é infiel!

— Qual! E tu a dar-lhe!... A novidade é que a Hortensia e o Jasmim estão a dar os ultimos retoques num quadro ultra-modernista e altamente psíquico...

— Sim?! Muito me contas!

— E o trabalhinho que eles estão a fazer intitulam-no o «Espirito da Divindade».

— Deve ser um encanto... Como nêle predomina naturalmente o encarnado, vais ficar deslumbrado...

Apesar de a tela estar nos ultimos retoques, como confidencialmente me dissera o Eusebio, mais três meses se passaram sem que o trabalho fôsse dado por concluido. Eu é que já não podia mais, o meu coração estava cruelmente ferido com a indiferença de D. Hortensia e os meus brios de jogador estavam postos em cheque pela formidavel *sorte* do Eusebio. Era o caso: ele é que a tinha e eu é que dava sorte... Devido aos calores caniculares que atravessâmos, á minha excessiva gordura e ao meu estado de alma, todo eu transsudava vingança por todos os póros.

Ontem, depois de haver perdido trinta jogos, não me foi possivel sufocar o meu aborrecimento

e indignação e, batendo raivosamente com o punho fechado no taboleiro das *damas*, fazendo saltar as pedras, exclamei alto e bom som:

O parife do Jasmim, repoltreado na cadeira e tendo a perfida da Hortensia nos joelhos, beijava-lhe ávidamente o sinalzinho da face

—Irra! Irra! Que isso é sorte de mais! Isso é sorte de... chifre, mas de alto lá com ele!

O Eusebio deu um salto no assento e fixando-me espantado redarguiu:

— Tu vais longe nas tuas afirmações... Prova o que dizes...

Eu, em vez de acalmar, puz-me de pé e pegando no braço do perfumista, obriguei o a levantar-se.

— Queres uma *prova real?* Vais tê-la! As minhas afirmações não vão longe... Elas e as provas estão perto...

Então, arrastando o «Menelao» até defronte da porta do gabinete onde êle tinha contactos com os altos espiritos, disse-lhe imperativamente:

— Os pombinhos estão aferrolhados por dentro... Espreita pelo buraco da fechadura... e verás!

O Eusebio, submisso, obedeceu. Mal êle tinha assestado o ôlho direito no orificio, eis que se ergue pálido e transtornado. Eu então preguntei-lhe sarcasticamente:

— Estão a pintar a Divindade?...

Êle, trémulo e convulso, respondeu me:

— Não! Estão a pintar o diabo! E para o pintarem serviram-se de um lugar sagrado!

— De um lugar sagrado?

— Sim! Serviram-se da minha cadeira das meditações teosóficas...

Eu, por meu turno, interessado pela revelação, olhei tambem pela fechadura. Efectivamente o Eusebio dissera a verdade... O patife do Jasmim, repoltreado na cadeira e tendo a perfida da Hortensia nos joelhos, enlaçava-a nos braços e beijava-lhe avidamente o sinalzinho da face...

Porque casou o Salustiano?

Os jan'ares do meu amigo Baltasar Soeiro não são as orgias do Baltasar da Babilonia. São uns jantares ás quintas-feiras, pacatos e bem cozinhados. Eu, o anfitrião e o Saraiva, da Academia das Sciencias, formâmos uma trempe unida por velhos laços de amizade. Se o estomago se delicía com os manjares, o espirito rejubila com a conversação. Falâmos um pouco de tudo em geral e muito das vidas alheias em particular. E assim, e a propósito de uma perdiz com môlho de vilão, o Soeiro preguntou ao Saraiva:

— Porque casou o Salustiano?

— Casou, não por uma questão de coração, como sería para supôr, mas por um motivo dos ouvidos...

Espantados, suspendemos os garfos na altura dos queixos e exclamámos:

— Dos ouvidos?!

— Sim, meus amigos.

E' uma história longa, mas se a querem ouvir...

— Venha ela...

O Saraiva, limpando os labios cuidadosamente, continuou:

— E vou contá-la, preambulos á parte, tal qual como êle m'a contou...

* * *

Ora o consórcio do Salustiano, para ser um efeito, teve uma causa. E assim, temos de nos reportar ao seu passado. Se não estou em êrro, começámos a conhecer o nosso amigo ha bem trinta anos, sendo seus condiscipulos na Politécnica e nosso companheiro na pensão da D. Martinha, na rua de S. Marçal. Por esse tempo já êle era uma criatura exótica e ratona. Dado aos profundos estudos paleontológicos, o sabio em embrião só via as coisas da terra pelo aspecto subterraneo. Na pensão, rilhando uma costeleta de carneiro, o seu pensamento andava ás voltas com uma costeleta de mastodonte.

De cabeça baixa, absorto, olhos fixos no solo, perscrutando-o, dardejava-lhe olhares tão penetrantes que, certamente, atravessando-o desde o *plioceno* ao *siluriano*, iam os olhares chocar-se na epoca primitiva. Se falava pouco, menos gostava de ouvir falar. Andava só, *cozido... e assado comsigo*. Ninguem lhe conhecêra nunca uma predilecção, uma

tendencia, um amor que não fôsse a sua paixão pela paleontologia.

Acabados os seus estudos de sciencias naturais,

... levava horas sem fim e dias a fio a esquadrinhar a osteologia da queixada de um *dinotherium* ou de outro bicharoco qualquer.

continuou a viver por quartos alugados, porque para mais não davam os seus mesquinhos rendimentos. Esta vida era para o seu espírito de misantropo e de estudioso um horror. Não parava dois meses

em cada domicilio. Nuns porque havia meninos pequenos que choravam, noutros porque havia pessoas crescidas que cantavam. Umas vezes era porque tinha um sapateiro por cima e outras porque tinha um latoeiro por baixo. Então se na escada exístia piano não estava lá dois dias. Deixou mesmo um bom quarto independente porque o vizinho do lado ressonava de assobio. Os pregões, as buzinas dos automoveis, as sereias dos navios, os silvos dos comboios e as campainhas dos electricos eram motivos para o Salustiano fugir irritado e abandonar os seus estudos

Quando nada o importunava esquecia tudo e levava horas sem fim e dias a fio ás voltas a esquadrinhar a osteologia da queixada de um *dinotherium* ou de outro bicharoco qualquer. Fazia serões á luz de petroleo e trabalhava noites inteiras. E assim passou anos estudando e escrevendo livros sôbre a sciencia que o absorvia.

*

* *

Há cêrca de dois mezes uma circunstancia veio alterar-lhe um tanto a vida, mas não lhe modificou os habitos e costumes. A circunstancia fôra a morte de uma tia, que lhe legára algumas dezenas de contos. Na posse da fortuna, no que pensou logo, e muito bem, foi em alugar uma casa propria. Custou-lhe a encontrar e custou-lhe cara, mas ficou bem servido. Era um terceiro andar para os lados da

Praça das Flôres, numa travéssa sossegada e de pouco trânsito. As seis divisões da moradía eram de sobejo para quem durante tantos anos um quarto bastára. O Salustiano dera-se ainda ao luxo de meter uma criada, mulher já idosa. Da melhor casa fez o seu laboratorio. De alto a baixo eram prateleiras carregadas de rochas, terras, conchas, ossos e fósseis de todas as épocas e periodos.

Estava encantado, maravilhado com o seu gabinete de trabalho, iluminado a electricidade. Logo na primeira noite de estar instalado recomeçou os seus estudos, entregando-se a eles até de madrugada. Extenuado, meteu se no leito para repousar. Dormitava já e começava a sonhar que tinha encontrado uma nova especíe de *trilobites*, quando acordou sobressaltado com os acordes de um violino. Este atacava furiosamente o *Mon homme*. O Salustiano estava fulo. Terminada a peça outra lhe sucedeu, depois outra e outra. Foram cinco, dez, vinte, e tantas foram que o paleontologista lhe perdeu a conta. Êle, ás voltas na cama, rabiava, e, desesperado, arrancava os pêlos da calva. O violino, que passára para a série dos maxixes, emperrára num *lá* de onde não havia fórma de sair. O Salustiano suava e tinha calafrios. Enervado, já tanto lhe parecia que o som vinha de cima como de baixo. E o maldito *lá* sempre a guinchar. Para se certificar de que *banda . . . musical* efectivamente vinha o som, chamou a criada:

— Diga-me, sr.ª Andreza, êste infernal *lá* é lá de cima ou lá de baixo?

A velhota, á fôrça de muito parafusar, é que conseguiu compreender a pregunta e então explicou-lhe:

— E' cá em baixo que tocam...

Não podendo suportar mais a chiadeira, o Salustiano vestiu-se e foi passear para a Patriarcal.

Encurtando, direi que a todas as horas do dia, e mesmo da noite, a rabeca não deixava um momento de descanso aos timpanos do nosso pobre amigo. Andava num estado de irritação pavoroso. Havia mesmo ocasiões em que até lhe parecia serem dois os violinos a atormentá-lo. Não podendo suportar por mais tempo o suplício, tomou uma resolução heroica e foi bater á porta do segundo andar.

Foi o dono da casa que o introduziu e lhe preguntou o que desejava. O Salustiano pôs a questão em termos claros:

— O s.or tem em casa um maldito violino que me não deixa trabalhar nem dormir... Ora eu venho propôr-lhe uma indemnização e o s.or muda-se...

O inquilino do segundo arregalou os olhos e redarguiu:

— Perdão, quem não está bem é que se muda... Eu gósto da habitação e não me mudo. E de mais, creio que cada um em sua casa pode tocar violino quando lhe der na gana...

— Mas eu é que não posso ouvir mais a chiadeira...

— Chiadeira?! O s.or chama chiadeira á mú-

sica da minha filha, uma laureada do Conservatorio?!

— Bem, não será chiadeira, será música celes-

As notas de um maxixe, atravessando o sobrado e enchendo o quarto, despedaçavam-lhe os timpanos.

tial... Eu porém é que não posso aturá-la mais... Arranje o s.or um meio para acabar com o ruído, que eu pago, custe o que custar...

O inquilino do segundo andar, depois de matutar algum tempo, bateu na testa, exclamando:

— Tenho um! Vou expô-lo e veja se lhe agrada... A Julieta, a minha filha, para ganhar a sua vida, toca no Eden-Cinema da Pampulha... Ora a pequena não é feia e está em idade de casar... Case o s.or com a Julieta... E como dizem cá no sitio que o s.or tem meios de fortuna, bem pode dispensar-lhe o violino...

O Salustiano não hesitou, aceitou a condição.

*

* *

Casado, muito satisfeito por poder trabalhar tranqüilamente, na noite do noivado disse á esposa que se deitasse que ele já lhe iria fazer companhia no tálamo. O pior foi que teve de ir ao seu gabinete de trabalho. E assim que se lá apanhou esqueceu o casamento, a noiva e o tálamo. Entregando-se aos seus estudos, só os abandonou quando era dia claro. Fatigado, cheio de sono, abrindo a bôca, dirigiu-se para o seu quarto e enfiou se na cama, sem se lembrar do seu novo estado e que não estava só no leito. A esposa, encolhida, fingia que dormia, espionando pelas palpebras semi-cerradas os movimentos do marido. O Salustiano voltou-se para o outro lado e adormeceu. Mal tinha porém dado entrada no país dos sonhos, eis que acorda sobressaltado. Uns acordes de violino ouviam-se no andar de baixo. O Salus-

tiano, julgando-se vítima de um pesadelo, esfregou os olhos desesperadamente e espevitou os ouvidos, raivoso. As notas de um maxixe, — desta vez era um maxixe —, atravessando o sobrado e enchendo o quarto, despedaçavam-lhe os timpanos. Então recordou-se de que tinha casado e que por êsse preço comprára a sua tranqüilidade... E agora eis que de novo ouvia a infernal chiadeira!

Reparando então na esposa, increpou-a furioso:

— Como se compreende, minha senhora, ouvir novamente o mesmo violino?

A esposa, despeitada e aborrecida, respondeu:

— O violino é outro...

— Outro?!

— Sim, senhor! E' o meu irmão Mario, que toca no Ideal-Cinema de Xabregas... Se não o quere ouvir, vá lá abaixo e peça a mão de Mario ao papá... E depois dote-o e case com ele, porque para o s.or passar uma noite de nupcias tanto lhe deve servir o irmão como a irmã...

O' Teles... do Poço dos Mouros

Isto de andar com a pedra no sapato, cremos que já vem do tempo em que se andava descalço, da época da pedra lascada. O Gaudêncio do O' Teles, casado com uma trigueira muito interessante, suspeitava desde há muito que era traído. O Gaudêncio móra no antigo sítio do Poço dos Mouros. Chamâmos a atenção do leitor e da Câmara Municipal para o prédio onde vai desenrolar-se esta tragédia; a atenção do leitor, porque o prédio em questão é uma das *personagens* importantes desta narrativa, e a atenção da Câmara, porque a edificação ameaça ruina. Não admira. Os desabamentos naquêles sítios são tão freqüentes que já não *abalam* os moradores do bairro. O que vale aos proprietários é as construções que caem estarem sempre... *seguras*. Há pouco errámos, quando dissemos *o prédio*; deveríamos ter dito *os prédios*, porque são dois onde se vão des-

enrolar os terríveis acontecimentos. A confusão foi devida a serem ao lado um do outro, construidos pelo mesmo engenho e *arte... de furtar* do mesmo *gaioleiro*. Ambos são de cinco andares, pintados do mesmo *verde lagarto... debaixo da Penha*, e são tão semelhantes como duas gotas de água, como duas marinhas do s.or João Vaz. Têm a diferençá-los apenas os *sinais particulares* M. J. para a moradía do Gaudêncio e J. M. para o prédio vizinho.

Vamos á história. Desde longa data que o O' Teles se supunha enganado. A insistência de vêr entrar na sua escada, quando saía, um indivíduo de cara rapada, monóculo e *gabardine*, trazia-o alarmado. Verdade seja que a Inocência, a esposa, tratava-o com o mesmo carinho e disvelo, pondo-lhe, mal êle chegava a casa, o barretinho de lã, para evitar as constipações de cabeça a que é muito atreito. Êle já tinha sondado a esposa, fazendo-lhe preguntas de *algibeira... do colete*, porque era sempre em mangas de camisa que a interrogava, antes de ir para o emprêgo. Ela, porém, respondia de fórma tão precisa, tão inocente, que êle arredava da Inocência a suspeição que o torturava.

— Que diabo! (dizia êle tambem com os seus botões do colete): — Num prédio de dez inquilinos, não admira que o homem da *gabardine* vá a casa de alguêm, sem ser a minha. Talvez seja algum professor de *equitação* que tenha discípulos em algum dos andares...

Estas ideias ponderadas, afastavam as suspeitas do O' Teles, até ter novo encontro com o da *gabardine*. O tempo foi passando, mas as suspeitas é que não passavam. A simples dôr de cotovelo tornára-se em furioso ciume. O Gaudêncio andava como pólvora, como uma bicha de rabiar... Aquilo não podia ir mais longe, queria saber a verdade, a límpida *Verdade* saída do *Poço... dos Mouros.*

*

* *

Deu-se a explosão... Ia a tomar o electrico quando de um outro carro o da *gabardine* saltou lesto para o chão. O Gaudêncio, pálido, convulso, sentiu um calafrio pelas costas acima, e um *calaquente* pelas costas abaixo. Estático, viu passar o outro, que o mirou indiferentemente. O da *gabardine* já tinha voltado a esquina, quando o Gaudêncio, caindo em si, resolveu cair sôbre o rival. E correndo, espumando de raiva, foi em sua perseguição. Ao dobrar a esquina já não viu o da *gabardine;* naturalmente devia ter entrado. Então não hesitou. Enfiando pela escada, subiu dois a dois os degraus. Na altura do primeiro andar, esbarrou com uma criada que trazia o caixote do lixo; com o encontrão a criada caíu e o caixote espalhou o conteúdo.

A mulher, esbracejando, desatou a berrar:

— Seu urso! Parece um gatuno fugido á polícia! Vai cego!

E ia cego e surdo, o Gaudêncio do O' Teles. No segundo andar, dirigindo-se para o lado esquerdo, onde morava, empurrou a porta, que estava encostada. E então, como um raio, derrubando tudo como um ciclone, urrando como um touro, penetrou na alcôva. As janelas tinham as portas de madeira semi-cerradas, envolvendo o quarto em penumbra. Não se tinha enganado. Junto ao leito, de pé, estupefacto, estava um homem em mangas de camisa. É sempre difícil de saber ao certo, quando um homem está em mangas de camisa, se acaba de despir o casaco ou se, pelo contrário, se prepára para o vestir. Erguendo-se, uma senhora, sentou-se no leito, gritando:

— Ai, *Arnesto!* É um maluco que nos entrou em casa!

O homem, tirando um apito da mesinha de cabeceira e barricando-se por detrás de uma poltrona, invectivou o Gaudêncio:

— Seu patife! A casa do cidadão é inviolável! Que quere daqui?!

O Gaudêncio, a quem a cólera tinha transtornado, não sabia onde estava nem compreendia o que lhe diziam. Tirou uma chave da algibeira, gesticulando com furor:

— Quero vingar-me! Ladrão da minha honra, vou abrir-lhe a cabeça... com esta chave do trinco! (Voltando-se para o leito). E tu, mulher adúltera, á minha fé de O' Teles, vais morrer estrangulada, como a Desdémona.

A senhora não quis ouvir mais; saltou da cama

em trajos menores, correu á janela, e abrindo-a de par em par, desatou a berrar para a rua:

— O' da guarda! O' da guarda! Acudam, entrou-nos em casa um doido!

— Quero vingar me! Ladrão da minha h nra, vou abrir-lhe a cabeça... com esta chave do trinco!

O cavalheiro, barricando-se melhor, começou a apitar, soprando com toda a fôrça dos seus pulmões. Os moradores dos andares superiores, assustados, correndo aos patamares, foram envolvidos pela nuvem de poeira que o caixote do lixo tinha produzido, quando despejado pela violencia do cho-

que entre a criada e o Gaudêncio. Alguêm, alvoroçado, bradou:

— Ha fogo no segundo andar!

Então estabeleceu-se o pânico e tudo foi para as janelas gritar:

— Ha fogo! Ha fogo!

A multidão, que se ia juntando defronte da porta da rua, interrogava a criada que, maguada pelo trambulhão, gesticulava, gritando:

— E' um ladrão, um assassino que incendiou o prédio e está a matar os meus patrões! Acudam lhes!

De alto a baixo do prédio todos apitavam, barafustavam, chamando por socorro. Contra o costume, o material de incendios compareceu num momento no *local... do sinistro*. A multidão subia aos andares, emquanto os inquilinos, sobraçando os seus objectos mais preciosos, desciam, chocando-se na estreita escada de caracol. Uma confusão espantosa! Nos prédios contiguos o alarme comunicara-se. Chegavam polícias das esquadras de Arroios e do Alto do Pina. Lá para os lados da Estefania ouvia-se o tropear da cavalaria do Cabeço de Bola. O Gaudêncio do O' Teles, de chave na mão e olhos fóra das órbitas, ofuscado pela claridade que entrava agora a jorros pela alcova, ia vendo mais claro, mas o seu cerebro exaltado cada vez via tudo mais escuro. Aquele quarto não era o dele; aquela mulher que berrava não era a sua; aquele homem de bigode que apitava não era o seu homem, nem o da sua mulher! Os vizinhos do

lado que entravam espavoridos, tambem não eram os vizinhos do seu lado! Onde estava? Sería sonho? Estaria efectivamente doido, como diziam?

Perplexo, confundido, ouvia os gritos, os apitos, as cornetas de alarme, o rugir da multidão, sem acertar com a causa de semelhante pandemónio. Aturdido, vieram tirá-lo da estupefacção dois polícias que juntamente com a turba, tinham subido.

Envergonhado, coberto de ridiculo, lá seguiu entre a escolta, acompanhado do povoléu.

— Está prêso! bradaram. E ande lá para diante!

*

* *

Encolhido, o touro furioso de ha pouco, entregou-se como um cordeiro. Lá fóra, na rua, foi um trabalho insano para impedir que a multidão exasperada o linchasse.

— Morra o ladrão! Morra o incendiário! Morra o assassino!

Alguns, menos sanguinarios, exclamavam:

— Se é maluco, que vá para Rilhafoles!

O Gaudêncio do O' Teles, quando se viu salvo, entre uma escolta da Guarda Republicana, ergueu os olhos para o prédio de onde saíra.

— Ceus! Agora comprendia tudo, tinha se enganado!

Aqueles dois prédios, tão semelhantes como duas gotas de água, como duas marinhas do S.or João Vaz, tinham-no feito caír naquela medonha tragédia.

Tudo se explicava agora: enganára-se nas *letras... da porta*, enfiára pelo J. M., quando devia ter metido pelo M. J. Desolado, ergueu a cabeça e espraiou a vista para o alto. Nos dois prédios todos os inquilinos estavam á janela, excepto no 2.º esquerdo, onde habitava. As vidraças fechadas e as cortinas corridas indicavam que algo de mais importante interessava os moradores do que uma simples ocorrencia na rua, ainda que bastante ruidosa como aquela. Envergonhado, coberto de ridículo, lá seguiu entre a escolta acompanhado do povoléu.

O herdeiro

O palacio dos viscondes da Pedra Furada estava situado no Bairro Alto. Como todos os palacios dos seculos XVII e XVIII, êste era um vasto casarão caiado, de janelas gradeadas no rés-do-chão e de sacadas no primeiro andar. Os moradores do palacio, possuindo vastos dominios na provincia, viviam na capital atraídos pelos divertimentos, fausto e brilho da côrte de D. João V. O visconde D. Mendo de Meneses tinha casado tardiamente com uma jovem, que sendo de origem nobre, não atingia todavia a prosapia do visconde, que remontava aos tempos dos cruzados. O fidalgo, que levava vida de aventuras galantes pelos locutorios dos conventos, pelas vielas e salões, estava cansado, gasto e exausto de fazendas e bens, quando se consorciou. O seu casamento com D. Maria da Silveira restaurára-lhe a fortuna, mas não lhe restaurára as fôrças perdidas. Quando se

uniram na capela do palacio, contava êle cinquenta e seis anos e a noiva dezoito primaveras. A jovem, álem de rica, era bastante formosa. De figura meã, mas bem proporcionada, tinha o rosto oval, onde brilhavam uns olhos castanho-escuros, cheios de vida e alegria. Os lindos olhos mais se destacavam ainda na alvura do rosto e dos polvilhos do penteado á *alemôa*. Um sinal de tafetá ao canto dos labios vermelhos — *o beijocador* — punha-lhe uma nota atrevida no rosto simpatico.

D. Maria por morte de uma avó ainda herdaria muito boas dobras e bons cruzados. Herdaria com a condição de a neta lhe dar em vida um bisneto, ao qual ela deixaria absolutamente ficar toda a sua fortuna. Se o bisneto não viesse em sua vida, a herança iria parar direitinha a um convento de Capuchos. Casado havia três anos, o casal ainda não dera o fruto do matrimonio. Isto trazia o visconde desolado e a esposa triste. O visconde galanteador, para se distrair dos seus aborrecimentos, quis voltar á vida desregrada e principiou a arrastar a asa á actriz espanhola Izabel Gamarra. Uma noite, porém, Valentim de Noronha, amante da actriz, desasou-o no bêco do Lopo Infante, junto do Teatro das Arcas, aplicando-lhe um par de estocadas. Dois meses de leito, a lição e os conselhos do seu confessor, tornaram-o ponderado, e desde então, com o auxílio da viscondessa, só pensou em dar um sucessor ao seu titulo e um herdeiro ao ouro da avó da esposa. Durante dois anos fizeram todo o possivel por cumprir o pre-

ceituado pela velha fidalga. Desesperados, viam passar luas novas e velhas, cheias e vazias, sem que leves indicios dessem a perceber que o desejado herdeiro estivesse a caminho dêste mundo.

Aos musculos vigorosos do preto deveu a viscondessa não sofrer um desastre grave, quando a cadeirinha tombou.

Recorreram então aos mais afamados medicos da côrte. O dr. Elliot prescreveu-lhes, como remedio

eficaz, o regime alimentar de leite de burra. Durante meses a dieta foi rigorosamente cumprida, mas os resultados foram nulos. Consultado o médico e frade Manuel de Azevedo, este, atribuindo a esterilidade dos esposos ao *quebranto* e mau olhado, indicou-lhes as receitas que vêm no seu livro *Correcção de abusos introduzidos contra o verdadeiro metodo da medicina, e farol medicinal para medicos, cirurgiões e boticarios.* Tentadas as receitas, falharam em toda a linha.

Como o tempo fôsse passando e a avó da viscondessa insistisse pelo bisneto, o bom do visconde resolveu ir consultar o celebre dr. Machuca. A conferencia foi secreta e prolongada. Ninguem ao certo soube o que o famigerado médico lhe receitou, mas o que se tornou notorio de toda a gente, foi o visconde começar a receber no seu palacio um primo da esposa, capitão de cavalos, moço desempenado, garboso e espadachim. O capitão de cavalos passou a ser muito assiduo junto da viscondessa, acompanhava-a para toda a parte e ficava no palacio quando o visconde se ausentava em caçadas e visitas ás suas propriedades. Isto deu motivo a murmurios, mas certamente infundados, porque o almejado herdeiro não aparecia. E como este não aparecesse, os viscondes procuraram a ajuda da igreja e das bruxas. Missas foram ditas, promessas foram feitas, e a viscondessa rilhou centenas de *Santas Teresas* de barro cru, cheias de preciosas virtudes, perfumadas e vendidas pelas carmelitas. Os resultados continuaram a

ser negativos. Foi tomado no palacio do Bairro-Alto, para guia espiritual da viscondessa, um vigoroso frade bernardo, de gordo cachaço e larga venta, a quem eram atribuidas, além da *sua paternidade*, muitas mais *paternidades*... Fr. Bernardo da Consolação, cheirando pitadas de *amostrinha*, formou ao lado do capitão de cavalos no acompanhamento da viscondessa. Nem com este *socorro... espiritual* a encantadora fidalguinha teve de alargar o cós do seu manteu e as sáias de seda. Da Pampulha veio uma bruxa das mais conhecidas da côrte que a trôco de bons cruzados fez defumadouros, bagatas e benzeduras. Trabalho inutil e improdutivo; o herdeiro não deu sinais de vida.

*

* *

A desolação no casal tornara-se em desavença, e os esposos, despeitados, atribuiam um ao outro o defeito da falta do herdeiro. Estavam as coisas neste pé, quando chegou do Brasil um irmão do visconde, que havia enriquecido no govêrno duma das provincias. Àlém de presentes de lindas joias cravejadas de diamantes, trouxera tambem para o casal um soberbo escravo negro. O irmão do visconde ausentou-se breve para o seu solar no Minho. O preto ofertado, á falta de melhor emprêgo, ficou ao serviço da viscondessa no transporte da sua cadeirinha. O negro, belo exemplar da sua raça, musculoso e bem formado, era uma

estatua de bronze. Não exagerâmos e cremos que, por pintarem de preto o Apolo de Belveder, este por isso, não deixaria de ser o mais perfeito tipo da formosura plastica. Àlém das suas belas qualidades físicas, Benedito era um negro apresentavel e de bôas maneiras. Domesticado pelo seu antigo senhor, o preto tornara-se uma criatura civilizada. Nos primeiros tempos de serviço, a viscondessa nem sequer o notára, entre a turba dos seus lacaios e escravos. Foi necessario um dia, vindo ela do Terreiro do Paço para o Rocio, que junto do Arco dos Pregos, um coche viesse de encontro á cadeirinha e a chocasse violentamente, para então admirar a fôrça, o sangue-frio e a coragem de Benedito. Aos musculos vigorosos do preto deveu a viscondessa não sofrer um desastre grave, quando a cadeirinha tombou. E mais admirada ficou quando viu Benedito tirar um dos varais e zurzir com ele o cocheiro e os moços de taboa do coche, deixando-os bem desancados. Quando o preto voltou deu lhe uma bolsa de ouro, murmurando para si :

— Que belo e valente mocetão! E' pena ser um pouco escuro!...

Contada a façanha no palacio, o visconde ordenou que Benedito passasse a escudeiro da senhora. Grande intimidade começou desde então a haver entre o garboso Benedito e a jovem e formosa viscondessa. Era êle quem a acompanhava aos *lausperennes,* ás procissões, ás novenas, aos autos-de-fé e ás touradas. Pela semana santa, houve

mesmo um dia em que ela, ainda embiocada e de capote, e êle embuçado numa capa, só voltaram de madrugada. No toucador era o Benedito quem ajudava a senhora nos penteados, porque tambem

—Um negro! Isso não é meu! Não é meu! Não é meu!

era um pouco cabeleireiro. E quando ela tocava cravo era o negro quem voltava o papel da solfa. Nos dias de calor, a molesa, invadindo o corpo delicado da viscondessa adormecia-a. Então o negro, subtilmente, pegava-lhe ao colo, indo deitá-la no leito de xarão. O capitão de cavalos e o frade bernardo andavam despeitados com tanta intimi-

dade. Emquanto ao marido, êsse só pensava no herdeiro que tardava, não reparando na predilecção da viscondessa pelo negro.

*

* *

Finalmente um dia — fazia três meses que Benedito estava ao serviço privado da viscondessa — esta notou, cheia de jubilo, que estava no seu estado interessante. A boa nova correu por todo o palacio. O visconde, vaidoso, beijando alegremente a esposa, exclamou:

— Cumpri a minha missão, viscondessa! Agora posso descansar...

O capitão de cavalos, fanfarrão, pôz a mão nos copos da espada e fazendo tilintar as esporas, radiante, bradou:

— Levou tempo, mas até que emfim!

O Frei Bernardo da Consolação sorveu pelas ventas um punhado de rapé, pôs os oculos de azelha, sacudiu as camandulas e bochechudo, risonho, muito convicto da sua *paternidade*, disse:

— Custou, mas foi!

Talvez por modestia, Benedito foi o unico que ficou calado. Rodeado de cuidados, a esperança e as esperanças avolumavam na viscondessa a olhos vistos. Como nestes casos, em regra geral, nunca ultrapassa o tempo devido, a seu tempo e com uma hora pequenina, a viscondessa deu á luz o

suspirado herdeiro, ha tanto tempo desejado. Era meio dia quando a bela viscondessa teve o seu bom sucesso. Pelas duas horas uma criada grave, saindo da alcova, trouxe envolto em rendas e cambraias o recem-nascido, vindo mostrá lo ao visconde, que esperava na ante-camara. O feliz pai estava cheio de orgulho e de alegria. O seu orgulho e a sua alegria foram de pouca duração. A luz do dia, entrando pelas janelas, iluminava em cheio o herdeiro. Este era um menino, robusto e roliço, mas negro como um tição.

O visconde, assombrado, assestando o monoculo, sentiu os *cabelos... da cabeleira* pôrem-se-lhe em pé, e caíndo em si, colerico, começou a berrar:

— Um negro! Estou desonrado, viscondessa! Isso não é meu! Não é meu! Não é meu!

Da alcova, a viscondessa, ouvindo o despauterio, respondeu lhe com voz cansada, dolente mas calma:

— Que séca! E que barulho tamanho! Creio que ainda ninguem disse ao visconde que o pequeno fôsse seu!

Os misterios da casa de campo

Este Paulo e Virginia ... Clara, não foram obra de Bernardin de Saint-Pierre; foram obra do acaso. Fôra o acaso que os unira na paroquial de S. Vicente de Fóra. O Paulo Chamiço, que de muito novo abraçára a gloriosa carreira comercial, principiára em marçano e acabára em patrão, tomando de trespasse uma mercearia na Rua dos Remedios. A Virginia Clara, essa tinha sido costureira e trabalhava em roupas brancas. Frèguesa de Paulo, caíra-lhe em agrado e depois caíra-lhe nos braços. Paulo e Virginia, que se queriam muito, não foram todavia muito felizes no comêço do seu matrimónio. Os negocios de Paulo não corriam bem e por duas vezes quebrou. Esta dupla *hernia... comercial* deixara-o cheio de dívidas e falto de crédito. Felizmente veio a guerra, a peste e a fome, e o Paulo começou a *engordar*. Isto de engordar é figurado, porque o

Paulo foi sempre sêco de carnes e enxuto de banhas. A Virginia sim; essa, que fôra uma trinca-espinhas, engrossára, mas o dinheiro tornara-a fina.

Indo o negocio para cima, Paulo alargára-o para os lados do Campo Pequeno, abrindo mais duas mercearias. Ainda não está pôdre de rico, mas deve estar em comêço de *putrefacção* numa importancia de quatrocentos contos. Economicos, Paulo e Virginia, se mudaram de casa não mudaram de habitos simples. Uma criada lhes basta para todo o serviço. A Virginia, que sempre tivera a paixão do verde, isto é, que sempre amára o viver campesino, tanto maçou o Paulo para comprar uma casa no campo, que êste acedeu ao desejo da esposa. Tendo lido o anúncio da venda de uma quinta e moradia, comprou-a por cem contos. A propriedade, que se compunha de um velho casarão com mais aspecto de granja do que solar, tinha a circundar o edificio um pomar e horta e algumas terras de semeadura. A casa estava em parte mobilada, mas ha muito que não era habitada. No princípio de Agosto, para fazer a vontade á mulher, Paulo resolveu ir passar no campo dois mezes da estação calmosa. Partiram, levando a Conceição, a criada.

*

* *

A quintarola ficava situada num lugar ermo, a dez quilometros do caminho de ferro. Chegados,

e tomada a posse dos dominios, tratou-se do jantar. A's cinco horas a Conceição serviu-o. O Paulo tirou a sopa e ao meter uma colherada na bôca reparou que boiavam dezenas de moscas no prato.

—Um sapo! Agora um sapo! exclamou, vermelho de cólera, o Paulo.

Indignado e barafustando, chamou a criada:

—Então que porcaria é esta? A sopa cheia de moscas?!...

— Na panela não cairam. E aí está a senhora, que foi quem a tirou para a terrina...

— E' verdade, fui eu que a tirei e não vi nenhuma, certificou a esposa.

— Isso entrou depois... São da estrumeira, que tem lá um mosquedo medonho!

A criada passou o cozido. O Paulo meteu o garfo e trouxe espetado um grande rato.

— Isto é de mais!... Você é uma porca, uma javarda!... Agora um rato meio delido!...

— O' meu senhor, juro-lhe que não tenho culpa; andam lá na chaminé ás centenas...

Então a Conceição, um tanto chorosa, foi buscar o guisado que pôs na mesa. Desta vez foi a Virginia que, ao meter a colhér no môlho, tirou de lá um sapinho.

— Um sapo! Agora é um sapo! exclamou êle vermelho de cólera.

— O senhor bem sabe que eu sou uma cozinheira asseada... E está-me a acusar do que eu não tenho a culpa!

E a Conceição, limpando as lagrimas ao avental, acrescentou:

— Isso do sapo foi obra das bruxas!

Como estavam numa sexta feira, o argumento calou no animo do Paulo, que acreditava em bruxedos. Tendo se retirado a criada e ficando só com a esposa, ainda o Paulo barafustou por algum tempo. Vindo a noite, cansados e cheios de fome, resolveram ambos ir deitar-se. Quando estavam nos seus aposentos, ficaram pasmados de ver

as paredes a escorrer agua e pelas gretas do sobrado germinar uma plantação de cogumelos. O Paulo, que sofria de reumatismo, dizia mal á sua vida por ir passar uma noite num lugar tão humido. Dormiam, quando acordaram sobressaltados pelos gritos da Conceição, que batia á porta do quarto a murro fechado. Êle, estremunhado, saltou da cama e foi abrir. A Virginia, assustada, sentou-se no leito. A criada, esbaforida, entrou no quarto.

— Ai, minha senhora! Andam almas do outro mundo cá em casa!

— Que nos diz, Conceição?! exclamou Paulo, enfiado.

— Eu digo tudo... Quando me deitei comecei a ouvir gemidos debaixo da cama... Admirada, levantei-me e fui espreitar... Estava a vêr, quando me deram uma grande palmada no...

— Sim senhor, compreendemos! Credo! Isso é coisa má, disse o Paulo, batendo os dentes.

— Aterrada, voltei para a cama... Então, começou uma voz a dizer: «Estou no inferno! Quero missas, quero missas!» Ai! meus ricos patrões, fugi e vim bater-lhes á porta...

A Virginia estava verde e o Paulo azul.

— E agora, meus senhores, pelo amor de Deus, deixem-me passar o resto da noite na casa aqui ao lado...

Paulo e Virginia acederam aos rogos da criada e esta retirou-se. No leito, o casal já estava arrependido de ter ido para o campo. Como tudo

caísse em silencio, voltaram, porém, a adormecer. De repente, mãos cheias de terra, atiradas contra as vidraças, acordaram-os novamente. Eram punhados sôbre punhados. Entre os lençois, Paulo e Virginia tremiam como se estivessem atacados de sezões. Aquilo durou uns cinco minutos, voltando o silencio. Mais serenados, cedendo ao sono, repousaram. Dormiam profundamente, quando novos gritos da Conceição os acordaram. A rapariga, do outro lado da parede, berrava:

— Acudam me, meus senhores! Uma cobra de mais de cinco metros e três centimetros, sarapintada, e com a lingua de fóra, saiu aqui de um buraco! Ai! mãe do ceu! Então não me acodem?!

Era o acodes. Paulo e Virginia, enrolados na roupa, não davam sinal de existencia.

— Lá vai ela! Lá vai a cobra!

Os dois, com os cabelos em pé e os olhos esgazeados, não viam a *fera*, mas sentiam o ondular da serpente no corredor, atirando galões e dando chicotadas com a cauda na porta do quarto. Mais uma vez voltou o silencio, pesado como chumbo. Paulo e Virginia é que já não podiam pregar ôlho. E se o fizessem, teriam acordado mais uma vez. A Conceição voltára a berrar:

— Agora é um lobis-homem! Tem uns olhos que parecem duas lanternas... Lá está ele a rebolar-se!

Efectivamente, fóra do quarto sentia-se um corpo pesado aos baldões. Paulo e Virginia tremiam. Aquilo do lobis-homem era para o pobre

merceeiro muito superior á tempera do seu espirito. Nesta altura, não podendo suportar mais sustos, sucedeu lhe o mesmo que a Sancho Pança, na aventura dos Pisões. Entretanto vinha raiando a

...I agora que se acavaram as aosencias, arreceve muntos veijinhos até à Morte, da tua—Jaqina da Conceissão.

aurora. Quando era dia claro, Paulo, cobrando mais algum ânimo, ordenou á criada:

— O' Conceição, se ainda está viva, aquêça-me a agua para o banho... E logo em seguida trate-me das malas, porque não quero estar mais uma hora nesta maldita casa!

*

* *

No dia seguinte, no quartel dos Loios, o Joaquim Russo, 2.º cabo, lia a carta que segue, escrita neste estilo e ortografia:

«Meu grido Jaquim du meo curassão — A tua saode é o queu deseijo assima de tudu. Eu bõa garças adeus. As estresta gemas que mim inçinastes pra não nus Demurarmus aqi, i não enterrompermus os noços Amores derão us resultados previstus. Tiverão un gintar de soupa de mouscas, ódipois cuzido de rato i a seguir un çapo guisado. Intão ódipois fiz-le o que tu mandastes, mulhei as paredes du cuarto e metile nas gretas du çubrado os cugumelos da lata de conserba. Ha noite intão é que foi o vom i o vonito pur um Pouco qe não xürei a rir, com os çustos qe les preguei. Prumeiro caxeime das Almas do oitro mundo, ódipois atirele com maxeias de terra aus bidros, ódipois fiz le a covra com uma corda arrastada pelo xão i acavei de fazer o lovo-is-home com um banco da cuzinha. O sinhore Paolus apanhou um çusto qe le fez mais innfeito de qe uma purga de sulifato, i a sinhora Brigina está amarela como uma Sidra. Vinhão pra paçar 2 mezes i não se demurarão 2 Dias. Amanham ha noitte, já mi podes falar á jinela das trazeiras. I agora que se acavaram as aosencias, arreceve muntos veijinhos até á Morte, da tua — **Jaqina da Conceissão.**

As alviçaras...

Só quando a canicula aperta a valer é que eu parto para as minhas propriedades de Vale de Perdigotos. Entretanto, como a temperatura está fresca, vou todas as tardes para a Avenida cavaquear com o meu amigo Marcolino Pardal. Ha para aí quem embirre com os pardais da Avenida, por serem *inconvenientes;* eu, dêstes, só posso dizer o melhor possivel. E' o Pardal um rapaz do meu tempo e antigo empregado da *Junta Consultiva dos Bancos... de cozinha*. O banco onde êle mais *pousa* é o que fica junto ao monumento de Pinheiro Chagas. E' ali que nos reunimos e passâmos horas a contemplar a atitude e o *estado... interessante* da morgadinha. Ora, quando não contemplâmos, conversâmos. E conversando, falâmos um pouco de tudo. Discutimos a carestia da vida, a imortalidade da alma, o modernismo, o encerramento das batotas, as novidades literarias, o integra-

lismo, a quadratura do círculo, as doenças nervosas, a infalibilidade do Pápa, o amor livre, etc., etc. E todos os dias fechâmos as nossas discussões por atribuir todos os males fisicos, morais e materiais ao govêrno.

A's vezes tambem desviâmos a vista da morgadinha, para a pousar nas mulheres que passam... E como ha dias passasse uma que me deu nas vistas, comecei a olhá-la com atenção. Era uma *pequena* gentil, de olhos rasgados, nariz atrevido e bôca minuscula. Pisava airosamente e vestindo um tecido leve, ia elegantemente *despida* pelo último figurino. A sua passagem causou sensação entre os passeantes.

O Pardal, que estava abstracto e mudo, só reparou na dama quando ela se afastou. Então, num sobressalto, deu-me um safanão e abriu o bico perguntando-me:

— Viste aquela mulher que passou junto de nós?

— Vi! E por sinal achei-a muito interessante...

— E sabes quem ela é?

— Não.

— E' a Alda Prazeres... Foi esta a que arruinou o Policarpo Ideias... E por causa dela ficou êle a dever-me cinquenta contos!...

Eu, que conhecêra um pouco o Ideias, e que sabia ter desaparecido da circulação, depois de esbanjar a fortuna, ignorava ser êle devedor ao Pardal de uma quantia tão importante. Surpreendido com a novidade, preguntei admirado:

— O Ideias ficou a dever-te cinquenta contos?!

— Redondinhos!
— Mas que tem essa mulher com a dívida?
— Muito, meu caro!

... senti a vista atraida por uma inscrição a tatuagem, que a dama tinha na epiderme.

Pardal tirou o relógio e vendo que ainda era cedo, retomou a palavra:

— Isto são contos largos, mas como o caso parece interessar-te, escuta a história.

Então o Pardal acendeu um cigarro, pigarreou, cuspiu e principiou a narrativa.

*

* *

—Como deves estar lembrado o Policarpo Ideias, especializado em diversas engenharias, era um homem extraordinario. Cerebro privilegiado, o Ideias tinha ideias para tudo. Foi êle que durante a guerra apresentou ao sr. Norton de Matos a famosa descoberta do aproveitamento do suco das cebolas para bombas lacrimogenias. Reconhecidos os meritos do Ideias, foi encarregado pelo mesmo ministro da mobilização dos *tijólos-refractarios* obrigando-os ao serviço militar nos fornos de campanha. Em tempo de paz são dele os projectos e patentes de invenção : de um sistema de *carris... de ferro esmaltado*, de um pára-raios individual, portatil, ambulante e adaptavel aos guardas-chuvas; da utilização do *fogo das paixões* como materia iluminante e combustivel; das *gabardines* blindadas e impermeaveis á *chuva... de balas* para dias de revolução, da estabilidade dos aeroplanos no espaço, prendendo-os a *correntes d'ar*. E sobretudo o que lhe deu muito dinheiro foi a instalação de uma fábrica de moagem e serração, aplicada à extracção de *farinha... de páu*. Este invento foi-lhe pago a pêso de ouro pela firma moageira, Serra, Madeira, Limitada. Quando lhe aconteceu o fracasso, estudava o Ideias a construção de um

pára-quedas... ministeriais. Pois êste portento, esta gloria nacional, que criára um nome e fizera uma fortuna, era na sua vida íntima uma criatura infeliz. Sendo casado, quatro vezes se divorciára por infidelidade das esposas. E extra-matrimonio dez vezes tivera de quebrar relações com outras tantas damas, por estas o enganarem. Era uma grande cabeça, que viera a este mundo para os grandes inventos e para as grandes traições. O pior de tudo neste triste viver é que, quando ele vinha a saber da sua desgraça, já toda a gente estava farta de a conhecer.

Uma noite encontrei o Ideias á porta do «Royal» Abancámos; êle tomou *whisky* e eu *cognac*. Estava muito alegre e satisfeito, e eu, vendo o seu contentamento, preguntei-lhe:

— Estás bem disposto... Resolveste mais algum problema, temos um novo invento?

O Ideias, a quem a nossa intimidade e o quarto calice de *whisky* tornára comunicativo, respondeu:

— Um invento, sim, mas para uso doméstico... Como a minha predestinação quere que todas as filhas de Eva me enganem, descobri um processo, não para evitar o mal, mas para que seja o primeiro a sabê-lo antes que os outros o saibam. E agora, que estou nas melhores relações com uma gentil criaturinha, vou pôr á prova a minha descoberta.

Fiquei um pouco intrigado com o invento do Ideias, mas momentos depois despediamo-nos e eu esquecia o caso.

Dois meses após êste encontro, entrando eu uma noite no «Piramidal Club», alguem me apresentou aquela dama que ha pouco aqui passou. Foi então que eu soube chamar-se Alda Prazeres. Muito gentil e insinuante, sabendo o que dizia, conversámos longo tempo. A' saída do club, como dissesse morar longe e já não haver meios de condução, ofereci-lhe a minha casa de solteirão, ao que ela gostosamente acedeu.

Na manhã seguinte, Alda, fazendo a sua *toilette*, ao esticar uma meia, mostrou uma pequena parte da côxa. Eu, que casualmente olhára, senti a vista atraída por uma inscrição a tatuagem, que a dama mostrava na epiderme.

Sem que a minha linda visita se apercebesse, num relance li o letreiro. Era o seguinte: *50.000$00 dão-se a quem ler esta oferta—Policarpo Ideias.* Veio-me então á memoria a conversa que tivera no «Royal» com o Ideias. Era aquele o estratagema para saber primeiro do que ninguem quando fôsse enganado. Bem imaginado, não havia dúvida! Disfarçando a minha perturbação, acompanhei a Alda Prazeres até á porta, onde afectuosamente me despedi dela.

*

* *

Sózinho no meu gabinete, experimentei no cerebro uma verdadeira tempestade. Os pensamentos chocavam-se e a minha razão perdia-se

por entre êles. Que fazer? Deveria ir acusar aquela mulher, com quem passára algumas horas de encantador convivio? E como explicar a parte que eu tinha na traição? Como sofreria o Ideias o

— Para ti, meu caro Pardal, já não ha *milho*. Tens, em compensação, um abraço de despedida...

golpe? Mas se não fôsse perdia os cinquenta contos das alviçaras... E cinquenta contos eram ou não uma razão de pêso? Era necessario saír desta situação, tomando uma resolução. E saí, tomando um auto em direcção á casa do Ideias. Chegado, entrei e fui encontrá-lo rodeado de malas, em

traje de viagem. Admirado com a minha visita, preguntou:

— Como adivinhaste que eu partia?

Ficando desconcertado e embaraçado, respondi:

— Não sabia que partias...

— Então a que vens?

Tomei coragem e resolvi entrar no amago da questão.

— E' com profundo pesar que venho dar-te uma triste nova... A tua amante...

O Ideias interrompeu-me, exclamando:

— Escusas de perder mais palavras!... Já sei: lêste tambem a tatuagem na côxa da Alda e vens pelos cinquenta contos de alviçaras?! Sinto muito dizer-te, mas já vens tarde...

— Venho tarde?!

— Vens, sim! Estou arruinado e não posso pagar-te... Eu explico... Ha cinco dias apareceu-me um quidam a reclamar as alviçaras. Contente por ser desta vez o primeiro a sabê-lo, paguei os cinquenta contos e puz a Alda na rua. Ha quatro dias apareceram-me dois cavalheiros a reclamar novas alviçaras; paguei os cem contos e comecei a compreender que tinha feito uma grande asneira em pôr a Alda na rua sem lhe apagar a tatuagem. Ha três dias, três sujeitos vieram reclamar mais alviçaras; para honra da firma paguei os cento e cinquenta contos. Ha dois dias, mais quatro individuos se apresentaram ainda pelas alviçaras. Pagos os duzentos contos, vi que estava arruinado. Ao todo desembolsára quinhentos contos!

Compreendi que dentro em pouco os reclamantes seriam aos milhares e então resolvi fugir. E assim faço, partindo para a America, onde tenciono refazer a minha fortuna. Para ti, meu caro Pardal, já não ha *milho*. Tens, em compensação, um abraço de despedida...

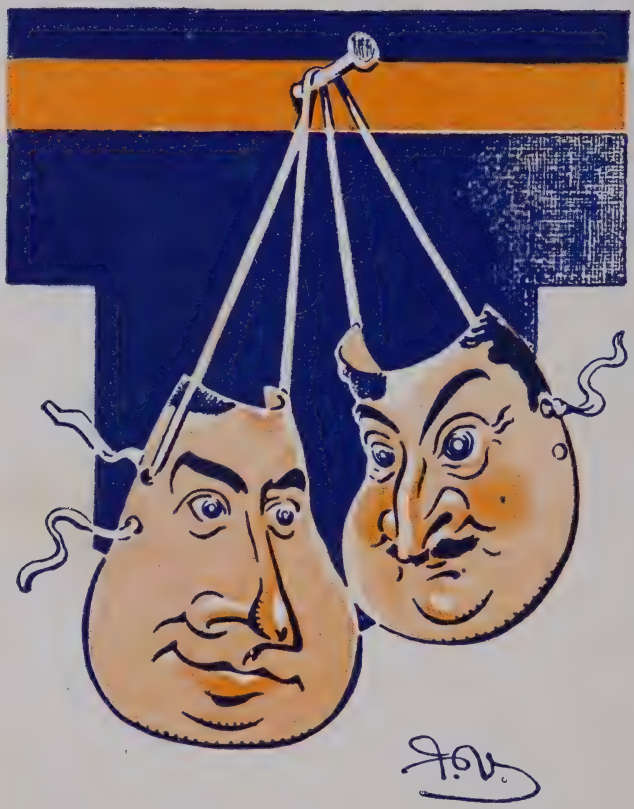
E foi assim que, por causa daquela dama de ha pouco, o Ideias me ficou a dever cinquenta contos!...

INDICE

Proemio 7
Uma vitima dos «carteiristas» 11
Um homem fadado para as letras 21
Era forçoso 29
Viagem sentimental... e culinaria 37
Um romantico 45
Memorias de Felisberto Bravo 55
A historia triste de Adão Calisto Maldonado 63
O sentimento da honra na idade da pedra 71
O feitiço contra o feiticeiro 81
Está tudo falsificado 91
O meu primo tem cara de juiz sindico 101
—Digo tudo á Alice 111
Um precursor do futurismo 119
Estabelece-se a verdade acêrca do José do Egito. 129
A valorisação da moeda 139
Uma celebridade musical 147
O pagem de olhar penetrante 155
Uma prova esmagadora 163
Protése dentaria 171
A cadeira do teósofo 179
Porque casou o Salustiano? 187
O' Teles... do Poço dos Mouros 197
O herdeiro 205
Os misterios da casa de campo 215
As alviçaras 223

ERRATAS

Apesar da revisão do livro ter sido feita por um mancebo de grandes olhos pretos, vivos e perscrutadores, algumas *gralhas* lhe escaparam, *gralhas* que o leitor inteligente e *caçador* matará com um *golpe... de vista.*



IMPRENSA LIBANIO
DA SILVA
Trav. Fala-Só, 24—Lisboa

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00000796945